

**unesp**  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
Faculdade de Ciências e Letras  
Campus de Araraquara - SP

MARÍLIA GUIMARÃES FERNANDES

**DIÁLOGO ENTRE REVISTAS E REDES  
SOCIAIS: paródia e carnavalização no discurso sobre  
mulher e política**



ARARAQUARA – S.P.

2019

MARÍLIA GUIMARÃES FERNANDES

**DIÁLOGO ENTRE REVISTAS E REDES  
SOCIAIS: paródia e carnavalização no discurso sobre  
mulher e política**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa

**Linha de pesquisa:** Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais

**Orientador:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marina Célia Mendonça

ARARAQUARA – S.P.  
2019

F363d                      Fernandes, Marília Guimarães  
                                    DIÁLOGO ENTRE REVISTAS E REDES SOCIAIS :  
                                    paródia e carnavalização no discurso sobre mulher e  
                                    política / Marília Guimarães Fernandes. -- Araraquara,  
                                    2019  
                                    130 p.

                                    Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista  
                                    (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara  
                                    Orientadora: Marina Célia Mendonça

                                    1. Estrutura, organização e funcionamento discursivos e  
                                    textuais. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.  
Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados  
fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

MARÍLIA GUIMARÃES FERNANDES

**DIÁLOGO ENTRE REVISTAS E REDES  
SOCIAIS: paródia e carnavalização no discurso sobre  
mulher e política**

Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa:** Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais

**Orientador:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marina Célia Mendonça

Data da defesa: 31/07/2019

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marina Célia Mendonça (UNESP)**

---

**Membro Titular: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Grenissa Bonvino Stafuzza (UFG)**

---

**Membro Titular: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Assunção Aparecida Laia Cristóvão (UNIFRAN)**

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
**UNESP – Campus de Araraquara**

Às pessoas que, antes de mim, trabalharam e conquistaram a possibilidade do debate, da livre expressão e da atuação de mulheres onde elas quiserem.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a todas as forças que me guiam em minha caminhada.

Agradeço à minha mãe Melissandra e a meu pai Eduardo, por me proporcionarem toda estabilidade, afeto, carinho e amor, essenciais para minhas conquistas pessoais e profissionais. Agradeço a eles por todo incentivo ao estudo, ao questionamento e ao trabalho, sem que percamos de vista a celebração da vida. À minha irmã Emília, a meu irmão Antônio e a meu sobrinho Tomás, meus agradecimentos por caminharem ao meu lado, contar com vocês, com certeza, traz leveza em meu andar e na realização das minhas ações. Agradeço às mulheres da minha família, que prepararam todo o terreno para que eu colhesse os frutos hoje. Em especial agradeço às que dividiram/dividem espaço e tempo comigo, minha avó Ruth, minha madrinha Marilene, minha avó Lalia, tia Terezinha, tia Beta, tia Zélia, tia Clécida, tia Socorro, tia Celina, tia Dione, tia Zinete, tia Zefinha e tia Quinquina.

À minha orientadora, Marina, agradeço por todo aprendizado teórico e aprendizados que vêm de suas ações enquanto professora e orientadora, sempre se fazendo presente, cuidadosa com as palavras, atenciosa, paciente e compreensiva. Agradeço pelo incentivo e pela leveza proporcionados na realização deste trabalho e na minha formação enquanto professora e pesquisadora.

Agradeço às amigas e amigos que cultivo ao longo da minha vida, pessoas que trazem o aconchego ao meu coração apenas por saber que estão ali, mesmo que distantes. O aconchego vem na lembrança, na ligação, na conversa virtual, nos encontros repletos de risadas (ou choros). Em especial, agradeço aos que me acompanharam na jornada acadêmica e que levo para a vida, Isa, Kleiton, Mari, Rebeca, Marco, Heitor e Gabi, companheiros de graduação, trabalhos, estágios, festas, reuniões, lutas, irmandade, profissão. Ao Heitor também agradeço por todo o auxílio que pude contar para escrever meu projeto de mestrado, entre partilhas teóricas e correções de texto. Agradeço ao Darlan, que, com toda sua destreza em línguas estrangeiras me auxiliou nas traduções necessárias para a realização deste trabalho.

Agradeço a quem mais esteve ao meu lado fisicamente nesse último ano de mestrado, por morarmos na mesma cidade, dividindo as conquistas, rasteiras, angústias e alegrias do dia a dia. Gratidão à Dry, por se fazer presente com sua leveza e sorriso no rosto, sempre exprimindo palavras que me lembram dos meus potenciais; gratidão ao

João, que segurou minha mão nos momentos de insegurança e muito enriqueceu o desenvolvimento desta pesquisa, através de debates engrandecedores, com seu olhar de jornalista e seu vasto conhecimento sobre política e mídia, além de suas atenciosas leituras e ajustes textuais.

Por fim, agradeço a todas as professoras e professores com quem tive o prazer de aprender e que são peças fundamentais para a realização das minhas ações atuais. Agradeço à FCL e a todos seus funcionários pelo funcionamento deste espaço que componho e que compõe parte da minha vida.

“A DESCOBERTA

Anos de estudos

E pesquisas:

Era no amanhecer

Que as formigas escolhiam seus vestidos.

Manoel de Barros (1999,  
p.63)

## RESUMO

Essa pesquisa analisa o diálogo que se deu entre revistas e redes sociais, em que, no momento histórico do *impeachment* da presidente Dilma Roussef, vimos emergir discursos que diziam respeito não só a ela, mas também à condição de uma mulher em situação de poder. Buscamos compreender os conflitos de valores sobre a mulher na inter-relação dos discursos da mídia impressa de grande circulação e das redes sociais. Ou seja, analisamos como se dá o ato responsivo ativo nos discursos produzidos por meio de *hashtags* e *memes* nas redes sociais em réplica aos discursos das revistas. O recorte temporal da pesquisa é o período que compreende o contexto político de *impeachment* da presidente Dilma (dezembro/2015 a dezembro/2016). O *corpus* consiste na capa da revista *IstoÉ* (01/04/2016), que traz uma foto de Dilma Roussef representada com um rosto de quem está gritando acompanhada do texto verbal que menciona a sua falta de controle; o meme que, em resposta, parodia essa capa e foi veiculado no *facebook*, com a *hashtag* #histoémachismo; a reportagem da revista *Veja* intitulada “Marcela Temer: bela, recatada e do lar” (18/04/2016), em que a esposa do então vice-presidente Michel Temer é descrita com alguns valores sociais sobre a mulher; e, por fim, selecionamos 11 memes que respondem a essa reportagem e foram veiculados nas redes sociais acompanhados da *hashtag* #belarecatadaedolar. Fizemos a seleção por meio de busca no *Google* e *Facebook*, e escolhemos páginas e não perfis pessoais e também memes com imagens de pessoas públicas, famosas, ou com ilustrações. Usamos estudos no interior da Análise Dialógica do Discurso, fundamentada no arcabouço teórico do Círculo de Bakhtin, com foco em: *ideologia, signo ideológico, conflito de valores, gêneros do discurso, enunciado concreto, compreensão responsiva ativa, carnavalização e paródia* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014. BAKHTIN 2000, 2010a, 2010c. VOLÓCHINOV, 2017 ), *verbo-visualidade* (BRAIT, 2007, 2009, 2011, 2013). Investigamos o uso da carnavalização e da paródia em memes que respondem às revistas, os conflitos de valores sobre a mulher em gêneros diferentes do discurso, cuja materialidade é verbo-visual (capa de revista, reportagem, memes), e, por fim, como se dão os conflitos ideológicos sobre a mulher e suas conquistas no espaço público e privado a partir da representação midiática de Dilma Roussef e Marcela Temer. A partir das análises, compreendemos a complexidade do conflito ideológico, que não deve ser pensado de forma polarizada, mas analisado em sua complexidade, já que vimos discursos de resistência ainda vinculados a valores do discurso oficial, e vimos que as perspectivas ideológicas das mídias e a opinião do público sobre elas são mutáveis. Por fim, compreendemos que a liberdade de escolha da mulher está ligada com sua atuação nos espaços públicos e privados.

**Palavras – chave:** Diálogo entre mídias. Embate ideológico. Paródia. Carnavalização. Mulher. Política.

## ABSTRACT

This research analyzes the dialogue occurred between magazines and social media, where it was possible to see the rise of discourses regarding not only the person of former Brazilian President Dilma Rousseff, but also the status of a woman in a position of power, during the historical context of her impeachment. We aim to understand the conflict of values about women in the interrelation of mass-circulation print media and social media. In other words, we analyzed the active responsive act in discourses produced through hashtags and memes on social networks as a response to the magazines' discourses. In this research, we have investigated material published during the political context of Rousseff's impeachment (December 2015 to December 2016). The corpus comprises the *IstoÉ* magazine cover (April 1<sup>st</sup>, 2016), which shows a picture of a seemingly screaming Dilma Rousseff accompanied by a verbal text which mentions her lack of control; a meme which parodies this magazine cover and was shared on Facebook with the hashtag #istoémachismo (loosely translated as #thisismachismo or #thisissexism); a news story published by *Veja* magazine on April 18<sup>th</sup>, 2016, named "Marcela Temer: bela, recatada e do lar" (Marcela Temer: beautiful, discrete and housewife), where the wife of then-Vice-President Michel Temer is described with some social values around women; and, finally, we have selected 11 memes produced as a response to this news story, which have been shared on social media with the hashtag #belarecatadaedolar. This corpus was selected through Google and Facebook searches and we have chosen pages and non-personal profiles, as well as memes depicting public personalities and famous people or with illustrations. We have used studies within the Dialogical Discourse Analysis based on the theoretical framework of the Bakhtin Circle, focusing on *ideology, ideological sign, conflict of values, discourse genres, concrete utterance, active responsive understanding, carnivalization and parody* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014. BAKHTIN 2000, 2010a, 2010c. VOLÓCHINOV, 2017) and *verbal-visibility* (BRAIT, 2007, 2009, 2011, 2013). We have investigated the use of carnivalization and parody in memes which respond to the magazines, the conflicts of values around women in different discourse genres whose materiality is verbal-visual (magazine cover, news story, memes) and, finally, the ideological conflicts about women and their achievements in both public and private spheres through the media representation of Dilma Rousseff and Marcela Temer. With these analyses, we could understand the complexity of the ideological conflict, which should not be regarded in a polarized fashion, but in its entire complexity, since we have already seen resistance discourse still linked to values of the official discourse and since we have seen that the ideological perspective of media and the changeability of the public opinion about it. Finally, we could understand that women's freedom of choice is linked to their acts in both public and private spheres.

**Keywords:** Dialogue between media. Clash of ideology. Parody. Carnivalization. Women. Politics

## LISTA DE FIGURAS

|   |     |
|---|-----|
| <b>Figura 1</b> Capa da Revista Istoé.....  | 63  |
| <b>Figura 2</b> Paródia da capa da revista <i>IstoÉ</i> .....   | 65  |
| <b>Figura 3</b> Imagem sobre <i>gastlighting</i> veiculada pela página <i>ThinkOlga</i> .....                           | 76  |
| <b>Figura 4</b> Manchete da reportagem da revista <i>Veja</i> .....   | 81  |
| <b>Figura 5</b> Meme com Ada Lovelace.....  | 88  |
| <b>Figura 6</b> Meme com Marie Curie.....   | 91  |
| <b>Figura 7</b> Meme com Rosie The Riveter.....   | 94  |
| <b>Figura 7a</b> Imagem original Rosie The Riveter.....   | 95  |
| <b>Figura 8</b> Meme com Frida Kahlo.....   | 98  |
| <b>Figura 9</b> Meme com Carolina Maria de Jesus.....   | 103 |
| <b>Figura 10</b> Meme com Nina Simone.....  | 106 |
| <b>Figura 11</b> : Meme com fotografia feita por Pirkle Jones, em uma manifestação do partido dos Panteras Negras ..... | 109 |
| <b>Figura 12</b> Meme com Lady Gaga .....   | 111 |
| <b>Figura 13</b> Meme com Dercy Gonçalves.....  | 114 |
| <b>Figura 14</b> Meme com Cassia Eller .....  | 117 |
| <b>Figura 15</b> Meme com cena do filme <i>Ninfomaníaca</i> .....   | 119 |
| <b>Figura 16</b> Meme com discurso sobre a mídia impressa tradicional ser de esquerda .....                             | 67  |
| <b>Figura 16a</b> Meme com discurso sobre a mídia impressa tradicional ser de esquerda.....                             | 67  |
| <b>Figura 17</b> Meme sobre ditaduras de direita e de esquerda.....   | 70  |
| <b>Figura 17a</b> Meme sobre ditaduras de direita e de esquerda.....  | 70  |

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>11</b>  |
| <b>1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS A PARTIR DO CÍRCULO DE BAKHTIN... 16</b>   |            |
| 1.1 Ideologia.....   | 20         |
| 1.2 Diálogo, tema, significação, voz social .....  | 26         |
| 1.3 Enunciado concreto, gênero do discurso, verbovisualidade.....  | 34         |
| 1.4 Paródia e Carnavalização.....  | 44         |
| <b>2 BREVE PANORAMA SOBRE A MULHER EM CONSTRUÇÃO SOCIAL E O<br/>DIÁLOGO ENTRE AS MÍDIAS TRAZENDO À TONA CONFRONTOS DE<br/>VALORES SOBRE A MULHER .....</b> | <b>53</b>  |
| 2.1 Análise da capa da revista <i>IstoÉ</i> em diálogo com a resposta paródica nas redes<br>sociais.....   | 63         |
| 2.2 Análise da reportagem da revista <i>Veja</i> .....   | 81         |
| 2.3 A paródia e a carnavalização em memes: resposta à reportagem “Bela, recatada e<br>‘do lar’” .....  | 86         |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>122</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>126</b> |

## INTRODUÇÃO

Diante da mudança midiática influenciada pelo avanço tecnológico da contemporaneidade, vemos um novo aspecto que possibilita maior heterogeneidade de posições políticas e também maior possibilidade de debate no espaço virtual, principalmente nas redes sociais. Primeiramente, o que despertou nosso interesse para a realização deste trabalho foi o diálogo entre diferentes mídias (revistas e redes sociais). Enquanto a mídia tradicional de revistas impressas continua em cena, tanto as notícias como as respostas a elas ganharam um novo meio de divulgação.

Essa pesquisa analisa o diálogo que se deu entre as publicações periódicas impressas e redes sociais, em que, no momento histórico do *impeachment* da presidente Dilma Roussef, vimos emergir discursos que diziam respeito não só a ela, mas também à condição de uma mulher em situação de poder. Esses discursos circularam em diferentes tipos de mídias, sejam elas periódicos impressos e digitais ou redes sociais e, nesses espaços em que circularam, há conflitos de valores e deslocamentos de sentidos nos enunciados sobre a mulher. Para analisar esses conflitos ideológicos em meio ao diálogo dessas diferentes mídias, selecionamos o seguinte *corpus*:

Capa da revista *IstoÉ* (01/04/2016) que traz uma foto em que a presidente Dilma Roussef é representada com um rosto de quem está gritando acompanhada do texto verbal que menciona a sua falta de controle. A revista apresentou um discurso opositivo ao governo da presidente, no entanto, forma e conteúdo da exposição feita foram respondidas nas redes sociais com a *hashtag* #istoémachismo, em que encontram-se em embate valores não só políticos, mas principalmente questionamentos do discurso sobre a mulher. Constitui também nosso *corpus* um meme que parodia essa capa, o qual foi veiculado nas redes sociais e ilustra parte desse diálogo entre mídias em que valores sobre a mulher na política confrontam-se.

Além desses dois enunciados, selecionamos a reportagem da revista *Veja* intitulada “Marcela Temer: bela, recatada e do lar” (18/04/2016), em que a esposa do então vice-presidente Michel Temer é descrita com alguns valores sociais sobre a mulher, como o próprio título prevê. Em resposta, mais uma vez vemos enunciados nas redes sociais sendo compartilhados por meio de uma *hashtag*, neste caso, #belarecatadaedolar. Fizemos a seleção de 11 memes por meio de busca no *Google* e *Facebook*. As buscas no *Google* nos apresentam memes veiculados em diversas páginas, jornais digitais, blogs etc. Porém os memes que encontramos nos meios que não são as redes sociais estão ali

como exemplo, sendo noticiados, pois foram antes compartilhados nas redes sociais. Selecionamos páginas e não perfis pessoais e também memes com imagens de pessoas públicas, famosas, ou com ilustrações.

Diante desse olhar sincrônico para o objeto de análise, em um primeiro momento, as redes sociais pareciam dar voz a um movimento de mulheres por meio das *hashtags* que foram sendo criadas em resposta a enunciados proferidos seja nas revistas, seja em algum programa de televisão, ou até mesmo criaram *hashtags* como campanhas com propostas de denúncias e compartilhamento de experiências. Grande repercussão começou com a *hashtag* *#meuprimeiroassédio*, lançada pelo Coletivo feminista *Think Olga* em outubro de 2015, em que as mulheres relataram casos de violência que já sofreram. Essa *hashtag* surgiu em resposta a comentários pedófilos que foram feitos sobre a participante do programa *MasterChef Júnior* (Versão infantil do *talent show* de culinária brasileira *Masterchef*. Exibido em 2015 pelo canal *Rede Bandeirantes*). Houve também os casos das *hashtags* *#meuamigosecreto* e *#elesemprefala*, também criadas por coletivos feministas com páginas virtuais, as quais visavam contar histórias de pessoas que haviam sido opressoras em seus comportamentos ou falas.

Em meio a este cenário virtual, a presidente da República era uma mulher, Dilma Rousseff, que ocupava o mais alto cargo de uma nação e pela primeira vez, no Brasil, esse ofício era de uma mulher. Nosso objetivo, aqui, não é analisar o governo ou suas condutas como presidente, mas sim como se dão os conflitos de valores sobre a mulher na inter-relação dos discursos da mídia impressa de grande circulação, como as revistas *Veja* e *IstoÉ*, e das redes sociais. Ou seja, analisamos como se dá o ato responsivo ativo nos discursos produzidos por meio de *hashtags* e *memes* nas redes sociais em réplica aos discursos das revistas. O recorte temporal da pesquisa é o período que compreende o contexto político de *impeachment* da presidente Dilma (dezembro/2015 a dezembro/2016).

Sempre pensando a linguagem na relação com o social, analisamos como esses discursos apresentam comportamentos que mulheres devem e/ou não devem seguir. Essa reflexão sobre a linguagem é feita pensando as relações dialógicas entre esses discursos dessas materialidades e sua relação dialógica com discursos conservadores sobre a mulher, bem como na relação responsiva ativa com discursos que questionam esses.

É importante explicar brevemente o contexto em que se dão esses discursos, ou seja, como se dão os conflitos de valores sobre Dilma Rousseff em situação de *impeachment*, uma mulher em situação de poder (presidente da República), e uma mulher

como primeira dama. Vemos que a mídia que se opõe ao governo, na ocasião do *impeachment*, traz valores ideológicos marcados sobre a mulher quando apresenta críticas à gestão da presidente. Com o *impeachment* de Dilma e a entrada de Michel Temer na presidência juntamente com a Primeira Dama Marcela Temer, foi criado um cenário a partir de comentários que estereotipam mulheres desde a aparência física até comportamentos tidos como adequados da *perspectiva patriarcal*. A ONU Mulheres trata desta questão em nota pública sobre a situação política do Brasil e “condena a violência política de ordem sexista contra a presidente da República”<sup>1</sup>. Quando tratamos desses comportamentos, observamos no *corpus*, por um lado, o comportamento aceito por determinado padrão “bela, recatada e do lar” e, por outro, o comportamento rechaçado por esse padrão, no caso, o de “uma mulher nervosa”, já que historicamente temos a sanidade da mulher sendo questionada. Diante disso surgem os memes que trazem à tona o complexo embate ideológico que se deu no diálogo entre essas mídias.

Usamos estudos no interior da Análise Dialógica do Discurso, fundamentada no arcabouço teórico do Círculo de Bakhtin, com foco em: *ideologia, signo ideológico, conflito de valores, gêneros do discurso, enunciado concreto, compreensão responsiva ativa, carnavalização e paródia* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014. BAKHTIN 2000, 2010a, 2010c. VOLÓCHINOV, 2017), *verbo-visualidade* (BRAIT, 2007, 2009, 2011, 2013). Há três regras metodológicas que serão a base para nossos estudos, são elas:

1. Não separar a ideologia da realidade material do signo [...]
2. Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social [...]
3. Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material [...]. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014, p. 45, grifo do autor)

Portanto, o *signo ideológico* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014) é analisado a partir de seu contexto social e histórico. Levamos em conta as formas de interação social, que, no caso da pesquisa, consistem na interação baseada no sistema patriarcal (SAFFIOTI, 1987). Com base nessa linha teórico-metodológica, analisamos como se dão os conflitos de valores nos discursos da mídia sobre a presidente e nos discursos feministas produzidos nas redes sociais, em resposta à mídia impressa de grande

---

<sup>1</sup> Disponível em < <http://www.onumulheres.org.br/noticias/nota-publica-sobre-a-situacao-politica-do-brasil/> >

circulação. Ou seja, buscamos entrar no domínio da ideologia a partir do signo que adquiriu um valor social (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014, p.46).

O signo, portanto, é considerado nesta pesquisa como associado à forma concreta da comunicação social, bem como ao gênero do discurso. Pois,

O gênero do discurso não é uma forma da língua, mas uma forma do enunciado que, como tal, recebe do gênero uma expressividade determinada, típica, própria do gênero dado. (BAKHTIN, 2000, p. 312)

Assim, o conceito de *enunciado concreto* (BAKHTIN, 2000) é utilizado em nossa análise. Para isso pensamos a *verbo-visualidade* como constituinte do enunciado concreto e que desempenha papel constitutivo na produção de sentidos, não podendo ser separadas. (BRAIT, 2013, p. 44)

Além disso, focamos em compreender o ato responsivo ativo a partir de elementos como *carnavalização* e *paródia* (BAKHTIN, 2010a, 2010b).

A etapa inicial do estudo consiste em um aprofundamento dos estudos bibliográficos de e sobre o Círculo de Bakhtin.

Após esta etapa, promovemos estudos a respeito das teorias de gênero e fazemos um estudo sobre o ser mulher diante das regras sociais de beleza, no âmbito do trabalho e no que diz respeito ao comportamento socialmente aceito de uma mulher. Em seguida, a partir das análises, vemos como ocorrem os conflitos de valores sociais na mídia atual, pois este estudo busca entender como se dá o diálogo entre revistas e redes sociais e como esse movimento mais recente se insere no interior das lutas políticas.

O objetivo da pesquisa consiste, de forma geral, em compreender como se dá o ato responsivo ativo nos discursos sobre a mulher no espaço público produzidos nas redes sociais em réplica aos discursos da mídia impressa de grande circulação, em um contexto político de *impeachment* da presidente Dilma. Já os objetivos específicos são: Investigar o uso da carnavalização e da paródia em memes que respondem às revistas; investigar os conflitos de valores sobre a mulher em gêneros diferentes do discurso, cuja materialidade é verbo-visual (capa de revista, reportagem, memes); investigar como se dão os conflitos ideológicos sobre a mulher e suas conquistas no espaço público e privado a partir da representação midiática de Dilma Roussef e Marcela Temer.

Desta forma, é importante que compreendamos a manifestação da voz da mulher, dentro de um sistema patriarcal, em respostas a discursos que falam sobre ela. Além disso, diante de um estudo da e sobre a linguagem e seus inúmeros mecanismos, analisamos

elementos que contribuem para a produção de sentido dessas respostas nas redes sociais, e aqui investigamos os conceitos de carnavalização e paródia em Bakhtin e sua relação com movimentos sociais.

Fazendo, portanto, esse estudo da linguagem vinculada ao contexto social, salientamos que a estrutura social e cultural, à qual os discursos a serem analisados estão condicionados, é o patriarcado. Segundo Saffioti (1987, p.16) o patriarcado é um “sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem”.

Analisamos os enunciados sobre a mulher, produzidos na capa e na reportagem das revistas e o confronto ideológico gerado pelos memes que respondem àqueles enunciados. Deste modo analisamos os conflitos de valores e os deslocamentos de sentidos nos enunciados em relação com a estrutura social e sua realização concreta, a mulher em espaços públicos devido a suas conquistas no âmbito profissional e a mulher no espaço privado ainda fixa em uma estrutura social desigual.

## 1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS A PARTIR DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Um grupo de intelectuais formava o chamado “Círculo de Bakhtin” como Marc Chagall, Sollertinsky, V. N. Volochínov, P. N. Medviédiev, Maria Yúdína, Lev Pumpianski, Konstantin Vaginov e Ivan Ivanovich Kanaiev. É importante, primeiramente, que situemos o “Círculo de Bakhtin” em seu contexto filosófico, histórico e social para melhor entendermos sua posição teórica no cenário da linguística na Rússia do século XX.

Contemporaneamente ao Círculo, no âmbito da linguística e da filosofia da linguagem, há algumas tendências teóricas que transpassam os estudos e produções do grupo russo, seja em concordâncias seja em divergências. Sendo assim, para melhor compreensão do lugar teórico que constitui os estudos aqui desenvolvidos, é relevante uma breve explanação sobre o diálogo entre essas correntes e as produções teóricas do Círculo de Bakhtin, ainda que longe de abarcar toda a complexidade destas orientações teóricas.

Por um lado, uma forma de abordar a língua, muito conhecida por meio dos estudos sobre Saussure e escola de Genebra, trabalha com o conceito linguístico cujo sistema reconhece a linguagem como produto e não como atividade. Isso acarreta uma perspectiva sobre a língua como sistema estável de formas normativas idênticas, a qual Volóchinov (2017, p. 224) avalia como sendo “somente uma abstração científica, produtiva apenas diante de determinados objetivos práticos e teóricos.” O autor ainda conclui afirmando que “essa abstração não é adequada à realidade concreta da língua.” Ou seja, há estudos de aspectos da palavra, como os fonéticos, gramaticais e lexicais, por exemplo, que ocorrem sem conexão com o fundamento real da língua como signo ideológico. Essa vertente se alinha ao que o autor chama de “objetivismo abstrato”.

A língua reúne diferentes esferas da realidade, como o som que é um fenômeno acústico e se encontra no âmbito da física, e que, ao ser articulado por uma pessoa, observa-se o fenômeno fisiológico e adentra-se o âmbito da fisiologia. Além disso, há a prática desse momento, em que, ao analisarem-se falantes e ouvintes adentra-se nos processos psíquicos. Diante dessa complexidade, o autor (VOLÓCHINOV, 2017, p. 145) considera que aquilo que muito se estuda são suas partes isoladas, enquanto que a interligação entre elas seria o que se aproxima de um fenômeno tipicamente linguístico. Para o autor russo, e em consonância com a forma como tratamos a língua nesta pesquisa, para que esse conjunto físico-psicofisiológico seja objeto de estudo que respeite a

natureza complexa da linguagem, é necessário que ele esteja incluído na esfera da comunicação social organizada, ou seja: “Para observar o fenômeno da língua, é necessário colocar os sujeitos falante e ouvinte, bem como o próprio som, no ambiente social.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 145).

Vemos, então, que o sistema linguístico, conforme a perspectiva chamada de “objetivismo abstrato”, não considera atos únicos ou individuais, mas sim um sistema normativo que é recebido

da coletividade falante de modo totalmente pronto, e qualquer mudança dentro desse sistema encontra-se fora dos limites da sua consciência individual. O ato individual de pronúncia de qualquer som torna-se um ato linguístico apenas na medida em que ele pertence ao sistema linguístico imutável em um dado momento e é indiscutível para o indivíduo. (VOLÓCHINOV, 2017, p.157)

Assim, essa forma de trabalhar com a língua torna presa a um modelo pré-determinado e impossibilita avaliações ou motivações ideológicas. Diante da grande influência desta corrente teórica nos estudos da área linguística, ainda nos estudos contemporâneos, foi necessário que a apresentássemos para que, em contraposição, deixemos mais claro o lugar teórico no qual nos baseamos para o desenvolvimento deste trabalho. Deve-se saber que o estudo do linguista genebrino é fundamental para a linguística, porém não é suficiente para que possamos entender o exercício efetivo da fala em sociedade, que é nosso objetivo neste trabalho, tomando o "Círculo de Bakhtin" como embasamento teórico.

Por outro lado, também no começo do século passado, conforme Volóchinov (2017), havia outra tendência teórica sobre a forma como a língua era abordada e estudada, essa corrente foi chamada por ele de “subjetivismo individualista”. Ela se distancia do “objetivismo abstrato” e se aproxima em alguns aspectos das ideias do Círculo, mas se distancia em outros devido a sua base idealista.

Para os estudiosos dessa vertente, a principal realidade da língua não é o sistema linguístico pronto e acabado, ou seja, um conjunto de formas fonéticas, gramaticais, entre outras. Os teóricos alinhados a essa tendência desenvolvem seus estudos com base na ideia de que o psiquismo individual representa a fonte da língua, ou seja,

a língua é atividade, um processo de criação realizado por meio de atos discursivos individuais, sendo que as leis da criação linguística são individuais e psicológicas e a criação da língua é uma criação consciente, análoga à criação artística. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 148)

Entre os nomes que o autor entende que são representantes dessa tendência, citamos aqui alguns: Cassirer, Humboldt, Potebniá, Chpiet e Vossler. No entanto, não há intenção de um aprofundamento sobre cada um, mas sim de compreendermos pontos de convergências e divergências com os nossos estudos e assim situar, em meio a diferentes perspectivas teóricas, o trabalho aqui desenvolvido. Embora esses autores tenham suas particularidades, aproximações e distanciamentos do subjetivismo individualista, são apresentados em Volóchinov (2017) como alinhados a essa corrente teórica. É importante lembrar que seus estudos excedem as características levantadas aqui sobre a perspectiva teórica em questão. No entanto, buscamos postulados básicos que podem nortear uma leitura mais aprofundada sobre como o círculo de Bakhtin estabelece suas bases filosóficas nos estudos da filosofia da linguagem.

Na tradução que estamos usando aqui, há o ensaio introdutório de Sheila Grillo (2017), segundo o qual, embora o Círculo esteja distante dos pressupostos idealistas de Cassirer, Humboldt e Potebniá (teóricos alinhados ao subjetivismo individualista), foi baseando-se neles que Volóchinov (2017) trabalha a relação entre pensamento e linguagem quando se fala sobre

o caráter onipresente dos signos verbais em todas as esferas ideológicas; a síntese operada com a sociologia marxista em que a ideologia, por um lado, é influenciada pelas condições materiais de existência, mas por outro, exerce uma influência transformadora sobre estas condições; a mediação dos signos ideológicos na formação da consciência e na constituição dos referentes do mundo durante o processo de interação discursiva; o papel ativo do destinatário ou interlocutor na construção do sentido. (GRILLO, 2017, p. 73)

Também, com reflexos de Chpiet, Bakhtin, Volóchinov e Medviédev não ignoram a lógica que alicerça o posto de que o enunciado se volta para o mundo orientado pela interação discursiva, pelos interesses das diversas classes sociais e pelo teor axiológico de cada palavra.

Outro importante nome que se alinha ao subjetivismo individualista, conforme Volóchinov, é Vossler, que apresenta, segundo o ensaio introdutório de Sheila Grillo (2017), no excerto a seguir, uma das origens do conceito de diálogo trabalhado na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017).

Uma vez que na base de qualquer língua estão o ato criativo do indivíduo e os atos individuais, “a atividade consciente e perspicaz” (Vossler, 1963 [1923], p. 122), então primeiramente exige-se o estudo do processo de “fala”, objeto de estudo dos linguistas, em contraponto ao ouvir/ler, objeto de estudo dos filólogos. Ao distinguir quatro grandes modalidades

de linguagem – a prosa, a poesia, a eloquência ou retórica e a linguagem corrente e diária -, Vossler propõe que o modo mais natural das duas últimas é o “circuito falar, ouvir, compreender e re-falar ou contra-falar (isto é, responder)” (1963 [1923], p. 242), que o monólogo “pode ser considerado como um diálogo consigo mesmo, e todo diálogo pode ser considerado uma soma de monólogos” (1963 [1923], p. 242) e, em seguida, conclui que os gêneros poéticos (lírica, epopeia e drama) compreendem sempre um ouvinte, público ou espectador. Vossler vai além ao observar que a “consciência individual é uma coisa muito tardia e refinada” (1963 [1923], p. 244). Vemos aqui uma das origens do conceito de diálogo em MFL, nele concebido como a forma mais importante da interação discursiva. (GRILLO, 2017, p. 40)

Em um terreno em que permeiam bases teóricas distintas, o Círculo de Bakhtin produz uma proposta de abordagem da linguagem, em que o objeto de investigação é "o estudo do enunciado concreto como um componente da estrutura socioideológica" (GRILLO, 2017, p. 70), que está mais especificamente explicado em Volóchinov (2017) e será desenvolvido ao longo desta dissertação.

O que é levado em conta pelos estudiosos do Círculo é que é necessário um material sógnico e apenas por meio dele a consciência pode ser realizada e tornar-se um fato, uma atividade. Neste ponto, há um distanciamento do idealismo, que ignora essa questão. E Volóchinov (2017, p. 95) nos explica que a compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos; diante disso, há uma cadeia da criação e da compreensão ideológica, que se estende entre as consciências individuais, unindo-as, pois o signo surge apenas no processo de interação entre consciências individuais em um processo de interação social.<sup>2</sup> A ideologia, quando colocada apenas na consciência ou como uma ideia pronta e dada, que se desenvolve no interior individual, perde a possibilidade de ser compreendida como um acontecimento dialógico. Isso se explica, pois, no primeiro caso ela deixaria de existir devido à falta de interação e no segundo caso ela é colocada como algo que se pode apenas confrontar, sem capacidade de constituição dialética.

Desta forma, a análise do sentido construído em um discurso baseia-se no diálogo entre locutor e interlocutor que participam sempre de forma ativa e responsiva, o que torna a compreensão sempre dialógica. Neste processo há a constituição sociológica, em que a situação social constitui o material verbal. O conceito bakhtiniano, a respeito da

---

<sup>2</sup> No item 1.1 desta Seção é desenvolvido com maior detalhamento o conceito de ideologia para o Círculo de Bakhtin.

forma como aborda a linguagem e analisa os discursos, constrói-se no acontecimento concreto – mais uma vez, há o distanciamento entre essa perspectiva teórica e o idealismo.

Nos caminhos entre idealismo e o materialismo da sociologia marxista, faz-se necessário que entendamos como se dá a forma como a linguagem é abordada entre o psíquico e o ideológico pelo Círculo de Bakhtin.

O Círculo de Bakhtin parte da ideia de que os significados de um signo são mutáveis e múltiplos de acordo com a realidade social em que é utilizado. “Enunciado/enunciação têm papel central na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano” (BRAIT, 2007, p.65). Em um enunciado, segundo a perspectiva bakhtiniana, há que se levar em conta a dimensão axiológica, o ato único, a realidade histórica, cultural e social em que se materializa o discurso fazendo do enunciado algo singular que apresenta uma atitude valorativa em relação a determinado estado de coisas.

Bakhtin e seu círculo, à medida que elaboram uma teoria enunciativo-discursiva da linguagem, propõem, em diferentes momentos, reflexões acerca de enunciado/enunciação, interação, gêneros discursivos, texto, tema e significação, discurso, discurso verbal, polifonia, dialogismo, ato/atividade/evento e demais elementos constitutivos do processo enunciativo-discursivo. (BRAIT, 2007, p.65)

A partir de estudos em busca da compreensão do papel da linguagem na constituição da consciência humana, os estudiosos e diferentes épocas desenvolvem métodos e orientações teóricas para se analisarem as atividades linguísticas. Desta forma, partimos deste terreno e das congruências e divergências entre as perspectivas teóricas para compreensão e explanação do caminho percorrido pelo Círculo – e por nós nesta pesquisa – que visa analisar discursos em meio a um determinado contexto social, histórico, cultural e econômico.

## **1.1 Ideologia**

É importante, em um primeiro momento, que situemos a concepção de ideologia para o Círculo de Bakhtin em meio às linhas teóricas existentes. As ideias divergentes às do Círculo são as em que as ideologias são entendidas como desenvolvidas em um interior individual, na consciência, ou como algo pronto que é dado ao homem, advindo do mundo exterior ao ser. Já o grupo russo de intelectuais compreende a questão ideológica como pertencente a uma realidade material, histórico-social dos signos, partindo do que era

aceito pelo marxismo, porém com algumas alterações, segundo o que é explicitado em (MIOTELLO, 2007).

Enquanto o marxismo entendia a ideologia como uma dominação única, o Círculo reconstrói essa concepção marxista, colocando ao lado dessa ideologia única e oficial a ideologia do cotidiano. Segundo Volóchinov (2017, p. 213),

A ideologia do cotidiano é o universo do discurso interior e exterior, não ordenado nem fixado, que concebe todo nosso ato, ação e estado ‘consciente’. [...] Os sistemas ideológicos formados – a moral social, a ciência, a arte e a religião – se cristalizam a partir da ideologia do cotidiano e, por sua vez, exercem sobre ela uma forte influência inversa, e costumam dar o tom a essa ideologia do cotidiano.

É possível, então, compreendermos que para contextualizar e estabelecer a situação social em que determinado enunciado se encontra é a ideologia do cotidiano que, num processo dialético e dialógico, esclarece a interpretação. Além disso, é importante lembrar que a ideologia do cotidiano é uma constante transformação, não se fixa. Dessa forma, é possível perceber uma divisão em camadas nessa ideologia, que “são determinadas pela escala social que mede a vivência e a expressão, bem como pelas forças sociais que as orientam diretamente” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 214). Neste campo de forças sociais, há um processo de luta nas formações ideológicas – no caso da pesquisa isso se dá na imprensa e nas redes sociais – e, dentre as tendências da ideologia do cotidiano, há a influência de sistemas ideológicos já formados, mesmo que sejam revolucionárias, segundo Volóchinov (2017).

Portanto, como nos bem explica Miotello (2007), Bakhtin e seu círculo estabeleceram uma relação dialética entre uma ideologia oficial relativamente estável e uma ideologia do cotidiano relativamente instável, em que ambas formam o contexto ideológico completo e único em um processo global de produção e reprodução social.

No discurso, que se dá em uma situação histórica e real – portanto é ideológico – , há o que Bakhtin (2002) chama de forças criadoras da vida na linguagem, que atuam no meio do plurilinguismo real. Ou seja, em meio a inúmeras distinções existentes na formação da linguagem, expressa em “línguas sócio-ideológicas: sócio-grupais, “profissionais”, “de gêneros”, de gerações, etc.” (BAKHTIN, 2002 , p. 82), em meio a isso há a estratificação da língua e o plurilinguismo ampliando-se e aprofundando-se no desenvolvimento da língua viva e em constante movimento entre forças centrípetas e centrífugas. Essas forças, segundo Bakhtin (2002, p. 82) são, respectivamente, a

centralização verbo-ideológica e união, e os processos de descentralização e desunificação.

Segundo essa perspectiva, uma determinada enunciação se dá em um meio real que é um plurilinguismo dialogizado, em que

Cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas. Os processos de centralização e descentralização, de unificação e desunificação cruzam-se nesta enunciação, e ela basta não apenas à língua, como sua encarnação discursiva individualizada, mas também ao plurilinguismo, tornando-se seu participante ativo. Esta participação ativa de cada enunciação define para o plurilinguismo vivo o seu aspecto linguístico e o estilo da enunciação, não em menor grau do que sua pertença ao sistema normativo-centralizante da língua única. Cada enunciação que participa de uma “língua única” (das forças centrípetas e das tendências) pertence também, ao mesmo tempo, ao plurilinguismo social e histórico (às forças centrífugas e estratificadoras). (BAKHTIN, 2002, p. 82)

Enquanto há, por um lado, os discursos que mais se aproximam das camadas sócio-ideológicas oficiais que buscam uma centralização cultural e política no mundo verbo-ideológico, por outro lado há discursos que permeiam a oposição ao oficial.

Bakhtin (2002) discorre sobre esse movimento do plurilinguismo dialogizado quando apresenta a poesia como centralização e os gêneros inferiores dos palcos das barracas de feiras, das canções de rua, provérbios e anedotas como descentralização. Assim como o autor nos apresenta esses últimos contrapondo-se ao oficial por meio de paródias e de forma polêmica, podemos analisar nosso *corpus* de pesquisa. Ou seja, há os enunciados das revistas trabalhando as forças centrípetas, ainda que, como foi citado acima, uma enunciação quando aponta para o único e centralizante, pertença ao plurilinguismo social e histórico. E há, também, os enunciados das redes sociais trabalhando as forças centrífugas de forma paródica e carnalizada, com maior estratificação e plurilinguismo social e histórico.

Ideologia é a expressão de uma ideia tomada de uma determinada posição, um ponto de vista representando a realidade segundo um lugar valorativo. Diante disso, o que observamos nos discursos analisados neste trabalho é este lugar valorativo declarado por meio dos enunciados nas mídias revista e redes sociais, nas quais são expressos valores que constituem sentidos a respeito da expressão, organização e regulação histórico-material sobre comportamentos da mulher, quando há diálogo e embate entre as forças centrípetas e centrífugas em relação à centralização e à descentralização .

É em meio às contradições sociais que aparece a estratificação da ideologia. Em uma suposta sociedade de igualdade de classe, não haveria ideologias distintas, ou seja, oficial e não oficial não existiriam no plano ideológico, segundo o exposto por Ponzio (2016), quando nos explana a respeito da ideologia cotidiana e ideologia oficial a partir de Volochínov.

Este embate traduz o movimento entre estabilidade relativa da ideologia dominante e instabilidade relativa da ideologia do cotidiano e, em vista disso, temos o signo coincidindo com o domínio do ideológico. Sendo assim, há a ideologia expressa, nas revistas que compõem o *corpus*, por meio de discursos que buscam estabilizar os valores sociais sobre a mulher buscando conservar algumas regras sociais já ultrapassadas, como por exemplo a referência de uma mulher bela, recatada e “do lar” como sendo a melhor adequação ainda na sociedade atual. Por outro lado, há a ideologia que aparece nos memes veiculados nas redes sociais, expressando o contraste com os padrões estabelecidos pela ideologia outra, que busca conservá-los. E isso é feito com a representação de diversas formas de comportamentos que a mulher pode ter e escolher. Ou seja, essa tomada de decisão expressa por meio dos signos é determinada sócio-historicamente, e dessa forma pensamos nosso *corpus* de pesquisa para, então, poder explicar um pouco do que pode ser o papel da linguagem no processo de desenvolvimento da vida social. Os discursos que compõem nosso material de análise estão no âmbito da linguagem – o lugar mais claro e completo da materialização do fenômeno ideológico (MIOTELLO, 2007, p. 170) - e em diálogo com o âmbito sócio-histórico.

Ainda segundo Miotello (2007, p. 171), em cada uma das relações sociais

os signos se revestem de sentidos próprios, produzidos a serviço dos interesses daquele grupo. Em sociedades que apresentam contradições de classe social, as ideologias respondem a interesses diversos e contrastantes; ora podem reproduzir a ordem social e manter como definitivos alguns dos sentidos das coisas [...], e ora podem discutir e subverter as relações sociais [...].

Ou seja, partimos da ideia de que “a palavra também é história, é ideologia, é luta social, já que ela é a síntese das práticas discursivas historicamente construídas.” (CEREJA, 2007, p. 204); assim a realidade e as estruturas sociais devem estar vinculadas à análise do enunciado em questão. Analisamos, dessa forma, como determinados grupos sociais expressam suas realidades, que têm como alicerce relações semiótico-axiológicas,

ou seja, um âmbito social de valores com encontros e confrontos nas manifestações sígnicas.

Essas manifestações estão na constituição ideológica, que se dá no entendimento do que se manifesta exteriormente, ou seja, a criação ideológica não se situa apenas dentro de nós, mas também entre nós, nas maneiras de expressões da realidade, portanto. Dessa forma, “o homem individual e isolado não cria ideologia, a criação ideológica e sua compreensão somente se realizam no processo de comunicação social”, segundo Medvedev (2012, p. 49).

Entendemos nosso *corpus* como um objeto de comunicação que expressa, destarte, as relações axiológicas presentes na comunicação social. Apesar de pensarmos a concretude da produção dos discursos, em revistas e memes, vamos além destes instrumentos e pensamos todo o âmbito histórico, social, econômico e cultural em que tais enunciados estão inseridos. Além disso, como foi dito anteriormente, analisamos como os enunciados se constituem a partir de seu contexto e como todo o contexto se integra por intermédio deles. Logo, a partir das relações sociais e da interação entre as pessoas, os discursos produzidos nos veículos midiáticos apresentam uma organização do material ideológico que reflete e refrata a realidade, expressando encontros e confrontos de valores. Pois,

o meio ideológico é sempre dado no seu vir a ser dialético vivo, nele sempre existem contradições que, uma vez superadas, reaparecem. Mas para cada coletividade, em dada época do seu desenvolvimento histórico, esse meio se manifesta em uma totalidade concreta, singular, única, reunindo em uma síntese viva e imediata a ciência, a arte, a moral e outras ideologias. (MEDVEDEV, 2012, p. 57)

A palavra, já com seus sentidos múltiplos, é mais uma vez engendradora de sentidos outros a cada contato que se tem com ela, para então ser constituída de uma axiologia e veicular ideologias. Partindo dessa ideia, compreendemos que

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social – seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo – mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*. *Onde não há signo também não há ideologia*. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91. Grifo do autor)

Diante de tal reflexão sobre o campo ideológico, por esta perspectiva do autor, entendemos a compreensão ideológica no emaranhado dos signos que vão gerando outros

novos signos. Assim, o material verbovisual (com o qual trabalhamos aqui) vai sendo preenchido com um conteúdo ideológico no processo de interação social. Além disso, para dar continuidade ao entendimento da relação entre palavra, signo e ideologia, devemos pensar na palavra, que está presente em todas as relações entre indivíduos. E é exatamente nela que encontraremos os choques ideológicos sobre a mulher ao longo da história e dos discursos das mulheres e sobre elas. É na palavra mesma, repetida – em sua morfologia – como vemos nas paródias analisadas, que encontramos a luta entre os signos, a luta social. Pois, na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social e é ela o indicador mais sensível das mudanças sociais, como nos afirma Volóchinov (2017, p. 106). Ela funciona, segundo Miotello (2007, p. 172), “como agente e memória social, pois uma mesma palavra figura em contextos diversamente orientados.” Diante disso, vemos, no processo de diálogo entre as revistas e as redes sociais, esses contextos diversamente orientados com mesmos discursos verbais e verbo-visuais num movimento paródico e carnavalizado dos signos. Vemos, de um lado, a ideologia oficial buscando construir um sentido relativamente estável para o comportamento ideal da mulher; e, por outro lado, vemos discursos em luta de sentidos e de realidades, que são múltiplos.

Vozes diversas ecoam nos signos e neles coexistem contradições ideológico-sociais entre o passado e o presente, entre as várias épocas do passado, entre os vários grupos do presente, entre os futuros possíveis e contraditórios. (MIOTELLO, 2007, p. 172)

Percebemos, portanto, que o enunciado está presente em todas as relações entre indivíduos e o enunciado está permeado por uma multidão de fios ideológicos que servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. Dessa maneira, a partir de nosso objeto de análise, analisamos esses fios ideológicos, assim como as diversas relações sociais que ecoam nos enunciados das mídias. Isso é possível, pois o objeto de análise da pesquisa consiste em enunciados verbo-visuais, vinculados à realidade social, já que os enunciados analisados são constituídos em meio definido pela história, ideologia e luta social, além de serem síntese das práticas discursivas historicamente construídas (CEREJA, 2007). Logo, vemos o dialogismo e uma comunicação socioideológica em transformação no curso da história.

Os veículos que constituem o objeto de análise trazem cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade sógnica, sendo os signos (onde se cruzam ênfases multidirecionadas) o palco em que se desenvolve o conflito ideológico

(VOLÓCHINOV, 2017, p.113). É justamente neste ponto que estamos conduzindo nosso trabalho: pensar e analisar os signos em uso e em luta nos meios de comunicação, buscar a compreensão do signo como instrumento ideológico atuando diretamente nos e pelos seres. Ou seja, consideramos a existência não apenas refletida no signo, mas também *refratada* nele, segundo Volóchinov (2017, p.112).

## 1.2 Diálogo, tema, significação, voz social

Bakhtin e seu círculo discorrem sobre problemas filosóficos e sociológicos na ciência da linguagem para então estabelecer, ao longo dos seus estudos e cada vez de forma mais clara, o papel da linguagem e como ela está imbricada na organização da vida social. Para maior entendimento de como se dá a comunicação, o Círculo trabalha com uma esfera em ação, que se modifica sem se prender a um molde permanente. Para tanto, é imprescindível que falemos de signo e como a compreensão deste se dá no dialogismo intrínseco ao ato de comunicar-se.

Diante disso, partimos da ideia de que os sentidos de um signo são mutáveis e múltiplos de acordo com a realidade social em que é utilizado, sempre levando em conta o enunciado, que tem papel central na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano, conforme nos afirma Brait (2007, p.65). Ou seja, em um enunciado, segundo a perspectiva bakhtiniana, deve-se levar em conta a dimensão axiológica, o ato único, a realidade histórica, cultural e social em que se materializa o discurso fazendo do enunciado algo singular que apresenta uma atitude valorativa em relação a determinado estado de coisas.

Quando Volochínov<sup>3</sup> (2013, p. 142) discorre sobre a origem da linguagem e sua função na vida social, vai aos primórdios do uso da linguagem – por gestos e mímica – para nos explicar como a comunicação facilitou a organização do trabalho coletivo e também do que ele chama de organização do pensamento social. O autor divide em dois mundos a forma de desenvolvimento da humanidade primitiva quando se dá a sua transição para as organizações coletivas. São eles: o *mundo natural* e o *mundo da história social*. Isso se torna relevante para a compreensão de como inicia-se a construção dos significados das ferramentas utilizadas para que as pessoas compreendam-se

---

<sup>3</sup> Há diferentes grafias do nome deste autor, nas diferentes traduções utilizadas. Porém, trata-se do mesmo autor.

reciprocamente. No caso desta época analisada pelo autor, as ferramentas eram gestos e mímicas e a construção dos significados para a comunicação se deu da seguinte forma:

Em realidade, para a realização da comunicação verbal é necessário que o *significado*, oculto no gesto da mão de um homem, seja *compreensível* para outro homem; que este homem saiba estabelecer – graças à experiência precedente – a relação necessária entre esse movimento e o objeto ou acontecimento em cujo lugar ele é empregado. Em outras palavras, o homem deve compreender que esse movimento é portador de um significado, que esse movimento expressa um *signo*. Mas isso não é ainda suficiente. O signo expresso pelo movimento das mãos não deve ser casual, passageiro. Somente se esse signo se torna *constante* poderá entrar no horizonte cognoscitivo de um grupo humano, tornar-se-á necessário e se converterá num valor social. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 142. Grifo do autor)

A partir desse aspecto da comunicação verbal, vamos já estabelecendo a forma como analisamos os sentidos dos enunciados em diálogo que compõem o *corpus*. Pois esse processo que é analisado nos gestos e mímicas também o analisamos nas palavras e imagens dos memes. Para, então, discorrermos sobre a construção do valor social dos enunciados, buscamos essas origens da constituição do signo. É importante dizer também que essa constituição se cumpre quando o signo não permanece apenas exterior, mas torna-se linguagem interior, pois “somente assim se realizará a segunda condição necessária para a comunicação verbal para além da transmissão do signo: a *compreensão* do signo e a *resposta* a ele” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 143. Grifo do autor).

A diversidade na qual insere-se um signo é enorme, pois os processos comunicativos nos quais ocorrem a produção e compreensão dos signos estão constantemente em movimento, já que se trata de um diálogo contínuo entre diferentes ideologias, diferentes relações, diferentes formas de registro, diferentes perspectivas individuais, diferentes gêneros, classes sociais e etc. Nesse sentido,

O processo de compreensão de um signo não é mero processo de identificação, que somente trata de reconhecer elementos constantes, que se repetem idênticos a si mesmos em relação a um código dado. Nem o processo de formulação sógnica se reduz à utilização, à expressão de significados estabelecidos e definidos, pré-constituídos uma vez por todas e fixados no código utilizado. (PONZIO, 2016, p. 190)

Diante disso, fica claro que a compreensão sógnica acontece em uma situação concreta de comunicação, em que há o homogêneo e o heterogêneo, o que se fixa e o que se movimenta, há o único e irrepetível. A palavra, portanto, tem uma função sógnica e

torna-se um veículo dialógico, em que se misturam vozes múltiplas, de diferentes intenções.

Segundo a teoria dialógica da linguagem, bakhtiniana, concluímos que está na base da teoria do Círculo de Bakhtin a impossibilidade de uma palavra ou de um enunciado serem neutros, pois irão sempre expressar um posicionamento valorativo dos sujeitos presentes no discurso.

É fundamental que façamos uma reflexão sobre a *significação* e o *tema*, pois são justamente essas noções e a forma como são tratadas pelo Círculo de Bakhtin que nos permitem assimilar os embates ideológicos nos discursos analisados no *corpus* da pesquisa.

A partir de Volóchinov (2017), quando falamos em *tema*, analisamos a palavra, ou melhor, o enunciado, para além de suas formas morfológicas e sintáticas, levamos em conta as circunstâncias únicas de determinado momento histórico, já que é ele mesmo que expressa a situação concreta em que se construiu o enunciado. Juntamente, é essencial que olhemos para a *significação*, pois ela está dentro do tema, mesmo que seja o contrário dele. A significação consiste nos aspectos do enunciado que se repetem, aspectos esses que, isoladamente, são considerados abstratos pela perspectiva enunciativo-discursiva adotada aqui, mas que são parte necessária do enunciado.

Ademais, o tema deve apoiar-se em alguma significação estável, caso contrário ele perderá a sua conexão com aquilo que veio antes e que veio depois, ou seja, perderá totalmente o seu sentido. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 229)

Isso é de suma importância em nosso trabalho, exatamente porque analisamos os sentidos expressos nos enunciados em diálogo com as significações estáveis, não perdendo assim a conexão entre diferentes sentidos ao longo de um determinado tempo.

A relação entre tema e significação fica ainda mais clara quando adentramos no que Volóchinov (2017, p.232) chama de *problema da compreensão*. Segundo o autor,

toda verdadeira compreensão é ativa e possui um embrião de resposta. Apenas a compreensão ativa é capaz de dominar o tema, pois um processo de formação só pode ser apreendido com a ajuda de outro processo também de formação.

Diante desta forma em que há a compreensão ativa e sua relação com o tema, vemos que o entendimento de um enunciado se dá no ato de orientar-se em relação a ele, assim ocorre uma tradução do enunciado em um novo contexto ativo e responsivo. Isso é o que observamos em nosso *corpus*, cujo diálogo ocorre entre as mídias, em que

enunciados das revistas são compreendidos ativamente e traduzidos no novo contexto que são as redes sociais. Segundo Volóchinov (2017, p. 232. Grifos do autor),

*Toda compreensão é dialógica. A compreensão opõe-se aos enunciados, assim como uma réplica opõe-se a outra no diálogo. A compreensão busca uma antipalavra à palavra do falante.*

No caso dos enunciados em análise nesta pesquisa, esta compreensão, esta oposição, esta antipalavra se dá em forma paródica nas redes sociais, em resposta aos discursos das revistas.

Desta maneira, visto que nossos estudos envolvem a repetição de determinadas sequências de palavras, juntamente com enunciados visuais, transposta de um meio de divulgação a outro, ou melhor, atualizada em um novo enunciado, fundamentamo-nos nestes dois aspectos, *significação e tema*, para realizarmos a análise do *corpus* que, por sua vez, apresenta recorrência de enunciados com ressignificações. Ou seja, analisamos a estabilidade da significação em conexão com os sentidos outros que se dão nesta transposição espaço temporal. Isso é sempre feito com base na interação dialógica e nos embates que se dão na comunicação discursiva, no material de análise.

Neste caso as palavras, juntamente com o visual, formam um material verbovisual, o qual consideramos como um fenômeno sociológico. Isso se compreende pois “a palavra concebida mais amplamente, como fenômeno da comunicação cultural, deixa de ser uma coisa centrada em si mesma e já não pode ser compreendida independentemente da situação social que a tem engendrado.” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 75).

Os signos linguísticos e as formas gramaticais assumem sentidos construídos historicamente a partir de seus usos em diferentes enunciados. Embora algumas convenções, a respeito desses elementos, apareçam, o que observamos e analisamos é a mudança dos sentidos nas atualizações que constroem o *tema*, que, segundo Cereja (2007, p. 202), “é indissociável da enunciação, pois, assim como esta, é a expressão de uma situação histórica concreta. Como decorrência, é único e irrepetível.”. Isso se dá, pois o que constitui esse sentido analisado por nós são os elementos estáveis da *significação* e os elementos presentes na situação de produção e de circulação dos enunciados, os quais permitem a produção do *tema*. Assim,

Enquanto a significação é por natureza abstrata e tende à permanência e à estabilidade, o tema é concreto e histórico e tende ao fluido e dinâmico, ao precário, que recria e renova incessantemente o sistema de significação, ainda que partindo dele. (CEREJA, 2007, p.202)

A comunicação discursiva se dá em um campo de orientações, em que é inevitável a avaliação, “pois todos os conteúdos objetivos existem na fala viva, são ditos ou escritos em relação a certa ênfase valorativa” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 233). Segundo o autor russo, essa avaliação se dá por meio da entonação, que nem sempre está relacionada com a composição semântica, como no exemplo da fala cotidiana, em que Volóchinov (2017, p. 235) chega a dizer que, em essência, a palavra é um apoio para a entonação e a conversa é realizada por meio de entonações que expressam as avaliações dos falantes. O autor conclui que essa avaliação se mantém presa a limites estreitos da situação mais próxima e do pequeno mundo social íntimo, e que, por isso, ela seria um fenômeno secundário e adicional das significações linguísticas.

As avaliações, segundo Volóchinov (2017), têm enorme importância e há diferentes situações em que se dão. No caso de nosso material de análise, os enunciados têm sentidos mais amplos e apoiam-se em um vasto auditório social, o que se diferencia da situação particular e específica descrita acima sobre falas cotidianas. A avaliação continua presente, já que o autor afirma que

Não existe um enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo uma *orientação avaliativa*. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa mas também avalia. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 236. Grifo do autor)

Neste caso, avaliação e significação não se separam, diferentemente da forma como alguns linguistas trabalham essa questão, como Gustav Chpiet que separa a significação objetiva e a cossignificação avaliativa em diferentes esferas da realidade. Isso é problemático para a forma como o Círculo trabalha com a linguagem, segundo as palavras de Volóchinov (2017, p. 237. Grifo do autor):

A significação objetual é formada pela avaliação, pois é ela que determina a inserção dessa significação objetual tanto no horizonte mais próximo quanto no mais amplo dos falantes desse grupo social. Além disso, a avaliação possui um papel criativo nas mudanças das significações. Na verdade, a mudança da significação sempre é uma *reavaliação*: a transferência da palavra de um contexto valorativo para outro. A palavra ou é elevada a uma posição superior, ou é degradada a uma inferior. A separação entre a significação da palavra e a avaliação resulta inevitavelmente no fato de que uma significação, privada de um lugar na constituição social viva (em que ela é sempre repleta de avaliação), é ontologizada, transformando-se em uma existência ideal e abstraída da formação histórica.

Ainda que a significação tenda à estabilidade, é notório, segundo a citação acima, que ela passa por mudanças, porém essas mudanças são mais raras se comparadas com as

mudanças do tema, que, por ser único, é sempre diferente, nunca repetível. A reavaliação de determinado enunciado é o que ocorre nos enunciados do *corpus* quando há a transferência de palavras de um contexto valorativo (revistas) para outro (redes sociais). Nós analisamos a mudança de significação das palavras que se referem à mulher quando os sentidos são alterados por meio da paródia e da carnavalização presentes nos enunciados das redes sociais em resposta aos das revistas. Essa alteração de sentido é sempre relacionada com a formação do horizonte valorativo do grupo social. Neste caso o grupo, que será mais bem especificado nas análises, compõe-se em meio ao embate social no Brasil de 2016, quando acontecia o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff e, por se tratar de uma mulher em situação de poder, muitos discursos do âmbito da (des)igualdade de gênero vieram à tona. Assim, é possível observar discursos veiculados pela mídia tradicional com referências ao comportamento da mulher já consideradas por uma parcela da população como conservadoras, por um lado. Por outro, as respostas a esses discursos, as *antipalavras*, reavaliam, a partir de um grupo social que questiona os valores sobre a mulher ao longo da história. Outra importante característica do grupo social em questão é o esvaziamento do discurso político no que diz respeito às tarefas de um ou uma presidente, dando lugar ao discurso sobre a mulher.

Podemos trabalhar com a ideia do horizonte valorativo desses grupos que se opõem nesse contexto descrito. Segundo Volóchinov (2017, p. 238), esse horizonte se realiza de forma dialética, pois

Os novos aspectos da existência que passam a integrar o horizonte de interesses sociais abordados pela palavra e pelo *pathos* humano não esquecem dos elementos da existência integrados anteriormente, mas entram em embate com eles, reavaliando-os, alterando o seu lugar na unidade do horizonte valorativo. Essa formação dialética se reflete na constituição dos sentidos linguísticos. Um sentido novo se revela em um antigo e com a ajuda dele, mas com o objetivo de entrar em oposição a ele e o reconstruir.

O diálogo, portanto, apresenta o incessante embate entre os sentidos dos enunciados verbo-visuais, sentidos estes compostos sempre dependentes da ampliação dialética do horizonte social. Essa ampliação sempre está em potência, já que nada é estático e a sociedade encontra-se em constante transformação, bem como suas expressões linguísticas e suas percepções da existência. Até mesmo o que se estabiliza e cria identidades é transitório, como o exemplo da significação.

Nesse diálogo entre revistas e redes sociais, há os múltiplos entrecruzamentos de vozes sociais entre os enunciados propagados por meio dessas mídias e entre eles e outros

enunciados e valores sociais em embate ao longo da história. Para melhor compreensão a respeito do que são essas vozes sociais, relembremos o *plurilinguismo dialogizado*, já tratado nesta Seção em 1.1.

Melo (2017) trabalha de forma minuciosa o conceito de *vozes sociais* quando teoriza sobre as conexões entre estratificação da linguagem, plurilinguismo e vozes sociais. Embora o autor tenha desenvolvido essa teorização com base no gênero romance, é legítimo trabalharmos esses conceitos, categorias, teorias sobre a linguagem em outros gêneros como os que utilizamos para análise nesta pesquisa – reportagem, capa e memes, já que a dialogia e o entrecruzamento de valores, estão presentes na constituição de um enunciado concreto - no caso, o nosso *corpus* – que constitui um “universo de forças tensionadas, de contradições socioidológicas entre épocas e grupos, de uma língua(gem) social e historicamente estratificada” segundo Melo (2017, p. 65). O autor ainda afirma que é neste universo “que se constitui o plurilinguismo e com ele as *línguas* ou *vozes sociais*, marcadamente sócio-históricas, ideológicas, verbo-axiológicas.”

Desta forma, fica visível a importância de se trabalhar com vozes sociais ao buscarmos compreender o embate ideológico aparente por meio da *paródia* e da *carnavalização*, nos enunciados da revista *Veja*, *IstoÉ* e memes coletados nas redes sociais. Como nos esclarece Melo (2017, p. 37), vozes sociais “são concepções de mundo, opiniões concretas, perspectivas socioideológicas, pontos de vista, visões de mundo.”

Segundo Faraco (2009), Bakhtin, em *O discurso no romance*, apresenta a ideia da dialogização das vozes sociais e a dinamicidade existente na situação concreta em que há o encontro sociocultural dessas vozes. É importante que nos estendamos sobre este assunto, pois, com o esclarecimento sobre as vozes sociais, fica ainda mais nítido o conceito de diálogo desenvolvido pelo Círculo e trabalhado nesta pesquisa, além de nos evidenciar ainda mais o embate ideológico que ocorre entre os enunciados em análise. Para tanto, busquemos a constituição das vozes sociais em relação com duas categorias já discutidas nesta Seção – *forças centrípetas e centrífugas* (1.1), *compreensão responsiva ativa* (1.2). Quando pensamos sobre a primeira, retomamos a afirmação de que, em um enunciado, há um jogo de forças que constroem um universo de criação ideológica de determinado enunciado concreto. Esse jogo, segundo Faraco (2009), torna esse universo vivo e móvel, em que dialogam vozes sociais multiformes, parodiando, contrapondo, apoiando-se, polemizando etc. Ou seja, o que Bakhtin (2002) nos fala sobre o constante movimento entre centralização e descentralização verbo-ideológicas é o

resultado da atividade dialógica entre as vozes sociais que estão na constituição de determinado enunciado.

Outra categoria do círculo, já explanada aqui, que colocamos em relação com o que chamamos de voz social, é a *compreensão responsiva ativa*, pois há sempre um direcionamento, uma correlação entre essas vozes, elas estão sempre dialogizadas. A citação a seguir explica essa relação:

o círculo vê as vozes sociais como estando numa intrincada cadeia de responsividade: os enunciados, ao mesmo tempo que respondem ao já dito (não há uma palavra que seja a primeira ou a última), provocam continuamente as mais diversas respostas (adesões, recusas, aplausos incondicionais, críticas, ironias, concordâncias e dissonâncias, revalorizações, etc). (FARACO, 2009, p. 58)

Se pensarmos no sentido de diálogo como conversa entre dois participantes, que Bakhtin, em *O problema do texto*, chama de diálogo concreto, vemos essa relação (descrita na citação acima) entre réplicas, porém, no caso deste diálogo temos essas relações de forma mais simples, ou superficiais, sendo, assim, visíveis externamente. Já as relações dialógicas com as quais trabalhamos aqui vão além das réplicas do diálogo concreto, trazendo à tona o que estamos chamando de vozes sociais. Um forte pressuposto do Círculo é exatamente o de que a enunciação de um signo está sempre ancorada nos horizontes sociais de valores. Sendo os signos espaços de encontros e confrontos de diferentes índices sociais de valor, é a partir destes múltiplos discursos sociais que Bakhtin trata sobre as vozes sociais, “entendendo-as como complexos semiótico-axiológicos com os quais determinado grupo humano diz o mundo.” (FARACO, 2009, p. 56). Vemos, portanto, como se dá a construção de um enunciado, em um plurilinguismo dialogizado, em que as vozes sociais se entrecruzam e que o enunciado expressará posicionamentos e ideologias, tomando sempre uma posição socioaxiológica,

Faraco (2009) faz uma reflexão sobre a diferença de se estudarem ciências naturais e ciências humanas, nessa distinção o autor aponta a segunda como produzida a partir de uma relação sujeito/sujeito e usa como exemplo o texto como objeto de estudo. Ao utilizar-se deste exemplo, observamos que o objeto sendo um texto, trata-se de uma relação sujeito/sujeito visto que, por trás do texto, há um sujeito, portanto há uma visão de mundo e um universo de valores com que se interagem.

Aqui inferimos já a forma como a linguagem e sua materialização são estudadas e analisadas por esses estudiosos russos. Ou seja, tendo as ciências humanas um objeto

que não é mudo e sendo esse objeto uma expressão de alguém, teremos destarte uma relação dialógica, isto é, teremos uma interação, um encontro de orientações axiológicas decorrentes do fato de a produção e recepção serem sempre contextualizadas.

Outro aspecto do diálogo é entre as palavras na história; assim analisamos os enunciados selecionados para esta pesquisa a partir da ideia de que as palavras neles presentes estão sempre atravessadas por outras palavras. Ou seja, observamos como se dão as relações de sentido estabelecidas entre os enunciados escolhidos e demais enunciados já ditos antes.

### 1.3 Enunciado concreto, gênero do discurso, verbovisualidade

Deve-se atrelar a ideologia à realidade material do signo e às suas formas concretas de comunicação, pois, somente dentro do enunciado concreto é que a oração (neutra como unidade da língua) receberá aspectos expressivos (BAKHTIN, 2000, p.309).

No caso desta pesquisa, a realidade material do signo ocorre dentro de um contexto político em que há um embate ideológico em torno de um processo de *impeachment* de uma presidente, e aqui são analisados discursos sobre essa mulher que, naquele determinado momento, ocupava o mais alto cargo do poder executivo do Brasil. Também compõe essa realidade o processo de efervescência e adaptação das mídias diante da globalização e da ascensão dos meios digitais como principal ferramenta de comunicação neste começo de século. As formas concretas de comunicação tratadas aqui são especificamente as redes sociais e revistas impressas e digitais de circulação nacional. O diálogo entre essas mídias compõe o ponto central do trabalho.

Sendo assim, deve-se levar em conta que

a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [...]. (BAKHTIN, 2000, p. 279)

Para que a análise de um enunciado não ocorra na abstração e sim no ato pleno e real da compreensão, é necessário que se conheça, segundo Bakhtin (2010, p. 274) “a *real unidade* da comunicação discursiva – o enunciado. Porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso.” É importante que se compreenda o enunciado dessa forma para que se faça a devida

separação entre ele e uma oração como unidade da língua. Essa é uma questão complexa discutida em Bakhtin (2010) a partir de um dos aspectos que abrangem essa complexidade, sendo esse aspecto a definição da relação entre oração e enunciado. Primeiramente, o autor fala sobre a alternância dos sujeitos do discurso, que é necessária para que a oração converta-se em enunciado e tenha contato com a realidade (a situação extraverbal). Segundo o autor (2010, p. 277)

O contexto da oração é o contexto da fala do mesmo sujeito do discurso (falante); a oração não se correlaciona de imediato nem pessoalmente com o contexto extraverbal da realidade (a situação, o ambiente, a pré-história) nem com as enunciações de outros falantes, mas tão-somene através de todo o contexto que a rodeia, isto é, através do enunciado em seu conjunto.

Dessa forma, os objetivos que se tem ao produzir um enunciado estão ligados ao contexto do/no qual se origina, dentro das formas de organização humana, levando em consideração o espaço de atuação do enunciado. Ou seja, “o querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na *escolha do gênero do discurso*” (BAKHTIN, 2000, p.301, grifo do autor). A partir de certas características ou propriedades comuns entre enunciados estabelece-se uma unidade chamada de gênero do discurso. É relevante ressaltarmos que essa classificação não se dá de forma sistêmica, o que traria formas, propriedades e padrões fixos, como já estabeleceram teorias mais tradicionais sobre esse conceito. Essa maneira de trabalhar elementos da linguagem ignora e simplifica a realidade linguística enquanto interação social e, conforme já foi discorrido e reforçado ao longo dos tópicos anteriores, a interação linguística, neste trabalho e segundo o Círculo de Bakhtin, é analisada enquanto prática social. É necessário que não se concentre apenas no que é estático, mas também deve ser realçado o viés dinâmico da produção. Desta forma, segundo Faraco (2010, p. 126),

[...] a teoria do Círculo assevera axiomáticamente uma estreita correlação entre os tipos de enunciados (gêneros) e suas funções na interação socioverbal; entre os tipos e o que fazemos com eles no interior de uma determinada atividade social.

O ponto de partida de Bakhtin é a estipulação de um vínculo orgânico entre a utilização da linguagem e a atividade humana. Para ele, todas as esferas da atividade humana estão sempre relacionadas com a utilização da linguagem. E essa utilização efetua-se em forma de enunciados que emanam de integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana.

Volóchinov (2017, p. 109) trabalha com a ideia de *formas e tipos de comunicação discursiva* em que os temas se realizam, compreendendo o gênero discursivo como “grupo de formas homogêneas” que “possui seu próprio conjunto de temas”. Segundo o autor,

todo signo surge entre indivíduos socialmente organizados no processo de sua interação. Portanto, *as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas da sua interação.* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 109, grifo do autor)

Entendemos que há um *querer-dizer* expresso nos enunciados, e esse dizer está vinculado ao tipo de atividade em que se dão, e para compreensão dessa atividade é necessário que enfoquemos o tipo de dizer – o gênero do discurso – que se manifesta e passa por um processo de se estabilizar e se desenvolver no interior da atividade, constituindo, dessa forma, parte intrínseca dela. Por isso, gêneros do discurso e atividade se constituem, segundo o Círculo de Bakhtin. Assim, fica mais clara a afirmação, citada acima, de que “o querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na *escolha do gênero do discurso*” (BAKHTIN, 2000, p.301), ou seja,

falamos por meio de gêneros no interior de determinada esfera da atividade humana. Falar não é, portanto, apenas atualizar um código gramatical num vazio, mas moldar o nosso dizer às formas de um gênero no interior de uma atividade. (FARACO, 2010, p. 126)

Há condições específicas e intenções, na construção de um enunciado, que as exprime na escolha do léxico, construções sintáticas, conteúdo, estilo e o que compõe determinado enunciado. De acordo com o campo<sup>4</sup> da comunicação e seus aspectos, são estabelecidas as características do enunciado. Diante disso, nos perguntamos: Como se dá essa construção composicional de enunciados com características em comum, sendo que trabalhamos com o conceito de enunciado único e irrepetível? Essa dúvida é respondida com a seguinte citação de Bakhtin (2010, p. 262, grifo do autor):

Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

---

<sup>4</sup> Entendemos campo como sinônimo de esfera.

Quando se depara com esse conceito, é inevitável que já se comece a busca pela categorização dos gêneros, no entanto, antes disso, é importante lembrar que são inúmeras, ou melhor, infinitas as formas de atividade humana, o que dá ao gênero do discurso aspecto heterogêneo. Essa heterogeneidade pode tornar as marcas integrais do gênero do discurso fluidas, não passíveis de análise – sem estabilidade possível para fazê-la – se não for estudado “como determinados tipos de enunciados, que são diferentes de outros tipos mas têm com estes uma natureza verbal (linguística) comum” (BAKHTIN, 2010, p. 262). Há, neste caso, extrema complexidade na definição de uma natureza geral do enunciado, e para defrontar-se com essa questão Bakhtin (2010) apresenta uma diferença essencial entre os gêneros do discurso, dividindo-os em primários (simples) e secundários (complexos). Os primeiros acontecem em situações de comunicação discursiva imediata, no diálogo cotidiano, enquanto que os segundos, por serem mais complexos, acontecem em situações de convívio cultural mais desenvolvido e organizado, como romances, pesquisas científicas, gêneros publicísticos (como é o caso do nosso *corpus*). É importante que ressaltemos que ambos os tipos relativamente estáveis de gêneros têm uma relação mútua, sendo que no processo de formação dos secundários eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários, estes últimos, portanto, integram os complexos. Desta forma, os gêneros primários, quando no romance, apresentam-se no plano do conteúdo romanesco, perdendo o vínculo imediato com a realidade concreta, fazendo-o através do romance, segundo Bakhtin (2010).

A partir da análise dessas modalidades e compreendendo a diferença entre elas é que conseguimos definir a natureza complexa do enunciado. É necessário basearmos nessas questões do gênero do discurso para trazer à tona, nas análises do *corpus*, essa natureza do enunciado com suas peculiaridades e diversidades em acordo com a historicidade e, desta forma, trabalhamos com a língua em relação com a vida. Isso se explica pois, para Bakhtin (2010, p.265), “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua.”.

Quando dissertamos sobre o enunciado concreto e gênero do discurso segundo o Círculo de Bakhtin e articulamo-los às categorias desenvolvidas por esses estudiosos da linguagem a respeito do enunciado em atividade, observamos que a comunicação discursiva é um processo complexo correspondente à realidade, em que o receptor (ouvinte, leitor) não ocupa uma posição passiva, como pode nos levar a pensar a palavra “receptor”. Nessa perspectiva, é importante que retomemos a *compreensão responsiva*

*ativa*. Analisando este conceito, agora, após entendermos o funcionamento da comunicação realizando-se em enunciados concretos e em gêneros do discurso, vemos que

toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2010, p. 271)

Quem enuncia se direciona à compreensão ativamente responsiva, e a espera da resposta, seja ela qual for, – concordância ou não, enfim, uma participação – está relacionada com o gênero em que se dá o enunciado, uma vez que “os diferentes gêneros discursivos pressupõem diferentes diretrizes de objetivos, projetos de discurso dos falantes ou escreventes” (Bakhtin, 2010, p. 272). Diante disso, vemos que quem enuncia torna-se também um respondente, ao que se pressupõe e ao que o antecede, pois há um complexo diálogo entre enunciados já ditos e enunciados que estão por dizer. Ou seja, às palavras de Bakhtin (2010, p. 272): “Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados.”

Como já foi dito, é na escolha no gênero que se dá a intenção discursiva do falante, e essa escolha é determinada pela situação concreta da comunicação discursiva, ou seja, “a intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero.” (BAKHTIN, 2010, p. 282). O autor ainda nos explicita que isso se dá na prática mesmo que seja desconhecida a teoria sobre esses gêneros, e compara essa habilidade de falarmos através de gêneros com a forma como adquirimos a língua materna. Ou seja, dominamos essas práticas mesmo antes de conhecer o estudo teórico sobre elas. Desta forma, vemos que é a partir das enunciações concretas que entramos em contato com o conhecimento sobre esse funcionamento da linguagem, a partir da comunicação discursiva viva. Nesse viés, moldamos nossos discursos a partir de formas de gêneros, suas características ora padronizadas e estereotipadas, ora flexíveis e criativas, já que, conforme já vimos, os gêneros do discurso são relativamente estáveis. Aqui, ainda podemos compreender melhor que, no processo comunicativo, é necessário não só o conhecimento da composição vocabular e da estrutura gramatical, mas também as formas de enunciado, isto é, os gêneros do discurso.

Essas formas relativamente estáveis requerem um tom, uma determinada entonação expressiva, que faz parte da composição do enunciado, pois, neste processo dialógico constante, em que se dá a comunicação, há intenções, direcionamentos axiológicos, que são expressos pelo tom assumido nos enunciados analisados, sendo impossível, segundo Bakhtin (2010), a realização de um enunciado neutro. Há uma expressão de relação emocionalmente valorativa com a realidade, que só pode ser realizada em um enunciado concreto, pois,

a significação da palavra se refere à realidade efetiva nas condições reais da comunicação verbal. É por esta razão que não só compreendemos a significação da palavra enquanto palavra da língua, mas também adotamos para com ela uma atitude responsiva ativa [...] (BAKHTIN, 2000, p.310).

Lembrando que “o gênero do discurso não é uma forma da língua mas uma forma típica do enunciado” (BAKHTIN, 2010, p. 293), vemos que há uma expressão típica em cada gênero, uma entonação típica, que se dão não a partir da palavra da língua, mas sim a partir do contato da palavra com a realidade concreta, contato que ocorre no enunciado concreto.

Desse modo, a expressividade de determinadas palavras não é uma propriedade da própria palavra como unidade da língua e não decorre imediatamente do significado dessas palavras; essa expressão ou é uma expressão típica de gênero, ou um eco de uma expressão individual alheia, que torna a palavra uma espécie de representante da plenitude do enunciado do outro como posição valorativa determinada. (BAKHTIN, 2010, p. 295)

Vemos, portanto, e mais uma vez, a relação dialógica entre os enunciados, relação essa que se explicita na realização concreta da comunicação. A dialogia se apresenta mais uma vez intrínseca ao processo comunicativo vivo, visto que, se o gênero é definido por situações, temas, significados e expressões típicos, e se produzimos enunciados por meio de gêneros do discurso, é inevitável que haja diálogo entre enunciados, situações, significados e expressões outros, os quais estabelecem a forma relativamente estável do gênero. Também vemos que, no que tange à axiologia, também inerente ao enunciado concreto, “é impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2010, p. 297).

Vemos, então, que o gênero discursivo é constituído em meio a estabilidades e variações dos enunciados, em cuja situação desenvolvem-se novas formações discursivas que, no movimento dialógico constante, configuram-se novos gêneros do discurso. No caso desta pesquisa, um novo gênero que se estabelece é o meme. E, para melhor explicar essa afirmação, recorreremos ao estudo feito por Lara (2018), no qual ela disserta sobre o estabelecimento do meme como gênero em relação a outros enunciados verbo-visuais de características semelhantes, em busca de encontrar o que lhe confere indiossincrasia.

Em sua dissertação, Lara (2018) busca, a partir de Ramos (2007), nas histórias em quadrinhos, características que corroboram a formação de diferentes gêneros – cartum, charge, tiras – que utilizam a linguagem dos quadrinhos. Essa linguagem é composta – dentre outras características composicionais – pela verbo-visualidade e humor, que são presentes também nos memes. Além disso, há também o espaço de veiculação que, embora no caso dos quadrinhos fosse anteriormente principalmente físico, atualmente, ambos (memes e quadrinhos) circulam no espaço virtual. Pegamos como exemplo a perspectiva de Lara (2018) sobre a charge, a partir dos estudos de Ramos (2007, 2009) e encontramos como principal característica desse gênero o humor e a crítica, em que as notícias são atualizadas em forma ficcional. A isso aproximamos os memes analisados aqui, os quais apresentam humor e trabalham com notícias de um âmbito político transpondo-as a um âmbito ficcional e humorístico, podendo

conter personagens que são personalidades, como também podem conter qualquer outro tipo de personagem. Quanto à forma composicional, os memes também se configuram em apenas um quadro e com imagens, majoritariamente, ao contrário das charges, digitais (desenhos feitos em mídias digitais, fotos, etc). Os textos dos memes também são curtos e com elementos linguísticos, cognitivos, ideológicos e culturais que causam a ruptura, gerando humor. Por fim, contrariamente à charge, os memes não possuem títulos, nem assinaturas. (LARA, 2018, p. 84)

A autora ainda aproxima o meme de outros gêneros como tiras e cartuns e vemos que uma característica comum a todos esses gêneros é também o conhecimento prévio do tema, pois o meme é baseado num fato concreto, e por isso ele exige esse conhecimento do que está acontecendo na mídia no dia a dia do leitor. No caso do nosso *corpus*, o diálogo entre enunciados e humores são gerados a partir do conhecimento sobre os acontecimentos políticos do *impeachment* de Dilma Roussef, bem como a entrada de Michel Temer acompanhado da primeira dama Marcela Temer. Além disso, há muitas referências mencionadas nos memes, como o passado político de Dilma Roussef, também

há referências com relação a mulheres que deixaram seus nomes na história mundial e demais assuntos que compõem os enunciados e que serão detalhados nas análises. Essa memória histórico-social participa da produção do humor e, no caso do nosso material de análise, para que se compreenda a paródia e a carnavalização, que são componentes essenciais da atualização de uma situação real séria em um enunciado que adentra o âmbito fictício encoberto de elementos ideológicos e culturais que causam rupturas sociais, com uma crítica humorística.

Outra aproximação e distanciamento feitos no trabalho de Lara (2018) e que é relevante apontar aqui, é entre o meme e a fotografia, principalmente, porque muitos dos memes analisados nesta pesquisa são formados por fotografias de pessoas públicas. Lara (2018, p. 89) afirma que

o meme pode se apropriar da foto, e se diferencia desta, pois o valor atribuído à cena – da foto, do filme, etc – é humorístico, ainda que a cena original não seja [...]. Obviamente, outros fatores levam um meme visual a se diferenciar de uma foto, como o meio de circulação, entretanto aqui destacamos a questão da ressignificação, que faz com que um gênero possa ser outro em um evento.

É importante lembrarmos que os gêneros têm estabilidades e instabilidades, o que não garante homogeneidade a respeito das características apontadas aqui para definirmos o meme como gênero, mas que baseamos nas estabilidades para estabelecer a formação de um novo gênero sem desconhecer a mutabilidade inerente à linguagem em realização. Para finalizar, portanto, o esclarecimento do meme enquanto gênero, concluímos que se trata de um gênero que veicula humor e circula no ambiente virtual em diferentes campos como o artístico, político, científico, etc. Possuem, além dessas características, caráter efêmero, podendo durar horas, dias ou meses, pois faz referência a acontecimentos precisos e de temporalidade curta. Utiliza-se de linguagem visual – imagens, fotos – que configuram sentido do enunciado quando atualizada juntamente com a linguagem verbal, podendo uma mesma imagem ter diferentes sentidos em diferentes memes.

Também compõem nosso *corpus* uma capa de revista e uma reportagem. Ambas articulam o verbal e o visual em sua forma composicional para veicular informações. A primeira é arquitetada com imagens, fotos, títulos, subtítulos, com fontes de diferentes tamanhos, além da assinatura, data, número de edição e logo da empresa. As revistas participam tanto da esfera jornalística como da esfera publicitária; no caso da capa que analisamos aqui, da revista *IstoÉ*, vemos que se trata da esfera jornalística. A capa da

revista está relacionada à proposta informativa – embora não se desvincule de seus valores ideológicos - do veículo, cujos exemplares variam de acordo com os fatos do momento de produção da revista. A reportagem analisada aqui é também um gênero jornalístico, que trabalha tanto no âmbito informativo como no opinativo. A reportagem compõe o corpo do veículo, neste caso uma revista digital, e isso lhe confere um maior espaço de desenvolvimento da linguagem verbal, já que este gênero é constituído pelo objetivo de desenvolvimento de determinado assunto, que pode, inclusive, ser apresentado, na capa da revista, por meio de linguagem apenas verbal ou com linguagem verbo-visual. Embora seja destinado um grande espaço para o texto verbal, na reportagem também pode haver imagens e/ou fotografias, como é o caso da reportagem da revista *Veja* que analisamos aqui. A reportagem jornalística, com seu compromisso em transmitir informações de fatos, utiliza também a fotografia aproximando ainda mais do real sobre o qual se disserta e ilustra, já que a fotografia apresenta a realidade da forma mais verossímil possível. É importante lembrar que, diferentemente da notícia, a reportagem não só trabalha com o que está acontecendo proximamente ao momento de divulgação, mas também trabalha com temas gerais contemporâneos à enunciação ou não.

A compreensão do funcionamento da linguagem a partir das categorias bakhtinianas, no âmbito do discurso, é fundamental para realização da análise do nosso *corpus*, cuja escolha se justifica exatamente pela clareza como se dá o processo da responsividade ativa entre enunciados concretos que são expressos em gêneros discursivos. A dialogia inerente ao enunciado, que, como nos afirma Bakhtin (2010), é um elo na cadeia da comunicação discursiva, é analisada em nosso *corpus* a partir de análises de como se constroem os sentidos em uma formação composicional enunciativa verbo-visual.

Utilizamos os estudos bakhtinianos e os de Brait (2007, 2009, 2011, 2013) para analisar o enunciado verbo-visual pois as duas linguagens que constituem o verbovisual constituem a realidade material do signo e do enunciado concreto. Dessa forma, compreendemos que os estudos de Bakhtin e do Círculo trazem contribuições para uma *teoria da linguagem em geral* e não somente para uma teoria da linguagem verbal, quer oral ou escrita. (BRAIT, 2013, p. 44).

Nosso *corpus* é composto por enunciados verbo-visuais, tanto a capa da revista *IstoÉ*, como a reportagem da revista *Veja* e os memes, gêneros que fazem parte de produções de caráter verbo-visual e circulam em diferentes esferas, assim,

a linguagem verbo-visual será aqui considerada como um enunciado concreto articulado por um projeto discursivo do qual participam, com a mesma força e importância, o verbal e o visual. Essa unidade de sentido, esse enunciado concreto, por sua vez, será constituído a partir de determinada esfera estético-ideológica, a qual possibilita e dinamiza sua existência, interferindo diretamente em suas formas de produção, circulação e recepção. (BRAIT, 2009, p. 143)

Bakhtin (2010), em *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*, nos afirma que o texto, por ser uma realidade do pensamento e das vivências, é intrínseco ao pensamento e às vivências, sendo, assim, qualquer conjunto coerente de signos. A exemplo, o autor apresenta a ciência das artes operando com textos, que são as obras de arte. O autor ainda nos afirma que são “dois elementos que determinam o texto como enunciado: a sua ideia (intenção) e a realização dessa intenção” (2010, p. 308). Aqui, já é possível compreender que o signo extrapola o âmbito linguístico e vai além do que é verbal, abordando também a dimensão visual do texto, a qual compõe sua intenção e a realização desta.

Ao discorrer sobre o problema da consciência e da ideologia, Volóchinov (2017), no capítulo *A interação discursiva*, nos afirma que a consciência torna-se real quando em um material determinado, quando em um enunciado concreto, e “como uma expressão material organizada (no material ideológico da palavra, do signo, do desenho, das tintas, do som musical etc.) é um fato objetivo e uma enorme força social.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 212). A partir disso e tendo em vista nosso *corpus*, é indispensável a articulação entre linguagem verbal e visual (de forma indissolúvel) para que se compreenda a enunciação (no sentido bakhtiniano do termo) trazida no material de análise.

Isso posto, com base em Brait (2013), analisamos o verbal e o visual em conjunto, ou seja, articulados em um mesmo enunciado, adentrando, dessa forma, a verbo-visualidade. Segundo a autora, as fronteiras entre verbal e visual são diluídas, o que cria uma significação mútua, em conjunto. A autora trabalha, a partir das obras do Círculo, com o enunciado constituído verbovisualmente e nos afirma que essa relação entre o verbal e o visual “tem gradações, pendendo mais para o verbal ou mais para o visual, mas organizados num único plano de expressão, numa combinatória de materialidades, numa expressão material estruturada” (BRAIT, 2013, p. 50). Mesmo que verbal e visual não tenham sido criados juntos, como é o caso de alguns enunciados do nosso *corpus* (principalmente os memes), a relação entre verbal e visual se dá, segundo a palavra utilizada pela autora (2013, p. 52), em um *entranhamento*. Ou seja, não se trata de ser legenda ou ilustração um do outro. Em nosso *corpus*, por exemplo, na criação de um

memes com a expressão “bela, recatada e do lar” há uma responsividade ativa entre verbal e visual. A exemplo temos a construção de sentido da palavra recatada em memes com Nina Simone, Ada Lovelace, Frida Kahlo e demais personalidades marcantes em suas histórias. A palavra recatada não é uma legenda das fotos dessas mulheres, mas há um diálogo que ressignifica o sentido dessa palavra, trazendo à tona a ideia de mulheres de sucesso e de irreverência.

Portanto, analisamos os meios de comunicação e o fenômeno ideológico em sua existência concreta e seu caráter de signo, lembrando sempre que todos os objetos ideológicos pertencem às relações sociais e que o signo, de uma perspectiva bakhtiniana, não se limita ao verbal.

#### **1.4 Paródia e Carnavalização**

Quando analisamos os enunciados nas redes sociais em resposta aos veiculados pelas revistas, vemos o embate ideológico entre *forças centrípetas* e *centrífugas*, em que, de um lado há a capa da revista IstoÉ e a reportagem da revista Veja transmitindo, no período sobre o qual a pesquisa é baseada, valores sociais que vão ao encontro da ordem vigente no que diz respeito a ser mulher e, por outro lado, há os memes com sentido gerado pelas paródias e pela carnavalização que segundo Bakhtin (2010a, p.73), converte num jogo alegre e totalmente desenfreado tudo que é sagrado e importante aos olhos da ideologia oficial. Bakhtin desenvolve seus estudos sobre paródia e carnavalização da Idade Média, e o que fazemos aqui é aproximar dessas categorias, enunciados em formato de memes.

Bakhtin, em sua obra *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*, disserta sobre Rabelais e seu caráter transgressor por ser resistente aos cânones e regras da arte literária vigente. O autor coloca o problema da cultura cômica popular na Idade Média e no Renascimento com devida atenção ao riso popular, que, segundo ele, encontrava-se apagado, juntamente com a cultura da praça pública, na época pré-romântica. Bakhtin (2010a) aponta, inclusive, que a profunda originalidade da antiga cultura cômica popular ainda não fora revelada pois não foi um ponto bastante estudado em meio a pesquisas sobre o contexto dos mitos, ritos e obras de origem popular nem mesmo num tempo posterior. Além disso, segue o autor, a natureza do humor popular, quando é objeto de interesse de investigações científicas, forma-se “sob o domínio da cultura e da estética burguesas dos tempos modernos” (BAKHTIN, 2010a, p. 3).

Para o estudioso russo, isso é problemático, pois deturpa, segundo suas palavras, “o quadro evolutivo histórico da cultura europeia nos séculos seguintes” (BAKHTIN, 2010a, p. 5), já que o riso tinha uma importância considerável na Idade Média, opondo-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época. Esse riso se dava por meio de festas públicas carnavalescas, ritos, cultos cômicos especiais, a literatura paródica, entre outros. Aqui nos detemos ao carnaval e aos elementos paródicos. As cerimônias oficiais sérias da Igreja ou do Estado eram parodiadas e organizadas à maneira cômica, com diferentes princípios se comparadas às oficiais, trabalhando exatamente com o não-oficial, ou seja, com o que é externo à Igreja e ao Estado. Dessa forma, Bakhtin (2010a, p. 5, grifo do autor) afirma que “pareciam ter construído, ao lado do mundo oficial, *um segundo mundo e uma segunda vida* aos quais os homens da Idade Média pertenciam em maior ou menor proporção, e nos quais eles viviam em ocasiões determinadas”. Essas ocasiões aconteciam relacionadas à arte, como espetáculos teatrais, porém o carnaval – que em certas formas é uma paródia – “situa-se nas fronteiras entre a arte e a vida. Na realidade, é a própria vida apresentada com os elementos característicos da representação.” (BAKHTIN, 2010a, p. 6). Sobre o carnaval em si, Bakhtin (2010b, p. 139, grifo do autor) afirma ser “uma forma *sincrética de espetáculo* de caráter ritual, muito complexa, variada [...], apresenta diversos matizes e variações dependendo da diferença de épocas, povos e festejos particulares.” O que o autor faz é transpor o carnaval para o contexto literário e chama isso de *carnavalização da literatura*.

Nessa perspectiva sobre a relação entre carnaval, arte e vida, compreendemos que o conceito de carnaval estudado por Bakhtin não se confunde com uma festa ou espetáculo em que há divisão entre artista, palco, plateia e espectadores, mas se configura como uma vivência do todo e por todos que se encontram na ocasião carnavalesca. Isso se explica, segundo Bakhtin (2010a, p. 6):

Enquanto dura o carnaval, não se conhece outra vida senão a do carnaval. Impossível escapar a ela, pois o carnaval não tem nenhuma fronteira *espacial*. Durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da liberdade. O carnaval possui um caráter universal, é um estado peculiar do mundo: o seu renascimento e a sua renovação, dos quais participa cada indivíduo. Essa é a própria essência do carnaval, e os que participam dos festejos sentem-no intensamente.

Bakhtin (2010a) ainda lembra que há um elo entre carnaval e festas religiosas, pois realizava-se nos últimos dias que precediam a quaresma. Esses dias em que ocorriam o carnaval era o momento em que o povo se libertava, na praça pública, das amarras

morais do sistema oficial. Segundo o teórico russo, em sua outra obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, que também utilizamos, nessa pesquisa, para trabalhar os conceitos de carnavalização e paródia, o carnaval

[...] é um espetáculo sem ribalta e sem divisão entre atores e espectadores. No carnaval todos são participantes ativos, todos participam da ação carnavalesca. Não se contempla, em termos rigorosos, nem se apresenta o carnaval mas *vive-se* nele, e vive-se conforme as suas leis enquanto estas vigoram, ou seja, *vive-se uma vida carnavalesca*. Esta é uma vida desviada da sua ordem *habitual*, em certo sentido uma “vida às avessas”, um “mundo invertido” (*monde à l’envers*). (BAKHTIN, 2010b, p. 140, grifo do autor)

Ao relacionar o carnaval com uma *segunda vida*, vida esta que se baseia no princípio do riso, apresenta-o como a *vida festiva*, já que a festa estava na estrutura dos acontecimentos cômicos da Idade Média. É importante pontuar que não eram todas as festas que tinham característica carnavalesca ou populares, as quais trazem a dimensão de uma segunda vida, de um reino utópico da universalidade, liberdade, igualdade e abundância. Havia também as festas oficiais da Idade Média, as festas da Igreja e do Estado feudal, que não criavam a dimensão da segunda vida, pois confirmavam a ordem vigente, sem transgressões, ainda ligadas ao passado, demonstrando a busca constante de estabilizar as regras, fortalecer a imutabilidade de hierarquias, valores, normas, tabus. Isso confere à festa oficial um tom sério.

A partir dessas características, aproximamos nosso *corpus* desse cenário e, analogamente, conseguimos ver o que é oficial – o que busca estabilidade e se pauta no passado para isso – presente nos enunciados das revistas. E vemos, nos memes, o que questiona esse olhar para o passado – o carnaval. No caso desta pesquisa, tratamos o oficial e não oficial no âmbito das relações hierárquicas entre gêneros, ou seja, no que diz respeito ao ser mulher e as regras sociais que estabelecem o que é adequado ou inadequado no âmbito do trabalho, da política e do comportamento das mulheres.

Baseando-nos no dialogismo e em uma comunicação socioideológica em transformação no curso da história, usamos o conceito de *carnavalização* buscando os sentidos do todo de enunciados, sua atualização em determinado momento histórico, sentidos que são transmitidos por meio de memes. Como vimos anteriormente sobre estratificação da língua e plurilinguismo, e detalhamos nas análises a seguir, os memes evidenciam o movimento da língua viva em que confrontam forças centrípetas e centrífugas. Isso traz o senso carnavalesco do mundo, que é um instrumento contra qualquer monologização da existência humana (FARACO, 2009, p. 80).

A carnavalização é estudada por Bakhtin a respeito das variedades da linha carnavalesca no romance quando desenvolve seus estudos na obra *Problemas da poética de Dostoiévski*. Ele parte das raízes do gênero romanesco – *épica, retórica e carnavalesca* – para então adentrar o campo do sério-cômico e encontrar os pontos de partida do desenvolvimento das variedades da linha carnavalesca do romance, para, então chegar à obra de Dostoiévski. Esse campo do sério-cômico, sobre o qual Bakhtin (2010b) trata, é um campo da literatura com peculiaridades que o colocava em oposição aos gêneros sérios – epopeia, tragédia, história, retórica clássica etc. Segundo o autor, “a cosmovisão carnavalesca, que penetra totalmente esses gêneros, determina-lhes as particularidades fundamentais e coloca-lhes a imagem e a palavra numa relação especial com a realidade.” (BAKHTIN, 2010b, p. 122). Dentre as peculiaridades dos gêneros do sério-cômico, apontadas pelo autor, enumeramos algumas delas que são relevantes para a análise do *corpus*.

Primeiro ele fala sobre o tratamento que esses gêneros dão à realidade, não havendo distância épica ou trágica quando se apresenta o objeto da representação séria e cômica, estando este em relação com a atualidade inacabada. Aquela que está em contemporaneidade com os enunciados em construção, aquela que não só constrói os enunciados, mas também está sendo construída por eles. Ou seja, não há um distanciamento histórico ou fictício.

Em segundo lugar, o autor aponta que esses gêneros se baseiam na *experiência* e na *fantasia livre*, distanciando-se da *lenda*. Em terceiro, Bakhtin nos fala sobre a pluralidade de estilos e a variedade de vozes de todos esses gêneros.

Tanto essa última peculiaridade como aquela primeira ligam-se a algumas características de nosso objeto de análise: a proximidade com a atualidade inacabada, a variedade de vozes, a fusão do sério e do cômico, paródia dos gêneros elevados, citações recriadas em paródia, com inserção de jargões vivos (BAKHTIN, 2010b, p. 126-127).

Essas são características que encontramos também no *corpus*, em que todos os enunciados atuam em contato com a realidade atual inacabada, e isso é uma característica dos gêneros da esfera jornalística – capa de revista e reportagem, no caso do *corpus* – e também forte característica das redes sociais, onde circulam os memes, os quais são criados em diálogos com os acontecimentos contemporâneos a eles. Mesmo que retome acontecimentos históricos passados, geralmente isso é feito para falar de algo coexistente à sua construção.

Já em relação à fusão entre o sério e o cômico, podemos dizer que eles estão presentes não só nos memes, que têm em sua essência o humor sem deixar, no caso do nosso *corpus*, de trabalhar com assuntos sérios (*impeachment* da presidente da República e desigualdade entre homens e mulheres) e em diálogo com gêneros mais sérios. Da mesma forma, a capa e a reportagem também não estão tão distantes da comicidade, quando se observa exageros (como a fotografia de Dilma na capa da IstoÉ) ou quando se observa um anacronismo no modelo de mulher bela, recatada e “do lar” apresentado na reportagem. Observamos isso quando vemos que os memes respondem a esses gêneros com humor. Vemos enunciados de diferentes perspectivas ideológicas, em que o embate entre as vozes sociais acontece de uma perspectiva do sério-cômico quando questionam a forma como a mulher no âmbito político foi representada (sério, oficial), por meio da paródia e carnavalização (cômico, o não-oficial, o avesso).

Embora Bakhtin trabalhe essas questões no campo da literatura, nossa proposta aqui é analisar essas questões no âmbito midiático, considerando que a mídia se configura como um espaço de representação da atualidade social.<sup>5</sup> Machado (2007, p.163) traz essa reflexão sobre os estudos de Bakhtin terem como alvo, em seu interesse teórico, “as formações da prosa na vida cotidiana com todas suas imperfeições, não acabamentos, efemeridade e aspectos grotescos.” A autora ainda afirma:

De fato, Bakhtin examinou na prosa romanesca o carnaval, o diálogo socrático, as menipéias, a aventura, o fantástico, o grotesco, a experimentação de ideias tendo em mãos tão-somente o romance. Contudo, suas formulações a respeito da cultura prosaica mostram o outro lado da abordagem: as formas fora dos limites do romance – na praça pública, na feira, nos espetáculos, no jornalismo, nos anúncios, na arte. (MACHADO, 2007, p. 164)

Assim como Bakhtin parte do sério-cômico para procurar os pontos de partida do desenvolvimento das variedades da linha carnavalesca do romance, a partir do caminho percorrido por ele pensamos os processos de paródia e carnavalização nos diálogos entre as mídias dentro de uma perspectiva do sério-cômico.

Entendemos os discursos produzidos nas redes sociais, em resposta aos enunciados produzidos nas revistas, como uma forma de trabalhar com a atualidade ideológica. Esses discursos estão impregnados de diversas ideologias e polêmicas, que

---

<sup>5</sup> Vale mencionar o trabalho de Guedes (2015) que analisa a carnavalização fora do romance: *Marcha das vadias como resposta carnalizada do feminismo: uma análise bakhtiniana de uma campanha fotográfica*

fazem alusões a grandes e pequenos acontecimentos da época contemporânea à produção do enunciado. Quando Bakhtin (2010b, p. 135) discorre sobre a *menipeia*, traça algumas características que se encaixam no papel dos memes aqui analisados. É importante lembrarmos que a *menipeia* ocorre na literatura, construindo esses aspectos ideológicos e sociais, já os memes ocorrem nas redes sociais.

Além disso, Bakhtin (2010b) discorre sobre a *menipeia* incorporar frequentemente elementos da utopia social, além de se caracterizar por um amplo emprego dos gêneros intercalados: novelas, cartas, discursos oratórios, simpósios etc., o que reforça a multiplicidade de estilos e a pluritonalidade desse gênero. Diante de tal multiplicidade, é mais plausível ainda que vejamos aproximação da *menipeia* com os memes analisamos. E por isso destinamos este espaço para essa reflexão em nosso trabalho.

Antes de entrar na questão sobre a comparação entre sátira *menipeia* e memes, vamos compreender melhor do que se trata esse gênero, segundo Bakhtin (2010). Influenciadora da literatura cristã antiga e da literatura bizantina, não se restringe apenas a este período, continuando a desenvolver-se nas épocas seguintes até a Idade Moderna. Bakhtin observa, ainda, que o desenvolvimento da sátira *menipeia* continua até os dias atuais (tempo em que escrevia *Problemas da poética de Dostoiévski, séc XX*), mesmo que em essência, seja com nítida consciência do gênero ou não, segundo as expressões utilizadas por Bakhtin (2010b, p. 129). As *menipeias*, como foram, posteriormente, denominadas por Bakhtin, apresentam elemento cômico e caráter carnavalesco, além de apresentarem grande despreendimento de qualquer necessidade de verossimilhança externa vital. Segundo as palavras de Bakhtin (2010, p.130), a *menipeia* é um gênero que apresenta grande liberdade de invenção e fantasia, embora apresentasse heróis baseados em figuras históricas e lendárias, o que não cria um obstáculo à liberdade de invenção do enredo. O gênero da *menipeia* utiliza-se dessa característica aventureira e fantasiosa com finalidades filosóficas e ideológicas para provocar e experimentar uma ideia, sem o objetivo de materialização da verdade, mas de buscar e provocar a experimentação desta verdade. Isso é feito com os heróis sendo colocados em situações extraordinárias reais. Sem o intuito de experimentação de um determinado caráter humano, individual ou típico-social, pode-se dizer, segundo Bakhtin (2010b, p. 131), “que o conteúdo da *menipeia* é constituído pelas aventuras da ideia ou da verdade no mundo, seja na Terra, no inferno ou no Olimpo”.

Algumas das características da *menipeia* que nos remetem aos memes aqui analisados são suas cenas de escândalos, de comportamento excêntrico e

as diversas violações da marcha universalmente aceita e comum dos acontecimentos, das normas comportamentais estabelecidas e da etiqueta, incluindo-se também as violações do discurso. (BAKHTIN, 2010b, p. 134)

Diante desses aspectos da *menipeia*, fica nítido o caráter carnavalesco nela presente. Portanto, começamos a aproximar este gênero do meme, que também apresenta os aspectos acima descritos, apresentando um desmascaramento das regras sociais por meio do excêntrico, às vezes de forma escandalosa de forma que profane a moral e os costumes aceitos como bons. Como o exemplo do meme seguinte, analisado na figura 13:



Mais uma particularidade da *menipeia* que também nos aproxima de nosso objeto de estudo consiste em focar em temas da atualidade político-social, ou seja, atualidade ideológica, como quando Bakhtin (2010b, p. 135) afirma que as sátiras de Luciano “perscrutam as novas tendências da evolução do cotidiano, mostram os tipos sociais em surgimento em todas as camadas da sociedade, etc”. Conforme vimos anteriormente, quando dissertamos sobre o gênero meme, este muito se aproxima da charge, que apresenta humor em diálogo com notícias – o que configura uma proximidade com a atualidade. E os memes analisados neste trabalho são arquitetados com humor e em diálogo com enunciados das revistas que transmitem as notícias atuais daquele momento. Portanto, há, no meme, características também encontradas na *menipeia*, se levada em conta a descrição bakhtiniana, como descrito acima, sobre esse gênero.

Apesar de os memes, objeto de análise nesta pesquisa, não se equipararem à *sátira menipeia*, consideramos relevante que apresentemos algumas dessas características em comum para uma maior compreensão das formas de produção de sentido do sério cômico até que cheguemos à carnavalização e à paródia. Além disso, para também compreendermos, por comparação, um pouco dos movimentos comunicativos, não devemos ignorar algumas correspondências entre esses gêneros. A partir da presença da paródia e o caráter carnavalizado dos memes, a correlação entre *menipeia* e os memes torna-se inevitável quando Bakhtin (2010b) afirma que

a paródia é um elemento inseparável da “sátira menipeia” e de todos os gêneros carnavalizados. A paródia é organicamente estranha aos gêneros puros (epopeia, tragédia), sendo, ao contrário, organicamente própria dos gêneros carnavalizados. Na Antiguidade, a paródia estava indissolúvelmente ligada à cosmovisão carnavalesca. O parodiar é a criação do *duplo destronante*, do mesmo “mundo às avessas”. (BAKHTIN, 2010b, p. 145. Grifo do autor)

Concebemos as paródias dos memes que compõem o *corpus* como as paródias carnavalescas que se caracterizavam pela lógica original das coisas ao avesso, que renovavam os signos que se estabilizavam pela ideologia oficial. Uma forte característica das paródias carnavalescas, segundo Bakhtin (2010b), é a renovação através da morte e do renascer que se dá na ambivalência que há na paródia. Há um jogo bivocal entre sério e cômico no ato de se parodiar, e esse ato configura o questionamento dos poderes hierárquicos. Isso se explica nas palavras de Fiorin (2008, p. 97):

A paródia é ambivalente. Nela, há uma bivocalidade: a voz do parodiado e a do parodiante. Zomba-se da voz séria e, ao mesmo tempo, afirma-se uma alegria com a outra voz. Com isso, nega-se o discurso de autoridade e afirma-se a relatividade das coisas.

Essa relatividade pode ser explicada quando o autor nos apresenta que diferentes imagens se parodiavam sob diferentes pontos de vista, e a partir disso, Bakhtin (2010b, p.146) cria uma metáfora de um sistema de espelhos deformantes. Pensamos, analogamente, nosso *corpus* como esses espelhos deformantes, em que diferentes ideologias sobre o ser mulher se espelham e se deformam explicitando diferentes pontos de vista, que, no caso específico de nosso *corpus*, aparecem nos enunciados entranhados de valores sobre os comportamentos das mulheres na sociedade em que foram construídos os enunciados.

Bakhtin (2010a) nos mostra o quanto a paródia está relacionada com os espetáculos carnavalescos e como o universalismo cômico se manifesta nesses

espetáculos. As manifestações populares carnavalescas da Idade Média configuravam uma negação aos discursos oficiais, como por exemplo, o da Igreja. Além disso, os textos sagrados eram parodiados, com frequência, o que leva a relacionar as paródias medievais com o riso e a liberdade legalizados durante essas festas.

Bakhtin (2010b, p. 221) afirma que a paródia ocorre quando

o autor fala a linguagem do outro, porém, reveste essa linguagem de orientação semântica diametralmente oposta à orientação do outro. A segunda voz, uma vez instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir a fins diametralmente opostos. O discurso se converte em palco de luta entre duas vozes.

Assim, vemos que a paródia não é apenas cruzamento de discursos, não é apenas trabalhar com o discurso de outrem, mas sim trazer o discurso de outrem para se opor a ele, daí o diálogo entre vozes distintas, as quais analisamos nos enunciados do *corpus*. Olhamos para a arquitetura dos enunciados do *corpus* e, neste panorama, buscamos compreender, na linguagem, no discurso, nos enunciados concretos, a luta ideológica, os entrecruzamentos de valores entre os discursos ali presentes, observamos esse palco em que se dão encontros e confrontos de valores com relação ao ser mulher na sociedade contemporânea e ainda ao ser mulher em uma situação de poder político.

## **2 BREVE PANORAMA SOBRE A MULHER EM CONSTRUÇÃO SOCIAL E O DIÁLOGO ENTRE AS MÍDIAS TRAZENDO À TONA CONFRONTOS DE VALORES SOBRE A MULHER**

Nesta Seção, desenvolvemos análises dos enunciados veiculados pelas redes sociais e revistas em diálogo. Os memes, a capa da revista *IstoÉ* e o reportagem da revista *Veja* trazem discursos sobre a mulher e sobre sua participação na sociedade nos âmbitos do trabalho, da política e do comportamento social. Essa explanação é importante para que se compreenda, por meio das análises do *corpus*, como se dão os encontros e confrontos axiológicos dos discursos em diálogo, não só entre os enunciados das diferentes mídias – revista e redes sociais –, mas também entre os discursos que permeiam o elo da cadeia enunciativa, que vai sendo construída ao longo da história humana. É notável que os embates ideológicos que ocorrem nos enunciados concretos que compõem nosso material de análise estão imbuídos de valores sobre a mulher no âmbito político, no âmbito do trabalho e no que diz respeito às regras sociais sobre como uma mulher deve se comportar. O embate ideológico que ocorre entre os enunciados dos diferentes veículos de comunicação aparece em meio ao sério e cômico com a paródia e a carnavalização trazendo à tona o questionamento de padrões que tendem à estabilização. Esses valores foram desenvolvendo-se, sendo moldados e modificados ao longo de todo o crescimento da nossa civilização, e o que fazemos é realçar a construção dos discursos que ora são centrípetos, conservando o que já está estabelecido, ora são centrífugos, questionando o que está posto, o que é vigente.

Para isso, buscamos em Beauvoir (2016) como a diferença entre os sexos se deu e se dá na sociedade. Na obra *O segundo sexo*, a autora parte da premissa de que o que define o ser mulher não se trata de um destino fisiológico, psicológico ou econômico, mas sim por ser tratada como o *Outro*. A autora, então, observa os pontos de vista da biologia, psicanálise e materialismo histórico e desenvolve sua análise sobre o ser mulher. Além do breve panorama, a partir de Beauvoir (2016), sobre vertentes que estudaram e estudam o ser mulher, também buscamos em Saffioti (1987) como se configuram os papéis sociais atribuídos aos diferentes sexos e como essas questões são traduzidas nos discursos aqui analisados.

A partir da biologia, Beauvoir (2016, p. 64) afirma que “os indivíduos nunca são abandonados à sua natureza”, ou seja, não se comportam apenas a partir do que lhes é inato biologicamente, do que está impresso no código genético. Isso se explica, pois, segundo a autora, em uma sociedade, há o que ela chama de segunda natureza do ser, que

são os costumes dos indivíduos, e há uma relação entre essas naturezas, em que uma reflete na outra. Assim, afirma Beauvoir (2016, p. 64):

Não é enquanto corpo, é enquanto corpos submetidos a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza: é em nome de certos valores que ele se valoriza. E, diga-se mais uma vez, não é a fisiologia que pode criar valores. Os dados biológicos revestem os que o existente lhes confere.

Dessa forma, vemos que é importante que se fale e se compreenda o corpo da mulher e o corpo do homem para pensar a diferença entre os sexos, porém não basta para definir o ser mulher, não basta para compreendermos a resposta da pergunta de Beauvoir (2016) “Por que a mulher é o *Outro*?, pois é necessário pensar neste corpo em existência no seio da sociedade e o que a sociedade fez e faz deste corpo para chegar à resposta. É só a partir da compreensão dessa conjuntura que se pode compreender como se deu a construção do ser mulher ao longo do engendramento de nossa sociedade.

A perspectiva de Beauvoir (2016, p. 81) é de que “a mulher define-se como ser humano em busca de valores no seio de um mundo de valores, mundo cuja estrutura econômica e social é indispensável conhecer”, e estuda a mulher de um ponto de vista existencial em sua situação total. E daí vem a crítica da autora ao sentido que se dá à mulher a partir da psicanálise, pois, segundo ela, essa vertente define o homem como ser humano e a mulher como fêmea e, quando a mulher se comporta como ser humano, está imitando o macho. E assim, vai sendo constituído o papel de *Outro*, que é proposto à mulher.

Do ponto de vista biológico, segundo Beauvoir (2016, p.83), “os dois traços que caracterizam a mulher são os seguintes: seu domínio sobre o mundo é menos extenso que o do homem; ela é mais estreitamente submetida à espécie”. Porém, é necessário que se articule o biológico à realidade histórica: como este corpo atua e assume um valor concreto? É dessa perspectiva que o materialismo histórico analisa os sujeitos inseridos em uma estrutura social. E, sob esse ponto de vista, Beauvoir (2016, p. 84) afirma que “a abundância só cria superioridade na perspectiva de uma necessidade” e, sendo assim, quando se analisam características biológicas masculinas que podem lhe conferir superioridade, como por exemplo a força, essas só se fazem necessárias em um contexto como quando a humanidade precisava enfrentar animais selvagens ou mover objetos grandes e pesados. Se a realidade concreta exige manuseios e técnicas que anulem a necessidade de músculos, essa não é mais uma característica que sobreponha um

indivíduo a outro. Essa é a perspectiva materialista que explica a relação de submissão da mulher ao homem diretamente interligada à estrutura econômica e ao desenvolvimento do trabalho no sistema capitalista, responsável pelo estabelecimento da família patriarcal, segundo os estudos de Engels, apontados por Beauvoir (2016) em sua obra *O segundo sexo*.

Beauvoir (2016) questiona a limitação do materialismo histórico, que reduz o homem e a mulher a entidades econômicas, e a limitação da psicanálise com seu monismo sexual. Segundo a autora, essa segunda visão trabalha com a ideia da existência de um corpo e é a forma como este corpo se sente diante de outros corpos que representa concretamente a situação existencial. E, na perspectiva marxista, o que se tem como verdadeiro é que o ser em si assume uma forma concreta a partir do que lhe é dado materialmente, ainda segundo Beauvoir (2016). O que a autora acentua é que ambos os pontos de vista simplificam a condição da mulher concreta, o que ela propõe é uma análise mais aprofundada desta situação quando afirma:

Por baixo dos dramas individuais como da história econômica da humanidade, há uma infraestrutura existencial que permite, somente ela, compreender em sua unidade essa forma singular que é uma vida. (BEAUVOIR, 2016, p. 90)

A autora propõe uma análise para o ser mulher que se articula, de certa forma, à base teórica deste trabalho, que é o diálogo que ocorre constantemente quando da existência concreta do ser. Ela atribui ao ser mulher o que atribuímos ao sujeito em relação com o enunciado concreto: complexidade e necessidade de análise singular e única que envolve uma perspectiva ampla da existência social e histórica. Para maior esclarecimento, seguem as palavras da autora:

Para descobrir a mulher não recusaremos certas contribuições da biologia, da psicanálise, do materialismo histórico, mas consideraremos que o corpo, a vida sexual, as técnicas só existem concretamente para o homem na medida em que os apreende dentro da perspectiva global de sua existência. O valor da força muscular, do falo, da ferramenta só se poderia definir num mundo de valores: é comandado pelo projeto fundamental do existente transcendendo-se para o ser. (BEAUVOIR, 2016, p. 91)

Posterior a essa breve explanação dessa vertente sobre outras que estudaram a diferença entre ser mulher e ser homem ao longo do desenvolvimento de nossa sociedade, adentramos nos campos mais específicos em que são realçadas essas diferenças de gênero, que compõem os discursos presentes no material de análise.

São esses campos o da política, do trabalho e do comportamento. O primeiro e o segundo estão interligados claramente em nosso *corpus*, quando estão presentes na construção do enunciado uma mulher que ocupa o cargo de presidente da república de um lado e do outro uma mulher que é elogiada por ser “do lar”, bem como as respostas por meio de memes que não deixaram de trabalhar também com estes âmbitos quando faz referências a mulheres na ciência, mulheres escritoras, mulheres na arte, etc. Outro campo é o do comportamento, quando por um lado há uma mulher sendo retratada como descontrolada quando foge ao comportamento esperado para uma mulher, e por outro lado uma mulher que representa o comportamento tido, por uma parcela social significativa, como adequado para uma mulher, que é o ser recatada e ser bela. E os memes também trazem à tona os confrontos de valores neste âmbito quando apresentam, por meio da paródia e da carnavalização, o questionamento das forças ideológicas em questão.

Em sua obra *O poder do macho*, Heleieth Saffioti (1987) discorre sobre os papéis sociais atribuídos aos diferentes sexos, no Brasil. Ela começa seu texto afirmando que “Não é difícil observar que homens e mulheres não ocupam posições iguais na sociedade brasileira.” (SAFFIOTI, 1987, p. 8). A autora analisa essa diferença na construção da identidade social da mulher e do homem a partir dos distintos papéis que são atribuídos a estes. Segundo Saffioti (1987, p. 8, grifo da autora) “A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que *pode* operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que *pode* atuar o homem.” Para compreender essa construção identitária a partir desses papéis sociais, ela não se limita às diferenças entre os sexos, mas, em busca da maior compreensão da complexidade como ocorre tal relação social, a autora não deixa de articular as diferenças entre as categorias de sexo à classe social e à questão racial.

A tarefa social atribuída à mulher sobre a qual a autora discorre primeiramente é o trabalho doméstico. E, segundo a autora, esse trabalho é de responsabilidade da mulher mesmo quando esta exerce função remunerada fora do lar. Saffioti, então, discorre sobre a terceirização deste trabalho doméstico ou o de cuidar dos filhos, por exemplo. Ela pontua que a permissão para que se delegue essa função a outra pessoa, seja da família ou assalariada, é diferente em classes sociais distintas. Essa permissão é dada, segundo a autora, quando a mulher tem necessidade de se sustentar ou de contribuir na renda familiar, no entanto, quando se trata de classes dominantes, essa permissão não depende dessa necessidade, pois essa mulher pode “desfrutar da vida ociosa” (SAFFIOTI, 1987, p. 8), embora a orientação e supervisão das tarefas domésticas realizadas por funcionários

contratados seja, em geral, ainda de responsabilidade da mulher. Entre operárias e burguesas há uma grande variedade de tipos de vida das mulheres, com diferentes situações, salários e disposições. Diante disso, Saffioti (1987, p. 9, grifos da autora) afirma:

Não obstante todas estas diferenças, que tornam a *vida de mulher*, mais ou menos difícil, a responsabilidade última pela casa e pelos filhos é imputada ao elemento feminino. Torna-se, pois, clara a atribuição, por parte da sociedade, do espaço doméstico à mulher. Trabalhando em troca de um salário ou não, na fábrica, no escritório, na escola, no comércio, ou a domicílio, como é o caso de muitas mulheres que costuram, fazem crochê, tricô, doces e salgados, a mulher é socialmente responsável pela manutenção da ordem da residência e pela criação e educação dos filhos. Assim, por maiores que sejam as diferenças de renda encontradas no seio do contingente feminino, permanece esta identidade básica entre todas as mulheres.

A sociedade investe muito na *naturalização* deste processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre de sua capacidade de ser mãe. De acordo com este pensamento, é *natural* que a mulher se dedique aos afazeres domésticos, aí compreendida a socialização dos filhos, como é *natural* sua capacidade de conceber e dar à luz.

O olhar da autora é de como cada sociedade elabora distintos significados para o mesmo fenômeno natural, pois ela pontua sociedades que funcionam de forma diferente neste quesito da atribuição do trabalho doméstico ao universo feminino. E isso vai ao encontro da afirmação de Beauvoir que a própria Saffioti cita: “ninguém nasce mulher; torna-se”, pois “o sentido específico de um fenômeno natural, formulado de diferentes maneiras por distintas sociedades, constitui sua dimensão social, cultural ou sociocultural.” (SAFFIOTI, 1987, p. 10). Quando Beauvoir (2016, p. 11) cita essa famosa frase, ela afirma:

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino.

A autora discorre sobre natureza e processos socioculturais e questiona o fato de se falar de “natureza feminina” ou “natureza masculina” quando até mesmo o metabolismo das pessoas é condicionado pela sociedade. Após falar também sobre como acabam-se naturalizando os processos socioculturais em busca de legitimar determinadas discriminações ou superioridades, Saffioti (1987, p. 11) afirma:

Dada a desvalorização social do espaço doméstico, os poderosos têm interesse em instaurar a crença de que este papel sempre foi

desempenhado por mulheres. Para a solidificação desta crença nada melhor do que retirar desta atribuição de papéis sua dimensão sociocultural. Ao se afirmar que sempre e em todos os lugares as mulheres se ocuparam do espaço doméstico, eliminam-se as diferenciações históricas e ressaltam-se os característicos “naturais” destas funções.

Saffioti (1987) fala sobre a ideologia da “inferioridade” da mulher e o quanto ela é abrangente a ponto de fazer com que as próprias mulheres admitam sua “fraqueza”, e essa ideia de fraqueza da mulher é atribuída à força física, fator originário da dominância do homem sobre ela. A autora afirma que o fato de a mulher, em geral, ter menos força física que o homem não é suficiente para que se estabeleça essa inferioridade feminina, visto que até mesmo nas atividades bélicas há crescente participação das mulheres. Ainda questionando essa ideologia de inferioridade feminina, a autora lembra o ponto de vista biológico o qual afirma que o organismo feminino é mais diferenciado que o masculino, por isso mais resistente, além da sobrevida feminina em relação aos homens e os hormônios femininos que as defendem de doenças coronárias, por exemplo. Sem intenção de querer inverter a hierarquia colocando mulheres como superiores, Saffioti utiliza-se do argumento biológico para apresentar a falta da fundamentação científica dessa ideologia que inferioriza a mulher, o que nos leva a concluir que a inferioridade feminina é exclusivamente social. Essa construção social da inferioridade feminina leva à castração da mulher que, segundo a autora, está permeada de preconceitos milenares, transmitidos de geração para geração. Assim a autora coloca subordinação feminina de frente para supremacia masculina e afirma:

*a construção social da supremacia masculina exige a construção social da subordinação feminina. Mulher dócil é a contrapartida de homem macho. Mulher frágil é a contraparte de macho forte. Mulher emotiva é a outra metade de homem racional [e nessa divisão vemos o embate ideológico gerado a partir da capa da revista IstoÉ analisada adiante]. Mulher inferior é a outra face da moeda do macho superior. (SAFFIOTI, 1987, p. 29, grifos da autora, comentário nosso)*

Conforme nos afirma Saffioti (1987, p. 16), as relações desiguais são complexas e não são explicadas apenas quando se observam homens como dominadores de um lado e mulheres como subordinadas de outro, pois existem, na sociedade brasileira, outros princípios estruturadores das relações sociais que não se resumem ao sistema patriarcal. O que ocorre é que em meio a diferentes classes sociais, diferenças raciais e ou étnicas, há a supremacia masculina.

A autora não deixa de tratar sobre as castrações que ocorrem em meio a essa relação permeada pelo poder. E, mesmo que se fale na supremacia masculina, ela destina espaço em sua obra para discorrer sobre as castrações que ocorrem tanto com homens como com mulheres. Como nosso *corpus* traz elementos sobre ser mulher, esse é nosso foco nesta dissertação, no entanto, consideramos importante citar essa questão, pois

Não parece justo, ao discorrer-se sobre as discriminações praticadas contra mulheres, esquecer os homens. Como no processo de reprodução biológica, também no da reprodução social homens e mulheres são seres complementares. Numa sociedade em que as práticas cotidianas mutilam várias dimensões da personalidade feminina, existem também condutas impostas aos homens, que limitam extraordinariamente seu desenvolvimento. Em outros termos, a mulheres mutiladas correspondem, necessariamente, homens mutilados. É exatamente por isso que a luta das mulheres não diz respeito apenas a elas, mas também aos homens. Seria impensável pretender mudar comportamentos femininos sem redefinir os papéis masculinos. Mas, para que a luta por uma redefinição dos papéis de ambos seja travada adequadamente e alcance resultados positivos é preciso que se conheçam, pelo menos, as discriminações fundamentais de que é alvo, com frequência, a mulher. (SAFFIOTI, 1987, p. 27)

Nas construções das relações sociais, que se dão neste complexo universo de disputas de poder, estereótipos, normas, moldes e regras sociais são criados buscando limitar os comportamentos sociais ao que é considerado normal e ao que é marginalizado dessas relações de costume. Nesse processo de encaixar-se em um modelo estereotipado e rejeitá-lo há um constante jogo de forças, às quais Bakhtin chama de centrífugas e centrípetas. Analisando essas questões podemos colocar as primeiras como atuantes na liberdade de ser quem se é, e as segundas como atuantes na repressão exigida pelo estereótipo. Quando analisamos o diálogo entre os enunciados do *corpus*, buscamos entender os discursos que compõem as forças centrípetas – modeladas e esperadas pela ideologia dominante– e as forças centrífugas que se recusam a submeter-se a esses moldes sociais sobre o ser mulher, o que conferem caráter libertador para experiências das potencialidades de cada pessoa.

No encaixe a esses modelos sociais dá-se a relação de subordinação da mulher ao homem, que configura o chamado sistema patriarcal. Este, segundo Saffioti (1987), está interligado com o poder político, que confere a quem estiver no poder a tomada de decisões que afeta a vida de um povo e, essas foram tomadas e ainda são majoritariamente tomadas por homens, já que nas sociedades contemporâneas a participação política da

mulher ainda é menor que a do homem. Diante dessa realidade histórica, é notável que o tratamento das mídias à presidente Dilma Rousseff e à primeira dama Marcela Temer traz discursos sobre atuação da mulher em cargos de poder, em direções, em atividades estruturadas pelo sistema capitalista em contrapartida ao trabalho doméstico ou ao trabalho informal.

No que diz respeito ao campo do trabalho no sistema capitalista, as mulheres traçam uma jornada de constante conquista deste espaço. Sua inserção nele ocorre quando os homens precisaram ir para a guerra e, então, as mulheres assumem as atividades deles. Porém, quando retornam, as mulheres devem voltar ao que é considerado como seu dever: cuidar do lar. Neste viés, vemos que a mulher sempre realizou o trabalho, mas o valor atribuído a este foi sendo transformado no decorrer dos tempos, assim como a inserção da mulher no mercado de trabalho em áreas antes não ocupadas por ela, como por exemplo o cargo de presidente da república, ou áreas ocupadas por elas, mas sem o devido reconhecimento, como por exemplo a cientista Marie Curie mencionada em um meme do *corpus*. A partir de então vai sendo desenvolvida uma nova conjuntura econômica em que mulheres adentram esse espaço do trabalho fora do lar, porém isso ocorre a passos lentos, com repercussão até os dias atuais, como vemos nos embates discursivos dos enunciados que compõem o *corpus*.

Segundo Saffioti (1987, p. 49), as mulheres não ocupavam em grande parte as atividades estruturadas segundo o modelo capitalista, mas sim “no mínimo a metade das trabalhadoras brasileiras não estava coberta pela legislação trabalhista”, sem contar as diferenças salariais entre homens e mulheres. Além disso a autora também aponta que esses setores em que atua grande parte das mulheres são setores de atividades menos rentáveis da economia, entre eles está “o setor do emprego doméstico, majoritariamente ocupado por mulheres, cuja presença é também maciça no trabalho a domicílio”. A autora (1987, p. 74) aponta pesquisas que mostram o quanto empresas não cumprem os artigos da CLT - “A mulher é sistematicamente despedida quando se casa ou quando engravida.”

Buscamos trabalhos mais recentes com um panorama do âmbito do trabalho e a atuação da mulher neste. Gimenez (2018) disserta sobre a evolução da mulher no mercado de trabalho e, a partir de Meirelles (2001), afirma que a mulher adentra o espaço do trabalho remunerado a partir da Revolução Industrial e com as guerras mundiais. De acordo com Meirelles (2001 apud GIMENEZ, 2018, p. 21), a exigência da sociedade em ter a mulher no lar fez com que elas voltassem aos trabalhos domésticos e familiares após a 2ª Guerra Mundial. Isso reforça o que já foi exposto aqui sobre os papéis sociais da

mulher enquanto cuidadora do lar e a desvalorização do trabalho da mulher. No entanto, segundo dados do IBGE apontados em Gimenez (2018), a situação está em conflito e ainda com obstáculos, como podemos observar a seguir:

O Brasil está na 129ª posição entre os 144 países pesquisados em relação à disparidade salarial de acordo com o Relatório de Desigualdade Global de Gênero de 2016. Se o atual ritmo do progresso se mantiver, o Brasil levará cerca de 104 anos para que os salários de homens e mulheres sejam iguais em relação às mesmas funções exercidas. (GIMENEZ, 2018, p. 24)

Diante do exposto, é notória a desigualdade ainda existente entre mulheres e homens e como esses fatores estabelecem as relações de poder entre as pessoas. Essas relações, segundo Saffioti (1987, p. 60), acontecem através de um sistema simbiótico de dominação-exploração denominado patriarcado-racismo-capitalismo. A autora afirma que, na realidade concreta, estes são inseparáveis, sem estabelecer priorização de um ou de outro, pois, conforme explica,

Esta fusão ocorreu em tal profundidade, que é praticamente impossível afirmar que tal discriminação provém do patriarcado, ao passo que outras se vinculam ao sistema de classes sociais e ou ao racismo.

Se o patriarcado fosse regido por leis específicas, independentes das leis capitalistas, o homem continuaria a ser o único provedor das necessidades da família, não havendo mulher trabalhando remuneradamente.

[...]

Por outro lado, se as leis capitalistas vigorassem independentemente do patriarcado e do racismo, o desemprego dentre os homens seria muito mais alto que dentre as mulheres.

[...]

a referida simbiose não é harmônica, não é pacífica. Ao contrário, trata-se de uma unidade contraditória.

[...]

O mulato mostra, assim, uma violenta contradição do patriarcado-racismo-capitalismo. Não obstante sua lógica contraditória, este sistema simbiótico de dominação-exploração continua vivo. Cabe, pois, indagar sobre as forças de sua conservação. (SAFFIOTI, 2018, p. 61)

Diante dessas citações, podemos compreender melhor como se dá essa complexa relação de poder em que a contradição e o embate de forças estão atuando, bem como os vemos nos enunciados do *corpus*. Saffioti (1987) esclarece a ideia desta simbiose para então afirmar que a transformação de um desses sistemas não deixa intactos os demais, e por isso é importante que levantemos essa questão aqui, pois, nos memes acompanhados da *hashtag* #belarecatadaedolar, vêm à tona elementos dos três âmbitos, como quando constroem o meme com a imagem da escritora negra e periférica Maria Carolina de Jesus.

Ela foge ao ideal de mulher que é apresentado na reportagem intitulada “Bela, recatada e do lar”. Como vimos, esse ideal é construído socialmente em meio a complexas relações de poder desarmônicas que são refletidas e refratadas nos e pelos signos ideológicos presentes na complexa cadeia enunciativa em que discursos múltiplos dialogam estabelecendo encontros e confrontos de valores. Seguimos, então, compreendendo esse diálogo discursivo nos enunciados coletados.

## 2.1 Análise da capa da revista *IstoÉ* em diálogo com a resposta paródica nas redes sociais

**Figura 1:** Capa da revista *IstoÉ*



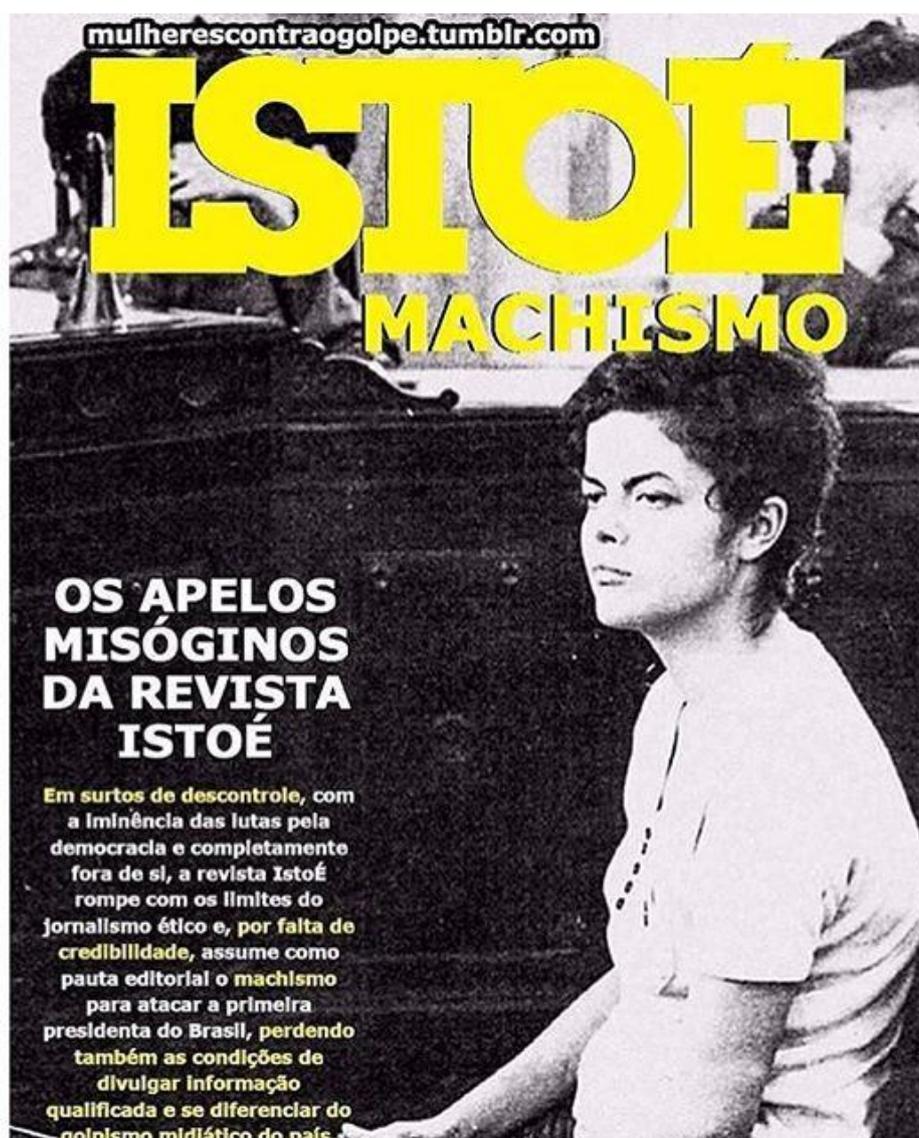
**Fonte:** [https://istoe.com.br/edicao/894\\_AS+EXPLOSOES+NERVOSAS+DA+PRESIDENTE/](https://istoe.com.br/edicao/894_AS+EXPLOSOES+NERVOSAS+DA+PRESIDENTE/). Acesso em 07 Jul. 2019.

A capa da revista *IstoÉ* (01/04/2016) foi divulgada em um contexto histórico no qual havia um constante jogo de discursos a favor e contra a permanência de Dilma Rousseff como presidente da república. A posição valorativa do enunciado se dá contra essa permanência quando analisamos a sua composição verbal e visual. Ao vermos passagens como “surtos de descontrole”, “fora de si”, “perde as condições emocionais para conduzir o país”, verifica-se o total descrédito dado à então presidente. Porém, o que chama atenção de internautas ativistas de páginas feministas em redes sociais são os

valores sobre a mulher que veem à tona quando postos em diálogo o enunciado da capa e o enunciado que parodia esta capa. Segundo Bakhtin (2010c), vimos que o enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva com diferentes graus de responsividade e toda compreensão é prenhe de resposta. Sendo assim, o que vemos aqui são algumas dessas respostas que vieram à tona em forma de enunciados concretos, e assim se dá um complexo diálogo entre enunciados já ditos e enunciados que estão por dizer. Dessa forma, o ativismo feminista virtual responde ao enunciado da capa da *IstoÉ* com a *hashtag* #istoémachismo. Neste diálogo verificamos o embate ideológico que transcende o posicionamento político e adentra também um embate ideológico com relação à mulher.

No dia 2 de abril de 2016, a página do *facebook* *Mulheres contra o golpe*, cuja descrição consiste em: “Mulheres Contra o Golpe é uma resposta feminista coletiva à ofensiva conservadora e golpista”, veiculou o seguinte meme:

**Figura 2:** Paródia da capa da Revista *IstoÉ*



**Fonte:**

<https://www.facebook.com/mulherescontraogolpesp/photos/rpp.549782125223545/551202491748175/?type=3&theater>. Acesso em 07 Jul. 2019.

A legenda da postagem, acompanhada da *hashtag* #IstoÉmachismo, é: “Nós, mulheres, estamos em luta contra o golpe e contra toda misoginia circulada pela direita e pela imprensa manipuladora!”.

Segundo essa legenda, vemos que há uma divisão política entre esquerda e direita, na qual a página, que se intitula feminista<sup>6</sup>, coloca-se contra a direita, que, da perspectiva

<sup>6</sup> Segundo Saffioti (1987, p. 92, grifo da autora) “Na segunda metade da década de 60, começaram a surgir os movimentos feministas que, cada um a seu modo, passaram a lutar pela igualdade nas relações de gênero. É preciso tomar cuidado com o termo feminismo. Rigorosamente, não existe um só feminismo, pois há diferenças de bandeiras levantadas, de ênfase posta numa ou noutra reivindicação, de estratégias de luta.

ideológica da página do *facebook*, é a vertente ideológica à qual o enunciado da capa da revista *IstoÉ* estaria alinhado. É importante ressaltar que a revista *IstoÉ* não se autodenomina de direita.

Quando falamos da responsividade é importante lembrarmos que os enunciados emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana, refletindo as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas. Neste trabalho, vemos a esfera jornalística criticada por discursos que vêm das redes sociais. Nessas condições, há enunciado paródico que classifica a imprensa tradicional de grande circulação como sendo de direita. Nesse momento histórico havia o discurso, que emanava da esfera de atividade a qual o meme integra, que considerava não só a *IstoÉ*, como também outras revistas e jornais impressos e televisivos como sendo de direita, como golpista e/ou como uma imprensa que buscava manipular a população contra o governo da época, o qual era, pelo menos assim se autodenominava, de esquerda. É interessante observarmos a dinamicidade que se dá no processo dialógico entre o discurso e a realidade em que ele ocorre, bem como a realidade que ele constrói. Atualmente, no momento de redação desta dissertação, em 2019, com o deslocamento temporal, fica ainda mais nítida essa dinamicidade quando observamos que uma perspectiva ideológica tem estabelecido o discurso de que essa mesma imprensa que foi colocada como de direita e como golpista, agora é determinada como sendo de esquerda. Há valores em jogo dentro da esfera, de tempos em tempos. Seguem os exemplos de memes que ilustram essa mudança de cenário:

---

Tais distinções decorrem do enfoque político dado por cada grupo ou movimento feminista à questão feminina. E há diferenças apreciáveis entre os vários feminismos. Embora a tendência majoritária seja a de respeitar os homens, que são considerados frutos da educação que receberam, e de lutar pela conscientização de homens e mulheres sobre a necessidade de se criarem condições nas quais ambas as categorias de sexo possam receber igual tratamento, a palavra feminismo ainda tem hoje uma conotação negativa, pejorativa.”

**Figura 16:** Meme com discurso sobre a mídia impressa tradicional ser de esquerda



Fonte: <http://rota2014.blogspot.com/2019/07/grande-midia-corrupta-abandona.html>. Acesso em 09 Jul. 2019.

**Figura 16a:** Meme com discurso sobre a mídia impressa tradicional ser de esquerda



Fonte: <https://www.facebook.com/desesquerdizada/photos/a.260350511015560/502989316751677/?type=3&theater>. Acesso em 09 Jul. 2019.

Ambas as figuras, a 16 publicada em 2019 em um *blog*, a 16a publicada em uma página de *facebook* em 2017, mostram em seus textos verbais o apontamento sobre as revistas serem de esquerda. Isso ocorre quando elas apresentam críticas ao juiz Sérgio Moro, responsável pela operação Lava-Jato, em que ocorreram prisões de muitos políticos durante o governo do Partido dos Trabalhadores; e quando ela apresenta críticas a Jair Bolsonaro (atual presidente da República que posiciona-se como sendo de direita), na época com possibilidades de candidatar-se a este cargo.

Ainda é importante pontuarmos que a misoginia é atribuída à vertente política de direita pela legenda da postagem: “contra toda misoginia circulada pela direita”. E neste momento ficam ainda mais nítidos os confrontos políticos envolvidos no diálogo entre os enunciados. Sobre essa questão, Saffioti (1987, p. 17) afirma que “o poder do macho não é exercido apenas no seio dos grupos conservadores, estando também presente no interior dos contingentes progressistas e até mesmo radicais de esquerda.”

Ainda que o enunciado paródico questione a forma de tratamento à mulher, este o faz articulado ao posicionamento político. Quando isso ocorre vemos um discurso utilizando-se do outro para concluir seus intentos discursivos. Quando dissertamos, anteriormente, sobre o conceito de ideologia, segundo o Círculo de Bakhtin, vimos que ele se divide em camadas que se dão em meio às forças sociais que as orientam, e há um processo de luta nessas formações ideológicas, luta esta que é travada em meio às palavras que engendram dialogicamente um enunciado. Bakhtin (2002) chama essas forças, como citado anteriormente, de centrípetas e centrífugas.

Quando a legenda da postagem coloca-se contra a direita, não é suficiente para dizer que a página de *facebook* posiciona-se na linha de esquerda, porém, podemos compreender a ideologia de esquerda presente no enunciado quando vemos que no contexto histórico em que ocorrem as enunciações há, na presidência, uma mulher de um partido de esquerda, o Partido dos Trabalhadores, e essa mulher tem um histórico de embate contra o governo militar que se iniciou em 1964. Dentre a batalha de narrativas, existente no contexto dessas enunciações, há valores distintos atribuídos aos elementos verbais e visuais. Quando a construção da paródia se dá a partir do elemento visual composto pela fotografia de Dilma Rousseff prestando depoimento quando capturada na

ditadura militar na década de 1970<sup>7</sup>, há a vertente da página que, em conjunto com o verbal (“com a iminência das lutas pela democracia”), colocando em relação dois tempos diferentes, atribui à fotografia um valor de mulher em luta pela democracia. Por outro lado, há vertentes que poderiam atribuir a essa fotografia o sentido de uma mulher em situação de julgamento por ter cometido algum crime. Não estamos trabalhando aqui com os enunciados que trazem o contraponto à resposta paródica da página de *facebook*, mas é importante ressaltar que esse embate estava presente e que o sentido de mulher em luta pela democracia não é o único possível, mas é um sentido possível do enunciado paródico quando analisamos seu conjunto verbo-visual na situação concreta e contextualizada de enunciação. A vertente ideológica da página de *facebook* onde está veiculado o enunciado paródico confere ao mesmo uma oposição à direita brasileira e atribui a ela o ato de dar um golpe de Estado, a misoginia e a manipulação da imprensa sobre a população. Isso é explicável quando lembramos da construção do sentido do signo, sempre ideológico, construído historicamente; e o sentido de “direita” (na legenda da postagem “Nós, mulheres, estamos em luta contra o golpe e contra toda misoginia circulada pela direita e pela imprensa manipuladora!”) ainda é vinculado a autoritarismo – que aparece no discurso por meio das palavras “golpe” e “manipuladora” – diante da ditadura brasileira que foi de direita. Isso explica o fato da página colocar a direita como uma vertente que atua contra a democracia e a mídia como parte dela – “golpismo midiático do Brasil”

É importante afirmar que ambos os lados dessa batalha de narrativas atribuem um ao outro valores antidemocráticos, a direita baseando-se no histórico de governos totalitários de esquerda ao redor do mundo (URSS, China, Cuba etc) e a esquerda com base no histórico de ditaduras de direita na América do Sul, por exemplo. Podemos observar esses valores antidemocráticos atribuídos às diferentes vertentes nos seguintes memes:

---

<sup>7</sup> Imagem consta na obra *A vida quer é coragem*, do jornalista Ricardo Amaral.

**Figura 17:** Meme sobre ditaduras de direita e de esquerda



Fonte:

<https://www.facebook.com/EuSouDireita/photos/a.1464546913855482/1601212693522236/?type=1&theater>. Acesso em 09 de Jul. 2019.

**Figura 17a:** Meme sobre ditaduras de direita e de esquerda



Fonte: <http://www.memegen.co.uk/meme/k253y1>. Acesso em 09 de Jul. 2019.

Consideramos relevante falar sobre o embate ideológico no âmbito político, pois, ainda que a resposta à capa por meio da *hashtag* #istoémachismo venha pôr em embate discursos que dizem respeito ao ser mulher, o posicionamento político das enunciações não deixa de estar marcado nos enunciados.

O enunciado da figura 2, que parodia o da figura 1, afirma que este último está sendo machista e não está criticando a presidente enquanto pessoa política, mas enquanto mulher – ressignifica o nome da revista, colocando numa nova sintaxe, com um predicativo “ISTOÉ MACHISMO”. Assim, aquele questiona a ética jornalística colocando-a junto ao que se chama de “golpismo midiático” e ainda começa o texto questionando se a revista está contra a democracia. O sentido desse vocábulo é complexo e exigiria um espaço que não cabe aqui para defini-lo em sua completude, mas carrega em sua construção histórica questões relevantes a serem pontuadas, pois nele vemos o embate entre forças sociais centralizantes e descentralizantes. Se a democracia é exatamente o tipo de governo que busca a pluralidade no exercício desse, temos nessa palavra a busca pela descentralização, neste caso do poder. O sentido originário de democracia na antiguidade grega, segundo Rosenfield (1984), é o de efetiva participação dos indivíduos nos assuntos políticos que compunham um espaço público chamado “ágora” ou praça pública”, onde ocorriam as ações políticas como tomadas de decisões em meio a debates e deliberação pública através do voto. Além disso, ela, nessa época, é “‘uma forma’ de governo entre duas outras: a monarquia ou ‘governo de um só’ e a aristocracia ou ‘governo de alguns’” (ROSENFELD, 2003, p 1). A partir disso já encontramos no sentido da palavra democracia a voz social que busca o questionamento, a reivindicação de direitos, e a descentralização do poder juntamente com a participação da população na divisão do poder. Segundo o autor (2003, p. 12), democracia tem uma “significação prática de ser um lugar público do processo de identificação da sociedade consigo em proveito de uma nova forma de organização política.” O autor busca as raízes da prática democrática para então adentrar o conceito de democracia no Estado moderno; ele afirma que esse processo acarretou uma reorganização política das relações humanas, o que exige um estudo aprofundado para que se explane o conceito de democracia, já que o que se vive na modernidade é diferente do que ocorria na Grécia Antiga. O que nos interessa, aqui, é a democracia enquanto forma de exercício da liberdade política, que, conforme o autor (2003, p. 22), não deve se confundir com satisfação das necessidades materiais da população. O que ocorre no Brasil de 2016 é um questionado processo de *impeachment* da presidente Dilma Roussef, pois, conforme observamos na paródia da

capa da revista *IstoÉ*, há quem denomine o processo como golpe e, se o Estado toma decisões autoritárias (o que configura um golpe), não está havendo liberdade de participação política. Diante disso, podemos compreender melhor o embate ideológico entre os enunciados, quando a paródia questiona o exercício da democracia, a partir do verbal em união com o visual e constrói seu posicionamento político de esquerda quando analisamos a descrição da página, a legenda da postagem e as dimensões verbal e visual da paródia.

Quando o enunciado paródico afirma “Em surtos de descontrole, com a iminência das lutas pela democracia e completamente fora de si”, a revista *IstoÉ* rompe com os limites do jornalismo ético e, por falta de credibilidade, assume como pauta editorial o machismo para atacar a primeira presidenta do Brasil, perdendo também as condições de divulgar informação qualificada e se diferenciar do golpismo midiático do país”, ele produz uma inversão de valores, atribuindo as características do “descontrole” e “ficar fora de si” à revista, que, assim, perde “as condições de divulgar informação qualificada” – o que reforça essa inversão de valores é a foto presente no meme, que retrata a ex-presidente Dilma com semblante sério, refletindo firmeza, serenidade, altivez e até “superioridade”, em claro conflito com a foto e os juízos apresentados pela revista. Destaque-se ainda que a paródia, para reforçar a relação de sentido com o enunciado parodiado, mantém a cor amarela no nome da revista e em trechos do texto verbal da chamada principal, colocada, como na capa, no canto esquerdo da página.

Além disso, esse enunciado está dialogando com as forças ideológicas presentes no enunciado da capa, as quais apresentam discursos sobre a mulher que foram construídos ao longo da história e que ainda se busca conservar, e por isso estão mais próximos da camada ideológica que busca uma centralização cultural e política no mundo verbo-ideológico, já que as palavras utilizadas, quando se referem a uma mulher, estão impregnadas de sentidos com relação ao comportamento de mulheres ao longo da história.

A sanidade da mulher é questionada historicamente e é possível observar os discursos sobre esse questionamento, que se dão a partir da formação social e cultural, emergirem de uma enunciação que não seja necessariamente contemporânea aos primórdios dessa indagação. Se fizermos um percurso histórico sobre como se dá, anteriormente, a relação entre mulher e estado fora da razão, vemos que o sentido de descontrole emocional atribuído à mulher aparece na palavra *histeria*, que tem origem grega *hysterá*, que significa útero, porém seu uso vulgarizou-se e ganhou novos sentidos. Neste caso, desloca-se o sentido da palavra “histérica” associada à sua origem grega

*hystera*, que significa útero, para o sentido relacionado a uma suposta fragilidade feminina que impossibilitaria o controle emocional, como se explica melhor na citação a seguir:

Toda a (des)valorização do útero aponta, igualmente, para a posição da mulher histérica. O que permite tal associação é o fato de que, durante o século XVIII, a sensibilidade e a debilidade ditas femininas foram denominadas pelos médicos da época como “afecção vaporosa”, ou simplesmente “vapores”, mas a vulgarização do termo transformou-o em “histeria” (CASA NOVA, 1996). No final do século XIX, a histeria ainda era vista como uma doença associada à fragilidade e às carências exclusivamente femininas. A etimologia esclarece essa crença, pois sua origem vem da palavra grega *hystera*, que significa justamente útero. Acreditava-se que era dele que migrava o sangue contaminado e, ao atingir o cérebro, provocava as convulsões. Muitas mulheres diagnosticadas como histéricas foram encerradas nos mesmos asilos e manicômios que os epiléticos e os doentes mentais. Os processos de histerização e a conseqüente necessidade de uma medicalização minuciosa do corpo feminino assumem especial relevância na construção discursiva da identidade do feminino e os efeitos desses processos são bastante disseminados em textos de diferentes gêneros. (WITZEL, 2014, p. 535)

A atualização desse discurso sobre a “histeria feminina” aparece no texto verbal da figura 1 por meio dos sentidos axiológicos atribuídos pela paródia às seguintes expressões: “As explosões nervosas da presidente / Em surtos de descontrole com a iminência de seu afastamento e completamente fora de si, Dilma quebra móveis dentro do palácio, grita com subordinados, xinga autoridades, ataca poderes constituídos e perde (também) as condições emocionais para conduzir o país.”

Quando analisamos o diálogo entre os enunciados dessas diferentes mídias, compreendemos que determinados valores sociais e diferentes forças ideológicas colocam-se em embate. Palavras/expressões como “explosões nervosas”, “surtos”, “descontrole”, “fora de si”, “condições emocionais”, quando estão associadas a uma pessoa do gênero feminino, como o caso da capa, ganham sentidos misóginos sob a perspectiva do enunciado que a parodia. Esse sentido atribuído explica-se quando analisamos a construção histórica de termos que questionam a sanidade feminina. Vemos a construção histórico-social sobre a mulher e sua histeria atualizando-se em expressões que remetem a descontroles emocionais e surtos. Isso dialoga com a construção discursiva da identidade do ser mulher, que tem suas origens na vulgarização do termo histeria, conforme nos aponta Witzel na citação anterior. Vemos então que estes valores sociais sobre a mulher, historicamente em construção, são trazidos à tona quando a perspectiva

crítica feminista (como a página se descreve) interpreta a capa como misógina. É importante afirmar que nenhum sentido é inerente a uma palavra, pois ele se dá na situação concreta da enunciação que é carregada de seus sentidos ideológicos vivenciais, sendo possível deslocamentos de sentidos de acordo com a realidade em que estão sendo empregados e trazem atitudes valorativas em relação a determinado estado das coisas. A realidade aqui são os dois enunciados em diálogo e as atitudes valorativas atribuídas ao enunciado da capa partem do embate ideológico gerado pela paródia. Se pensamos na definição de *tema* conforme entende Volóchinov (2017), observamos neste diálogo permeado de embates ideológicos, novos *temas* para estes vocábulos. Quando a paródia é construída e a luta discursiva entre ideologias sobre a mulher se estabelece no diálogo entre os enunciados, observa-se a ressignificação de termos componentes do enunciado da capa. O que ocorre aqui é o embate ideológico gerado quando estas palavras estão referindo-se a uma mulher e como se deu a contrapalavra paródica que trouxe à tona o sentido de misoginia ao enunciado da revista.

Ao observarmos a visualidade do enunciado, vemos uma representação marcada de valores sobre o que é uma pessoa que se encaixa nas condições emocionais descritas verbalmente na figura 1. Trata-se de alguém que grita, destaca-se a boca aberta e a feição de uma pessoa que demonstra estar exaltada, quando analisamos a sobrancelha levantada e os olhos bem abertos. A imagem, juntamente com o texto verbal, traduz sentidos de que esta pessoa está fora da razão, isto é, como a própria linguagem verbal diz, não é capaz de governar um país. Assim, há o *tema*, que se dá na relação entre verbal e não-verbal, que se apresentam como complementares, a partir do encontro entre as memórias de sujeitos e de objetos provendo uma nova identidade, conforme afirma Brait (2013). A partir desse sentido construído com essas memórias, esse *tema* é entendido a partir da situação em que há o enunciado verbal e visual traduzindo a histeria, no sentido vulgar do termo, e a mulher nessa situação. Verbal e visual dialogam a partir de memórias – construídas no curso histórico-social sobre a mulher e sua histeria, um diálogo com um estereótipo de mulher como incapaz de agir com a razão, ou como ser frágil emocionalmente – e constituem o tema que se traduz na temporalidade e a partir desses discursos que se encontram atualizados na capa, relacionados a esse estereótipo de mulher acima descrito.

O discurso presente na figura 2, por mais que se configure como descentralizador, pois parodia e questiona padrões há muito já questionados, como o tratamento à mulher como alguém sem controle emocional, também centraliza-se em padrões de uma outra

vertente, a da esquerda, que trabalha com expressões como “golpismo midiático”, “imprensa manipuladora”, “feminista coletiva à ofensiva conservadora”, que, neste contexto, compõe uma parte da população que se coloca a favor no governo do Partido dos Trabalhadores, que estava na presidência da república nessa época. Isso ilustra o plurilinguismo vivo, social e histórico, de que trata Bakhtin (2002), em que forças centrípetas e tendenciosas participam, na enunciação, ao mesmo tempo que as forças centrífugas estratificadoras.<sup>8</sup> E, nesse sentido, vemos um discurso que se coloca como feminista, colocando em embate a forma como a mulher é tratada pela e na mídia – isso configura as forças centrífugas estratificadoras – ao mesmo tempo em que posiciona-se politicamente em defesa da então presidente em exercício, o que vai ao encontro das forças centrípetas tendenciosas. Isso ilustra bem o que dissemos sobre ser nas contradições sociais que aparece a estratificação da ideologia, em diferentes âmbitos e direções e como determinados grupos sociais expressam suas realidades, que têm como alicerce relações semiótico-axiológicas, ou seja, um âmbito social de valores com encontros e confrontos nas manifestações sígnicas.

Em 1.2 dissertamos sobre a construção do valor social dos enunciados e para isso vimos que é necessário buscar as origens da constituição do signo. Volochínov (2013) afirma que somente se esse signo se torna *constante* poderá entrar no horizonte cognoscitivo de um grupo humano e assim terá um valor social. A construção das expressões apontadas como machistas podem ser associadas à construção do termo histeria e ainda atualmente carregar os sentidos que lhes foram conferidos ao longo da história e seu uso em referência à mulher.

---

<sup>8</sup> 1.1 Ideologia

Figura 3: Imagem veiculada pela página *ThinkOlga*



Fonte: <https://thinkolga.com/2016/04/02/istoemachismo-como-a-midia-usa-o-gaslighting-para-manipular-mulheres-e-leitores/>. Acesso em 07 Jul. 2019.

Ainda sobre o enunciado da figura 1, utilizamos o cotejo para a melhor compreensão dessas questões, pois

o conhecimento que se obtém não se esgota no próprio objeto tomado para análise. A interpretação construída não se generaliza: permanece particular. Mas os conceitos elaborados na caminhada é que se tornam cognitivamente produtivos e podem ser reaplicados na construção de interpretações de outros discursos/textos. (GERALDI, 2012, p. 34)

Quando lembramos que um pesquisador de ciências humanas trabalha com o outro, ou melhor, com outros, deparamo-nos com esse diálogo entre os discursos. Diálogo este que proporciona um aprofundamento para a compreensão e sentidos que são construídos nos enunciados.

Dessa forma, na própria rede social, aparece uma imagem que reúne discursos que apresentam algo em comum, assim, o cotejo fica ainda mais plausível para pensarmos como esses discursos se apresentam nos enunciados de revistas e jornais em vários lugares do mundo. O conhecimento se constrói ao irmos além do próprio objeto de análise. Embora não generalizemos a interpretação dos enunciados e mantenhamos a particularidade, é possível observar o fortalecimento do embate ideológico sobre mulheres e os discursos que questionam seu controle emocional e racional.

A imagem acima foi veiculada pela página *ThinkOlga* – que atua em um site e no *facebook*, e a imagem acima foi veiculada em ambos juntamente com o mesmo texto verbal – segundo a própria descrição da página “A Olga é uma ONG feminista criada em 2013, com o objetivo de empoderar mulheres por meio da informação. O projeto é um hub<sup>9</sup> de conteúdo que aborda temas importantes para o público feminino de forma acessível.” A imagem foi publicada no dia 02/04/2016, acompanhada da *hashtag* #istoémachismo e título “Como a mídia usa o *gaslighting* para manipular mulheres e leitores”. Antes de descrever com detalhes a composição da imagem, é importante comentar sobre trechos do texto verbal que vem acompanhando a imagem. Não é nossa intenção fazer uma análise aprofundada desta imagem, nem do texto verbal por completo, visto que não se trata da composição do *corpus* coletado para análise. Trazemos essa imagem aqui para que, segundo o cotejo de Geraldi (2012), possamos ampliar a compreensão dos discursos que circundam e dialogam com os enunciados acima analisados – capa da revista *IstoÉ* e meme que parodia a capa. Diante disso, pesemos esse diálogo a partir das duas primeiras frases do texto verbal que acompanha a imagem: “este não é um post sobre política. Este é um post sobre GASLIGHTING, que é uma forma de machismo cruel e pernicioso.” (OLGA, 2016, destaque da página). Vemos nessas afirmações o reforço do discurso, gerado pela própria *hashtag* #istoémachismo, de que o que está em embate é a forma como a mulher é tratada na capa da revista *IstoÉ* e não a sua atuação política, ainda que tenhamos visto, na análise anterior, o discurso político também em embate. Para fechar o texto verbal reforçando o discurso que o inicia a página afirma:

É preciso reagir, falar, não aceitar. Dizer à Isto É que #IstoÉMachismo e entender que o machismo é a engrenagem que está detrás disso tudo e ele nos engole diariamente. Discordem politicamente da Dilma o quanto

---

<sup>9</sup> Consiste em um domínio que concentra conteúdos diversos e possui caráter informacional.

quiserem, mas NÃO ACEITAMOS que a pintem de louca pois conhecemos na pele o peso que tem essa tinta.

A imagem apresenta um compilado de capas e matérias retratando algumas mulheres que ocupam lugar de destaque social, sendo na política ou na vida artística. Trata-se da capa da *IstoÉ* que analisamos aqui e outras representações que dialogam com a capa: uma imagem do jornal *New York Post* da então candidata à presidência dos EUA, Hillary Clinton, com a boca aberta e punhos cerrados, acompanhada do texto verbal traduzido, por nós, para o português: “Não é de se admirar o medo de Bill/ Hillary explode com raiva na audiência de Benghazi.”; uma capa da revista *New Statesman* com a imagem da chanceler da Alemanha, Angela Merkel, com uma montagem que a transforma em um ciborgue e o título em destaque se traduz em: “Líder mais perigosa da Europa”; capa da revista *Noticias*, da Argentina, com um desenho de Cristina Kirchner, presidente da Argentina entre 2007 e 2015, com a cabeça inclinada para trás, boca aberta, olhos fechados, que se traduz em uma representação de prazer sensual quando acompanhada do texto verbal traduzido por nós em: “O gozo de Cristina Kirchner/ Se mostra cada dia mais casual, sensual e até astuta. A subjugação do outro já é uma exigência indiscutível de sua liderança. Por que o exercício do poder e o contato com a massa agem como fatores eróticos. Quadrinho Proibido: o polêmico vídeo hot da presidente.”; uma imagem veiculada no jornal *New York Post* com uma foto de Michelle Obama, então primeira dama dos EUA, acompanhada do texto verbal traduzido por nós: “Michelle louca como o inferno! Primeira dama: ‘eu não sou uma mulher negra furiosa’”; por fim, uma imagem de Nicki Minaj e Taylor Swift, cantoras nos EUA, com o texto verbal traduzido por nós: “Taylor Swift e Nicki Minaj entram em uma briga no Twitter por nomeações da MTV #VMAs”. Sobre essas duas últimas, o texto verbal da página explica

Mas não são apenas as chefes de estado que sofrem com o problema. Qualquer mulher de destaque pode ser vítima e, se for negra, o *gaslighting* é ainda pior por causa do estereótipo da "mulher negra irritada". Existe uma visão racista que recai sobre as mulheres negras de que elas são barbaqueiras, de confusão. Michelle Obama já precisou rebater publicamente esse tipo de acusação e Nicki Minaj, quando teve sua discussão com Taylor Swift no Twitter repercutida na imprensa, aparecia em fotos com uma expressão de raiva e Taylor não. (OLGA, 2016)

Baseamos no artigo *Escrita e reinvenção de si: caminhos para uma prática discursiva feminista*, de Jessica Antunes Ferrara, para discorrer sobre o conceito de *Gaslighting*. No artigo a autora nos explica, segundo a psicóloga Hilde Lindemann

Nelson, em *Damaged identities, narrative repair* (2001, p. 32), que a expressão diz respeito a um sujeito que está sob manipulação e começa a desconfiar de suas próprias faculdades mentais e dá maior legitimidade ao discurso do manipulador. Segundo o artigo (2019), a expressão foi

retirada do filme *Gaslight* (1944), dirigido por George Cukor, e que se refere a uma manipulação psicológica que pretende alterar a percepção e a memória de determinado indivíduo, como postulam os psicanalistas Calef & Weinshel, em artigo intitulado *Some clinical consequences of introjection: gaslighting* (1981, p. 64).

Ferrara faz uma reflexão acerca do processo histórico da mulher, que se dá na condição de subjugação desta, e para melhor explicar o que é o *gaslighting* e sua relação com as desigualdades de gênero, seguem as palavras da autora (2009, p. 166):

O principal motivo de recorrência de *gaslighting* é o fato de o sujeito que se encontra em dominância exercer um poder mental tão grande sobre o dominado, que este aprova sua suposta não competência a fim de ser aceito pelo outro. Há, portanto, um silenciamento, resultado da suposição de que a parte privilegiada é assim justamente por ter consigo a razão. Nas palavras da psicanalista Robin Stern, aqueles de nós mais propensos a sofrerem *gaslighting* parecem ter algo em comum. Por mais inteligentes ou competentes que sejamos, sentimos uma necessidade urgente de obter a aprovação do *gaslighter*, que é uma figura idealizada por nós. Sem essa aprovação, sentimo-nos incapazes de nos ver como as pessoas boas, competentes e adoráveis que tanto almejamos ser. Precisando da valorização de nosso *gaslighter*, nos aterrorizamos com a sensação de nos sentirmos apartados deles em qualquer sentido. Por isso, ficamos nervosos ao enxergar as coisas de forma adversa ou possuímos preferências que são diferentes daquelas das pessoas que amamos (STERN, 2007, p. 33, nossa tradução).

Em um nível discursivo, a figura masculina, dada sua histórica hegemonia sobre a figura feminina, impõe-se como *gaslighter* por ter sua memória preservada e tida como única e universal, tal como fora exposto ao longo deste estudo. A memória feminina, portanto, não fora simplesmente silenciada e excluída da história comum, mas através de complexos processos sofreu grande manipulação discursiva, fazendo com que as mulheres desconfiassem de suas próprias experiências. (SOIHET, 1997, p. 10)

Essa imagem, acompanhada do texto verbal no post, contribui para a maior abrangência do contexto em que se dão os embates ideológicos sobre o ser mulher e sobre ser mulher ocupando lugar social de destaque, principalmente, quando esse lugar é a política. Além disso, quando embasamos esse embate a partir de estudiosas do feminismo, discutidas no artigo de Ferrara (2019), podemos compreender a luta social sendo travada

nos signos. Como já vimos, vale lembrar a já mencionada citação de Volóchinov (2017, p. 91):

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social – seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo – mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*. *Onde não há signo também não há ideologia.* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91)

Além disso, com essa imagem que transcende o âmbito nacional, podemos ver que o embate ideológico sobre a mulher não se limita às divergências políticas do Brasil. Ainda que tenhamos visto o discurso feminista na paródia em conjunção com um discurso que defende a então presidente Dilma, vemos a discussão sobre a mulher ir além disso quando dialogamos com o enunciado de outra página, como a *Think Olga*, que, em sua descrição, diz-se feminista, sem fazer menção a posicionamentos políticos como esquerda ou direita e, ao divulgar a imagem e texto, abrange um âmbito mundial, buscando legitimar a crítica à capa da *IstoÉ* como sendo machista, conforme a própria *hashtag* afirma. Essa resposta, que foi produzida e que circulou nas redes sociais, coloca em discussão o discurso produzido na esfera jornalística da época, desvelando conflitos de valores presentes no horizonte social nacional e internacional, não somente conflitos políticos, mas também os relativos ao “ser mulher e ousar assumir um lugar de destaque no esfera política.”

## 2.2 Análise da reportagem da revista *Veja*

**Figura 4:** Manchete da reportagem da revista *Veja*

### **Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”**

A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice

Por: Juliana Linhares © 18/04/2016 às 19:14 - Atualizado em 18/04/2016 às 19:14



**Fonte:** <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em 07 Jul. 2019.

Tomemos, agora, o enunciado da reportagem da revista *Veja*, intitulada “Bela, recatada e ‘do lar’”, publicada na edição especial em 20 de abril de 2016, cuja autora é Juliana Linhares. Nesse momento histórico ocorria o processo de *impeachment* da presidente Dilma Roussef, em que Temer tomaria posse e sua esposa, Marcela Temer, seria a primeira dama, como ocorreu, pois o resultado da votação foi favorável à saída da presidente antes de finalizar seu mandato.

O que observamos a partir desse enunciado são os discursos sobre a mulher que vêm à tona quando é respondido, nas redes sociais, de forma carnavalizada. São enunciados que compõem uma complexa cadeia discursiva, assim como também são compostos pelos discursos em curso na história. E o que fazemos aqui é encontrar como é construída uma parte dessa cadeia discursiva analisando os enunciados concretos que

são expressos, assim como o querer dizer deles, por meio de gêneros discursivos, conforme vimos em 1.3.

Nosso objetivo é analisar o embate ideológico que ocorre no diálogo entre a reportagem e os memes que respondem mais especificamente à manchete do artigo da *Veja*. Para melhor organização e compreensão dos discursos atuantes no emaranhado de enunciados, fazemos primeiro uma descrição da reportagem para, depois, analisar o embate dialógico quando da resposta nas redes sociais.

Não estamos analisando toda a composição da reportagem nem toda a composição da revista, mas vale constatar brevemente como foi construído o material no qual se encontra essa manchete.

A edição extra da revista é dividida em três seções: a primeira, intitulada “Como é”, fala da votação do impeachment e do “desarranjo” do Governo Dilma; a segunda, chamada de “Como será”, ressalta a Era de recomeços que virão com o possível Governo Temer, exaltando diversas qualidades do político, de sua família e de seu partido, além de discutir perspectivas que garantam o fim da impunidade no Brasil; a última seção, denominada “Como Foi”, fala de importantes manifestações relacionadas à política na história do país, como as “Diretas Já”, a vitória de Tancredo Neves, o impeachment de Collor, as manifestações de 2013 e de 2016, além de trazer algumas considerações negativas sobre a administração petista dos últimos catorze anos. (NUNES; RAMOS; GUERRA, 2016, p. 10)

Quando se lê esse título, “Bela, recatada e ‘do lar’”, em pleno 2016, pode-se pensar que se trata de uma ironia, já que há tempos vêm sendo questionadas essas características atribuídas à mulher. Como vimos acima, quando dissertamos um pouco sobre a construção social da mulher, as autoras Simone de Beauvoir e Heleieth Saffioti desenvolveram estudos que esclarecem o quanto tais características não são inerentes às mulheres, e ainda podem limitar a mulher na sociedade. As obras utilizadas para compreendermos essas questões datam de 1949, a da escritora francesa, e 1987, a da cientista social brasileira. Vemos, portanto, que o questionamento sobre estereótipos estabelecidos pela divisão desigual de gêneros não é algo atual, mas que vem se desenvolvendo há tempos, antes mesmo das publicações dessas obras. Diante dessa transformação social que vem ocorrendo e que é bastante heterogênea, ter como ideal de mulher o ser bela, recatada e do lar é inaceitável a partir de valores feministas e, por isso, há a possibilidade de se ler como ironia.

Quando lemos o subtítulo “A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice”, ainda não sabemos se a essas qualidades são atribuídos valores positivos ou negativos. Em meio a um contexto no qual já existem questionamentos feministas há mais de meio século, mas que ainda há a conservação de estereótipos esperados de uma mulher – conforme vimos no início desta Seção – a esse subtítulo podem ser atribuídos valores positivos ou negativos, dependendo da perspectiva ideológica. O que fazemos aqui é analisar como os memes leram e responderam ao enunciado da revista *Veja*.

Para saber, então, quais os pontos do texto que levam à leitura de que são atribuídos valores positivos ao ser bela, recatada e “do lar” – leitura essa que gera as respostas nas redes sociais por meio de memes – continuemos na análise do texto. O valor positivo atribuído a essas características em uma mulher aparece quando o texto inicia com a frase “Marcela Temer é uma mulher de sorte.” e é finalizado com “Michel Temer é um homem de sorte.”. Entre essas duas afirmações, o texto é composto por informações sobre a vida da família, como a ida do casal a um restaurante e a forma como o casal se chama (“Mar” e “Mi”), em seguida há outra referência (além da que aparece no subtítulo) à diferença de idade entre eles: “Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado.” Depois a autora desenvolve um parágrafo falando sobre o filho do casal e a possibilidade de terem outros filhos e uma possível viagem que fariam. Posteriormente, há uma descrição da vida profissional de Marcela conforme seguem as palavras da autora:

Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu curriculum vitae um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele). (LINHARES, 2016)

Dando continuidade às informações sobre Marcela, há frases do cabeleireiro, cujo salão de beleza ela frequentava, como a comparação de Marcela a Grace Kelly<sup>10</sup> e em

---

<sup>10</sup> Atriz norte-americana, foi casada com Rainier III, príncipe-soberano de Mônaco, tornou-se a princesa de Mônaco. É um ícone da beleza e da moda.

seguida é afirmado por Linhares: “Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes.”. E, logo após, seguem duas frases, uma de sua irmã Fernanda Tedeschi (“Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”), e outra da estilista Martha Medeiros (“Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”). Por fim, é tratado no último parágrafo sobre o casal viver em cidades diferentes e sobre essa rotina do casal.

A composição visual do texto também apresenta elementos que, em conjunto com o texto verbal, geram sentidos sobre um ideal de mulher que, da perspectiva ideológica dos memes, está distante da emancipação feminina que vem sendo conquistada por anos de luta em uma sociedade patriarcal.

As características atribuídas a Marcela ao longo do texto verbal traduzem-se na visualidade do enunciado quando ela aparece discretamente, o que traduz o “ser recatada” e “ser bela”. Essa discrição apresenta-se por meio de um sorriso neutro que expressa, no máximo, uma simpatia, sem abrir espaço para qualquer emoção ou possibilidade de extravasamento. Além do sorriso, também compõem o recato, que se articula com o ser belo, a maquiagem com cores também neutras, bem como um pequeno brinco, sem qualquer tipo de ousadia que pudesse fugir ao despercebido, afinal trata-se de uma mulher que “aparece pouco”. Compondo, juntamente, o recato e o belo, o cabelo preso também traduz o encaixe no padrão de mulher descrito na reportagem, conforme podemos observar na passagem do texto verbal de Linhares (2016): Na opinião do cabeleireiro, Marcela “tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly”. Para isso, falta só “deixar o cabelo preso”. Segundo essa parte do texto, então, para se aproximar do belo, representado aqui por um ícone da beleza (Grace Kelly), o cabelo deve estar preso. Vemos, dessa forma, que o ser bela, na reportagem, está intimamente ligado com o ser recatada, que figura-se, no texto, pela discrição. Por fim, na constituição visual da mulher “bela, recatada e ‘do lar’”, observamos a roupa, sem nenhum decote e um lenço que busca uma compostura cobrindo os braços da mulher, cobertura esta que é feita de forma comedida, pois os cobre discretamente, não os escondendo por inteiro.

Sobre o âmbito do belo, trata-se de um conjunto de características valoradas positivamente em uma sociedade, em uma cultura que se constrói por e para os indivíduos que ali interagem, dialogam. Devido a essa construção social sobre o que é belo ser um movimento constante em um plurilinguismo dialogizado – conforme vimos em 1.1 segundo Bakhtin (2002) – ele não é estático e varia seus padrões no caminhar da história humana em meio às construções discursivas, nas quais atuam forças centralizantes e

descentralizantes. Essas forças atuam no plurilinguismo social e histórico junto às camadas sócio-ideológicas oficiais que buscam uma centralização cultural e política no mundo verbo-ideológico, por um lado e, por outro, há discursos que permeiam a oposição ao oficial.

Cada sociedade em cada período tem seu modo de representar o corpo – no caso, aqui, o corpo feminino – baseando-se em modelos vigentes. Em uma sociedade com a desigualdade entre classe e raça, como vimos em Saffioti (1987), o padrão de belo envolve essas questões. Então é notável que adornos que indicam posses materiais e capital financeiro recebam valores positivos na construção de beleza, assim como à cor branca são atribuídos valores positivos na construção do conceito de beleza neste enunciado.

A roupa de lazer desvia o foco do campo do trabalho e apresenta uma ideia mais casual, seja para ir a um evento ou até mesmo para passar um dia de forma mais alinhada. Esta vestimenta vai ao encontro da definição dessa mulher como sendo “do lar” e de classe social privilegiada. Cuidar da casa e dos filhos – o que configura o trabalho do lar atribuído às mulheres, conforme vimos em Beauvoir (2016) e Saffioti (1987) –, em classes sociais diferentes, coloca as mulheres em situações distintas. Uma mulher de classe social privilegiada, geralmente, terceiriza o trabalho doméstico contratando funcionários para realizá-lo, o que lhe proporciona tempo para lazer, para se arrumar de forma alinhada no dia a dia, dinheiro para comprar roupas e acessórios, etc; e sua situação financeira, mantida pelo marido (neste caso, vice presidente da República), não exige que esta mulher trabalhe fora do lar. Conforme Saffioti (1987), o suposto dever feminino de cuidar das tarefas do lar tem legitimação para serem transpostos a outrem quando há necessidade de que a mulher trabalhe fora do lar para complementar a renda. Porém, essa legitimação não é necessária quando se trata das classes dominantes, segundo a autora (1987, p. 8)

Este tipo de mulher pode desfrutar de vida ociosa, pelo menos no que tange a trabalho manual que a educação dos filhos exige. Contudo, esta mulher não está isenta de orientar seus rebentos, assim como supervisionar o trabalho de serviços contratados, em geral também mulheres, para o desempenho desta função.

[...]

Se a operária gasta duas horas por dia no trânsito, mais oito na fábrica, e quatro nos serviços domésticos, a burguesa dispõe de serviços que executam os trabalhos domésticos em sua residência.”

Como vimos em Saffioti (1987), as relações de poder ocorrem em meio às diferenças de gênero, raça e classe social, e essas questões aparecem no texto e na fotografia, bem como são respondidas pelos memes.

Assim, a reportagem atualiza, em novo *tema*, unindo discurso verbal e não-verbal, valores sobre a mulher presentes na história do país, estabilizados em várias esferas de atividade (familiar, jurídica, moral...). Essa atualização não somente reforça o já estabilizado, mas produz um movimento quando se põe em relação esse enunciado com o contexto político em que ocorre – em que a presidente Dilma tinha sofrido um *impeachment* e tinha sido substituída por Michel Temer. Esse novo *tema* desloca o papel da mulher da política para o lar, do espaço público para o privado. A mulher forte que dirige uma nação é substituída pela mulher delicada que dirige o lar. Temos, nesses casos, valores ideológicos em conflito, com predominância dos valores de ideologias oficiais (na esfera da família, da religião, da moral, do jurídico).

### **2.3 A paródia e a carnavalização em memes: resposta à reportagem “Bela, recatada e ‘do lar’”**

A seleção destes memes foi realizada por meio de busca no *Google* e *Facebook*. As buscas no *Google* nos apresentam memes veiculados em diversas páginas, jornais digitais, blogs etc. Os compartilhamentos dos memes são inúmeros e, por isso, não podemos saber exatamente quem os produziu e compartilhou pela primeira vez. Além disso, muitos blogs e jornais divulgaram e noticiaram o movimento virtual (que ocorreu nas redes sociais) da *hashtag* #belarecatadaedolar e, em meio à divulgação compartilharam memes que foram encontrados nas redes sociais. Essa explicação justifica que há casos de memes analisados, aqui, que foram encontrados fora das redes sociais, devido à busca no *Google*, porém é importante afirmar que os memes que aparecem nos veículos que não são as redes sociais estão ali como exemplo, sendo noticiados, pois foram antes compartilhados nas redes sociais. Não há controle sobre o compartilhamento dos memes, há postagem com milhares de compartilhamentos, uma pessoa compartilha uma postagem e outras compartilham a dessa pessoa. Pelas nossas buscas, selecionamos páginas e não perfis pessoais e também memes com imagens de pessoas públicas, famosas, ou com ilustrações. Porém é possível encontrar memes diversos, muitas pessoas postaram fotos suas de diversas formas, para responder à reportagem.

Em um primeiro momento, separamos os memes que parodiam o título da reportagem, “Bela, recatada e ‘do lar’” e alteram seu sentido não só pela linguagem visual como também pela mudança na linguagem verbal, como podemos verificar na figura 5, em que “bela, recatada e do lar” foi substituída por “bela, visionária e diva dos algoritmos”; isso ocorre nas figuras, 5, 6, 7 e 15. Das figuras 8 a 14 há paródia e a ressignificação ocorre por meio do elemento visual que compõe os memes acompanhados do verbal “bela, recatada e do lar”, sem troca de palavras nessa expressão.

Há também outras questões que nos levaram a organizar os memes da forma como está feito. Há memes com referências ao âmbito do trabalho, da arte e da luta por igualdade. As figuras 5 e 6 (com imagens de Ada Lovelace e Marie Curie) estão no âmbito do trabalho, respondendo, principalmente à expressão “do lar”. Acontece que em muitos casos um mesmo meme se encaixa em mais de um âmbito, como o exemplo da figura 7, que se refere tanto ao trabalho como à luta das mulheres. Este meme tem a imagem que se tornou um símbolo de luta feminista – a mulher mostrando o bíceps – além de fazer referência à entrada da mulher no mercado de trabalho, cujo assunto será mais desenvolvido na análise do meme. Já na figura 8, a visualidade é composta pela imagem de Frida Kahlo, e isso já basta para pensarmos no trabalho, na arte e também na luta política e feminista, visto que a artista tornou-se uma imagem e referência muito utilizada por coletivos feministas. Seguindo essa linha de trabalho, luta e arte, seguem os memes da figura 9, com Carolina Maria de Jesus, e figura 10, com Nina Simoni. Depois temos a figura 11, com mulheres negras fazendo o gesto de luta e trazendo referência à luta das mulheres negras.

Por fim, seguem memes que abordam, dentre outras áreas, o âmbito do comportamento, em que valores morais estão em constante embate, isso responde ao “recatada” exposto na reportagem da revista. Esses memes apresentam o embate com os valores morais por meio de gestos e referências a pessoas e personagens famosas e polêmicas no que diz respeito a valores construídos socialmente. A figura 12, com a imagem de Lady Gaga, já traz à tona a arte e o trabalho por ser ela na foto. Além disso, o que vemos, no caso deste meme, é que, quando ela está fazendo um gesto com o dedo do meio da mão, está bebendo cerveja e está com uma roupa que causou polêmica, quebram-se também valores morais de comportamento que são colocados como adequados ou inadequados a uma mulher, o que responde ao que foi colocado na revista como recatada. Nessa sequência também estão a figura 13, composta por Dercy Gonçalves (conhecida por sua irreverência) com as pernas abertas; a figura 14, com Cassia Eller com as mãos

em sua genitália; a figura 15, com referência ao filme *Ninfomaníaca*, que, embora se encaixe na característica dos primeiros memes que parodiam modificando a construção verbal, encontra-se posicionado ao final e próximo aos demais memes que trazem a quebra de padrões com o grotesco e com referência ao ato sexual.

**Figura 5:** Meme com Ada Lovelace



**Fonte:**

<https://www.facebook.com/cienciahoje/photos/a.218116531551468/1278605505502560/?type=3&theater>  
 . Acesso em 07 Jul. 2019.

Este meme foi encontrado na página de *facebook* chamada *Ciência hoje* (página do Instituto Ciência Hoje, uma organização social de interesse público sem fins lucrativos vinculada à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência). A legenda da postagem é:

#belarecatadaedolar Na década de 1840, Ada Lovelace foi uma das maiores pioneiras da ciência: superou preconceitos que começaram em sua própria família para ficar conhecida como a primeira programadora do mundo. Leia sobre sua história: <http://cienciahoje.tumblr.com/post/64499554962>.  
 #mulheresnaciencia

Neste meme temos a mudança da palavra “recatada” por “visionária”. Segundo a definição do dicionário online Michaelis<sup>11</sup>, a palavra recatada significa:

<sup>11</sup> <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/vision%C3%A1rio/>

1 – Que tem recato; circunspecto, prudente. 2 – Que não quer se expor; que tem modéstia; despretensioso; simples. 3 – Que aparece pouco em público; recolhido. 4 – Que não está à vista; disfarçado, oculto. 5 – Que tem pudor; casto; pudico.

De acordo com a mesma fonte, a palavra “visionário” possui os seguintes significados:

“1 – Que ou aquele que tem visões ou alega ver fantasmas. 2- Diz-se de ou indivíduo de ideais grandiosos. 3 – Que ou aquele que tem ideias excêntricas.”

Vemos, então, que as palavras “recatada” e “visionária” têm significados opostos, quando em diálogo nestes dois enunciados. A primeira se refere a uma postura reservada, que tem como qualidade, segundo o subtítulo, texto verbal e fotografia da reportagem, “aparecer pouco”, o que está relacionado com o fato de ficar em casa e não ter um cargo tão expositivo como o de presidente da República ou o de ser pioneira na programação de computadores; tem como qualidade ser discreta, conforme vimos na análise da visualidade. A segunda aponta um comportamento que vai de encontro com essa qualidade, pois uma pessoa excêntrica e com ideais grandiosos, pela lógica, está longe de ser oculta ou de permanecer fora da vista, como define o dicionário. Essa contraposição é observada também na visualidade a partir dos acessórios, penteados e roupa de Ada Lovelace, que têm uma certa ostentação, são grandes e chamativos, o que traduz não só um estilo daquela época como também sua classe social privilegiada. A pintura de Ada Lovelace, com essa roupa luxuosa que traz um certo exibicionismo com os aparatos na cabeça, o queixo levemente para cima (demonstrando o contrário do que seria “abaixar a cabeça” ou ser submissa), é uma forma carnavalizada de quebrar com o que se estabelece na visualidade da reportagem.

Vimos em 2.4 que carnavalização, segundo Bakhtin (2010a, p.73), converte num jogo alegre e totalmente desenfreado tudo que é sagrado e importante aos olhos da ideologia oficial. Embora essa representação de Ada Lovelace esteja de acordo com a ideologia oficial de sua época, quando posta em contraponto à representação de Marcela Temer, ocorre esse jogo ideológico que quebra com o comportamento oficialmente esperado a partir do que se apresenta na reportagem. Há a seriedade jornalística da reportagem apresentando um modelo de mulher que muito conversa com a ideologia que a submete ao homem (conforme vimos em Saffioti, 1987); e há a comicidade por meio

da paródia e da carnavalização. Esta última aparece na visualidade a partir do cabelo com penteado bem chamativo e nada discreto atualmente, o adorno na cabeça em tamanho considerável e o olhar de cima para baixo, de perfil e sem intenção de um sorriso simpático (como no caso da fotografia de Marcela Temer). Pelo contrário, a expressão facial deste meme (figura 5) causa um distanciamento desse tipo de comportamento que busca seguir determinada regra social, como a de ser simpática. Neste caso, há uma quebra de paradigma estabelecido não só na reportagem como também estabelecido pela história social em que se dá a construção da mulher. História essa marcada pelo patriarcado e, embora já muito questionada e modificada, ainda marcada pelas *forças centrípetas* que estabelecem monologicamente uma oficialidade que tende sempre a conservar valores anteriores (enunciado da reportagem), enquanto as *forças centrífugas* buscam quebrar e trazer o avesso do que é monologizado (meme).

Há também a mudança de “do lar” por “diva dos algoritmos”, já que se trata da matemática e escritora inglesa considerada a primeira programadora de toda a história. Ada foi quem escreveu o primeiro algoritmo para ser processado por uma máquina durante o século XIX. A figura dela é um contraponto histórico a essa ideologia transmitida pela reportagem, já que, tendo vivido entre 1815 até 1852, já naquele período, foi uma mulher que não só exerceu uma atividade de trabalho científico reservada até então para os homens, como também teve grande destaque em sua atuação. Assim, por sua trajetória que rompeu com os padrões vigentes sobre ser mulher em uma sociedade patriarcal, a imagem dela usada no meme compõe um discurso de oposição aos valores no âmbito de trabalho dos quais a expressão “do lar” está carregada. A contraposição entre a expressão “do lar” e “diva dos algoritmos” também apresenta uma quebra exagerada e carnavalizada, pois substitui-se o que há milênios é considerado a tarefa não só básica de uma mulher, como a única a ela permitida – cuidar da casa – por uma atuação da mulher não só em um âmbito irrisoriamente frequentado por mulheres, como também foi uma atuação que deu um grande passo de que hoje a humanidade toda usufrui e, nessa grande discrepância apresenta também oposição de forma cômica e exagerada à ideologia oficial. Contribui também com a construção dessa dissonância o uso do termo “diva”, que, segundo o dicionário *Michaelis*<sup>12</sup>, tem os seguintes significados:

- 1 Divindade feminina; deusa.
- 2 Musa inspiradora, em geral para artistas.
- 3 Mulher de beleza excepcional, formosa.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/diva/>

- 4 Atriz de teatro ou cinema, reconhecida pela beleza e talento.  
5 Cantora de ópera notável, famosa; prima-dona.

Em boa parte das definições, há o destaque da mulher em determinada área de atuação, isso desobedece a ordem social que coloca a mulher como sendo “do lar” por um lado e, por outro, reforça a ideia da beleza, como podemos ver na definição de “diva” no item 3 no dicionário. Ou seja, por um lado reforça a beleza e por outro o destaque em uma atividade.

A palavra “bela” traz contextos diversos quando atrelada a ambas as imagens. Na matéria da revista *Veja*, associada a Marcela Temer, a palavra pode ser tida como um reforço dos padrões de beleza do momento representados pela figura dela. Associada à figura de Ada, a palavra “bela” pode também reforçar esses padrões, mas traz à tona a fluidez do conceito de belo já que, para o seu tempo, Ada Lovelace era uma mulher da alta sociedade que se vestia e representava os padrões de beleza vigentes no momento, assim como Marcela.

**Figura 6:** Meme com Marie Curie



**Fonte:** <https://twitter.com/PiadasNerds/status/722873188145700864>. Acesso em 07 Jul. 2019

Esse meme foi veiculado no *twitter* pelo perfil do “piadasnerds”, conforme podemos ver no logo colocada no meme. Como os demais, vem acompanhado da *hashtag* #belarecatadaedolar, além da legenda “Do Lar, do Bar, do Lab... De onde elas quiserem!”.

Polonesa, nascida em 1867, Marie Curie foi a primeira mulher do mundo a ganhar o Prêmio Nobel. Foi cientista, formada em física e matemática e dentre seus grandes feitos está a descoberta da radioatividade. Recebeu em um primeiro momento o Prêmio Nobel de Física e depois o de Química, o que a tornou a primeira pessoa a ser premiada duas vezes.

Segundo Saffioti (1987, p. 14),

Na tentativa de inculcar nos seres humanos a ideologia da “inferioridade” feminina, recorre-se, frequentemente, ao argumento de que as mulheres são menos inteligentes que os homens. Ora, a Ciência já mostrou suficientemente que a inteligência constitui um potencial capaz de se desenvolver com maior ou menor intensidade, dependendo do grau de estimulação que recebe.

A partir disso, a autora apresenta uma reflexão sobre o estilo de vida de um homem e o de uma mulher enquanto fatores de influência na inteligência de ambos. Ela traz o dito popular “lugar de mulher é em casa” como algo “eloquente em termos de imposição da ideologia dominante” (1987, p. 14) e conclui que o estilo de *vida de homem* é com mais estímulos por frequentar mais ambientes em relação à *vida de mulher* que segue essa ideologia dominante acima apresentada, pois esta teria menos estímulos para desenvolver as potencialidades. A partir disso, então, há o argumento de ter poucas mulheres dentre grandes cientistas, artistas e demais campos do trabalho (como vimos no início desta seção) como sendo resultado de uma inferioridade da inteligência feminina. Porém, deve-se saber que, segundo Saffioti (1987, p. 14),

Os portadores e divulgadores desta ideologia esquecem-se de medir as oportunidades que foram oferecidas, ou melhor, negadas às mulheres. Ao se atribuir a elas a responsabilidade praticamente exclusiva pela prole e pela casa, já se lhes está, automaticamente, reduzindo as probabilidades de desenvolvimento de outras potencialidades de que são portadoras.

Diante do exposto, podemos compreender a ideologia da legenda que acompanha o meme “Do Lar, do Bar, do Lab... De onde elas quiserem!” que compõe a construção o enunciado concreto postado. Quando o meme parodia o título da reportagem substituindo “do lar” por “do lab” contrapõe-se à ideologia que restringe a mulher ao lar, assim como contrapõe-se a uma ideologia que impõe regras às mulheres quando acompanhado da

legenda que repete a expressão “do lar”, mas adiciona outras, concluindo que quem decide é a própria mulher. Essa construção verbal manifesta a voz social que se opõe ao que é estabelecido pelo patriarcado, sistema que hierarquiza a relação entre homem e mulher, em que esta é submetida àquele, lembrando que, como dissertado em 1.2, segundo Melo (2017, p. 37), vozes sociais “são concepções de mundo, opiniões concretas, perspectivas socioideológicas, pontos de vista, visões de mundo.”

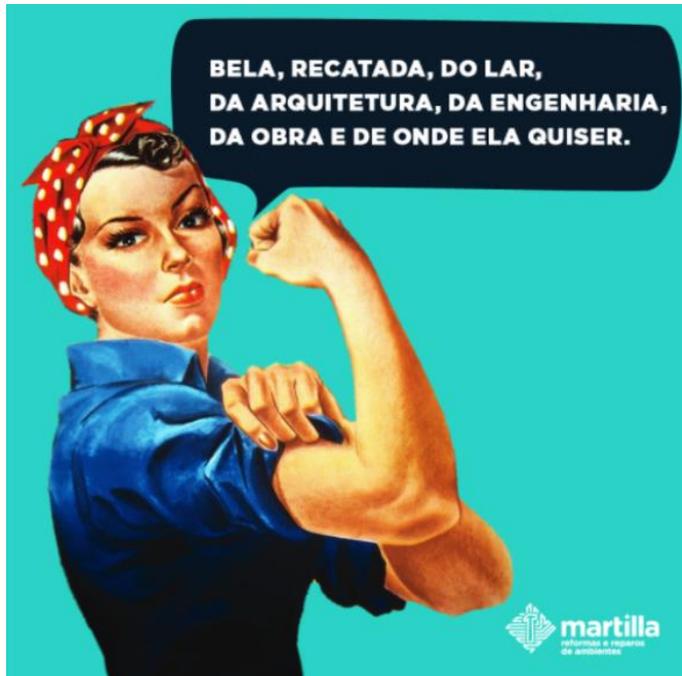
Essas vozes sociais são multiformes e constituem o jogo de forças ideológicas expressas no enunciado concreto e nessa atividade dialógica vemos o constante movimento entre centralização e descentralização verbo-ideológicas parodiando, contrapondo, polemizando.

Até então vemos um padrão mantido com relação ao tipo de roupa que cobre quase todo o corpo dessas mulheres quando observamos a dimensão visual dos enunciados. Neste meme da figura 6 não é diferente. A cientista está usando uma roupa que cobre seus braços, seu colo e até mesmo uma parte do pescoço. O cabelo também se encontra preso em todas as representações pictóricas dessas mulheres. Podemos observar que o cabelo longo e solto é algo que, em épocas remotas, as mulheres não podiam exibir com naturalidade como ocorre atualmente. O cabelo preso em uma cultura que não tem restrições quanto a isso é uma opção de praticidade na realização de determinada tarefa ou uma opção estética para determinada ocasião, como uma festa. Portanto, prender o cabelo também tem a ver com estar bem apresentável, arrumar-se ou ir a um salão de beleza. Nos casos das figuras 5 e 4, Ada Lovelace e Marcela Temer estão fora da situação de trabalho e o cabelo preso compõe a produção estilística de ambas, que traduz, dentre outros aspectos já apontados, suas classes sociais elevadas. O rosto de Marie Curie quase não aparece, seu corpo está coberto com uma roupa cheia de panos, não utiliza brincos, não há sinais de maquiagem, nem mesmo um batom, nem esmaltes nas unhas e seu penteado é desprezioso, sem intenção de ser vistoso. Ainda que não haja ostentação, é possível compreender a representação de uma mulher de classe social alta, devido à sua roupa alinhada e a seu trabalho de grande destaque, além dos prêmios que ganhou. Trata-se também de uma mulher branca, o que demonstra um espaço social de privilégio, conforme vimos no início dessa seção com a explicação de Saffioti (1987) sobre as diferenças entre gênero, classe e raça.

Embora sua roupa não condiga com um contexto de trabalho em laboratório, ela segura tubos de ensaio trazendo o foco para o seu trabalho como cientista. Adicionado a isso, ela não está olhando para a câmera, mas sim para seus instrumentos de trabalho que

estão sendo elevados e colocados no centro da imagem, o que ressalta, acima de tudo, o reconhecimento desta mulher pelo seu trabalho como cientista. Sua roupa é preta, bem como os tons de toda a imagem, que se dá em tons de cinza e preto. Dentre esses tons, há, em destaque, o tom azul de uma substância dentro do recipiente que ela segura. Isso confere, mais uma vez a atenção a seus feitos no campo da ciência, visto que foi ela quem descobriu alguns elementos químicos hoje componentes da tabela periódica, como o polônio e o rádio. Essa construção imagética dialoga diretamente com a substituição da expressão “do lar” por “do lab”. Essa troca gera uma forte característica do gênero meme, que é o humor, como vimos em 1.3. Mais uma vez vemos o sério e o cômico em diálogo. O primeiro diz respeito à quebra de padrões sociais que impedem mulheres de terem sua liberdade de escolha, ou de conseguirem transgredir uma ordem social que não proporciona às mulheres oportunidades para desenvolverem seus potenciais, como vimos em Saffioti (1987). O segundo aparece com a carnavalização e a paródia trazendo releituras do que é ser “bela, recatada e do lar” a partir da discrepância entre a mulher descrita na reportagem e a mulher representada neste meme.

**Figura 7:** Meme com Rosie The Riveter



**Fonte:**

<https://www.facebook.com/soudeexatas/photos/a.1630103523893195/1739119736324906/?type=3&theater>. Acesso em 07 Jul. 2019.

Este meme foi veiculado pela página de *facebook* chamada *Sou de exatas*, com a seguinte legenda “#BelaRecatadaeDoLar As mulheres são lindas aonde elas quiserem estar. ❤️<3.” Como a própria página se define, trata de assunto sobre exatas e sobre o universo universitário. No logotipo embaixo, no canto direito, está escrito “Martilla reformas e reparos de ambientes”, ou seja, foi utilizada por essa empresa, que, além de utilizar essa imagem, que faz menção à inserção da mulher no mercado de trabalho, também traz à tona uma área de atuação com raras mulheres trabalhando.

Primeiramente, tratemos da história desta imagem. Criado por J. Howard Miller em 1943, foi um cartaz para a empresa *Westinghouse*, nos EUA, com o objetivo de incentivar as mulheres americanas a trabalharem fora de suas casas, pois estavam passando pelo período da Segunda Guerra Mundial. Conforme vimos em Saffioti (1987, p. 12), durante o período de guerra “as mulheres assumem as funções antes desempenhadas pelos elementos masculinos”.

A mulher retratada é uma personagem, chamada Rosie the Riveter (Rosie, a Rebitadeira), inspirada em uma música de 1942, *Rosie The Riveter*, de Redd Evans e John Jacob Loeb. A canção trata sobre as operárias neste contexto de trabalho extra lar, enaltecendo essas mulheres. A mulher representada chama-se Naomi Parker Fraley, norte-americana que participou da força de trabalho feminino durante a guerra.<sup>13</sup> Segue a imagem, que é composta não só pela figura da mulher como também há o texto verbal “We can do it!” (Nós podemos fazer isso!).

**Figura 7a:** Imagem original Rosie The Riverter



13 Segundo matéria da página <https://www.huffpostbrasil.com/2018/01/24/quem-foi-naomi-parker-fraley-a-mulher-que-inspirou-o-simbolo-feminista-we-can-do-it-a-23342135/>. A matéria baseia-se na pesquisa de James J. Kimble, professor da Universidade Seton Hall, que encontrou a mulher ilustrada no cartaz.

**Fonte:** [https://pt.wikipedia.org/wiki/We\\_Can\\_Do\\_It!/#/media/Ficheiro:We\\_Can\\_Do\\_It!.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/We_Can_Do_It!/#/media/Ficheiro:We_Can_Do_It!.jpg). Acesso em 07 Jul. 2019

Embora criada neste contexto, esta imagem tornou-se um símbolo do movimento feminista a partir da década de 1980. Da perspectiva do feminismo, a imagem passou a representar a força das mulheres em luta por suas conquistas sociais. Já foram feitas várias releituras deste cartaz, ao longo da história. Uma delas é o meme em questão.

No meme da figura 7, há, mais uma vez, a voz que afirma que a mulher deve ter liberdade de escolha, mesmo que essa escolha seja ser “do lar”, mas que seja algo pelo que a mulher pôde decidir. E se pensamos no que Saffioti (1987) disse sobre oportunidades de estímulos, está relacionada com a escolha da mulher essa condição social e material que permita uma tomada de decisão diante de possibilidades oferecidas ou permitidas. Mais uma vez, vemos aqui a menção a um universo de trabalho há muito ocupado por homens, alguns, como a arquitetura, atualmente já é muito frequentado por mulher, porém, outros, como engenharia e obras, ainda são frequentados majoritariamente por homens.

Pensando neste viés do trabalho e da conquista feminina no mercado de trabalho, há uma rede discursiva entre o contexto dessa imagem e o contexto que se forma com a paródia reproduzida por meio deste meme. É importante que vejamos, neste caso, que o enunciado parodia tanto a imagem original “We can do it” como o título da reportagem. Essa proximidade ocorre quando observamos o seguinte: a imagem original foi transmitida para incentivar as mulheres a irem trabalhar fora de seus lares, a paródia, no contexto de sua publicação, ainda vem incentivar as mulheres a adentrarem ao mercado de trabalho, no caso, a um mercado ainda não muito aberto a ela. Além disso, essa imagem dialoga com o discurso feminista, que utilizou-se dela desde a década de 80 em sua luta pelos direitos das mulheres. Esse discurso aparece na expressão verbal “de onde ela quiser”, reforçando o discurso de liberdade de escolha e de oportunidades às mulheres. O discurso de incentivo à mulher, portanto, é o elo entre a produção e reprodução desta imagem ao longo dos tempos. E a visualidade não fica de fora quanto à construção desse discurso, pois também o compõe a partir do gesto que representa força.

Sua roupa, mais uma vez, cobre grande parte do corpo. Esse elemento, neste caso, remete ao campo do trabalho, que exige determinados trajes, determinada profissionalidade. Novamente, o cabelo encontra-se preso e quase não aparece com o lenço cobrindo parte dele. Vemos que o gesto do braço forte, com as mangas arregaçadas, o olhar desafiador e sério com o queixo levantado e o cabelo dessa forma são marcas que

lembram uma certa masculinidade, se pensamos nos padrões sociais vigentes sobre a mulher muitas vezes colocada como frágil e delicada. Por outro lado, há elementos considerados femininos socialmente, como a sobrancelha desenhada, maquiagem, a unha aparentemente pintada, o cabelo tem um detalhe de penteado, além do de cor vermelha e com bolinhas amarrado com um laço na parte de cima da cabeça. Essas características que trazem à tona os universos femininos e masculinos, como se dão socialmente, dialogam com o verbal, que também apresenta estes dois universos no âmbito profissional, como a expressão “do lar” (em: “bela, recatada, do lar, da arquitetura, da engenharia, da obra e de onde ela quiser”) considerada historicamente como uma área de atuação feminina, e as demais expressões que se referem a trabalhos historicamente marcados pela atuação masculina.

A partir dessas características, também podem ser observados alguns padrões como a necessidade de a mulher se preocupar com o ser bela, reproduzindo os padrões de beleza de suas épocas. Até agora, o meme da figura da figura 6, com Marie Curie, foi o único que não apresentou de forma marcante as características de ser bela diante dos padrões vigentes, como a utilização de maquiagem e demais adornos.

Se pensamos na paródia entre o meme e a reportagem, vemos a substituição dos valores sobre ser bela, recatada e “do lar” a partir da carnavalização, quando parodia o título da reportagem indo de encontro com os valores vigentes sobre a mulher apresentados na publicação da revista. O recato se traduz em força e imposição quando analisamos as posturas imagéticas de ambos os enunciados. Enquanto o enunciado da revista *Veja* apresenta um modelo de mulher que obedece a uma ordem oficial de tempos passados, a imagem remete ao movimento feminista que a utiliza há décadas e que questiona e luta contra qualquer costume que limita a atuação social da mulher. O tema da palavra “bela” já não mais está relacionado à discricção, mas à ação tanto física (braço forte) como ideológica (tomada da própria decisão).

**Figura 8:** Meme com Frida Kahlo



**Fonte:**

<https://www.facebook.com/673184746158497/photos/pcb.844495932360710/844495802360723/?type=3&theater>. Acesso em 07 Jul. 2019.

Este meme foi veiculado pela página de *facebook* de nome *Memória Feminista*, com legenda: “Frida Kahlo #belarecatadaedolar #respostaaveja #vejamachista”. Sobre a página, segue a seguinte definição feita por ela mesma:

Relembrar as abordagens que definiram o debate feminista e destacar marcos da trajetória histórica do feminismo até os dias de hoje. Esta página tem o objetivo de relembrar e colocar em análise algumas das questões geradas ou reconstruídas pelo feminismo, que hoje não podem ser ignoradas por nenhuma reflexão séria sobre política e feminismo. Além disso, também pretendemos abordar assuntos atuais que envolvem nossas lutas, pois estes, apesar de recentes, também entram pra memória e nos empurram para a ação.

Trata-se da fotografia de Frida Kahlo (Magdalena Carmen Frida Kahlo, México, 1907–1954) artista muito reconhecida por suas pinturas e por sua história de vida que foi a conhecimento das pessoas a partir de seu diário íntimo, que foi publicado como livro chamado *O Diário Íntimo de Frida Kahlo*. Segundo Vianna (2003), Frida constrói uma imagem identitária reconhecida e legitimada socialmente em nível nacional e internacional, não só por suas obras como também por sua personalidade que, pelas palavras da autora, é exótica, com ambiguidades e excentricidades causadas pela história de vida marcada por acidentes, cirurgias, abortos, mutilações, traumatismos e várias superações, o que a transforma em um símbolo de mulher forte e resiliente que, apesar dessa realidade, foi uma artista mundialmente reconhecida. Ainda segundo Vianna (2003, p. 72),

Para o processo de consagração e até mesmo de monumentalização de suas figuras, contribuiu ainda uma rede de discursos promovidos pela várias instituições culturais: a crítica, o mercado editorial, os depoimentos pessoais, as entrevistas, as exposições museológicas, a divulgação na mídia, nos periódicos, jornais e revistas, a iconografia amplamente difundida, a recepção na academia, teses, dissertações, estudos críticos vários.

Segundo Bastos e Ribeiro (2007), Frida Kahlo teve poliomielite quando criança, o que atrofiou seu pé e a deixou com uma perna mais fina, que teve que amputar quando já estava perto de sua morte, talvez o acontecimento que mais a deprimiu em toda sua vida. Sofreu um acidente de trânsito no qual fraturou a coluna, a perna que já era debilitada e teve um grave ferimento em sua vagina e útero. Antes do acidente era estudante de medicina, porém, durante sua limitação do repouso quando em recuperação do acidente, Frida inicia seus trabalhos como pintora. Sempre envolvida com a política, já fez parte da juventude comunista durante a Revolução Mexicana (1919 – 1920), quando ainda adolescente. Aos 20 anos aderiu à Liga da Juventude Comunista e mais tarde fez parte do Partido Comunista Mexicano.

Tinha hábitos e formas de ser que transgrediam a ordem de costumes esperados e estabelecidos socialmente. Vestia-se com roupas masculinas e andava com uma bengala devido à sua deficiência na perna. Adentrou um mundo boêmio, após ingressar na universidade, em que teve experiências livres de padrões sociais vigentes, como por exemplo experiências homossexuais. E aqui aproveitamos para discorrer mais sobre a beleza e a mulher baseando-nos em Schuh (2006). A autora discorre sobre a influência da sedução e do feminino nas imagens de Frida Kahlo a partir de aspectos que “falam de sedução até mesmo quando olhamos para o bizarro, o irreal, o bissexual” (2006, p. 176). Ainda segundo essa mesma referência: “O feminino está ligado à beleza, e esta ao corpo, e o corpo à sedução.” Segundo a autora (2006, p. 180),

Lipovetsky (2000) comenta que a invenção da mulher como belo sexo é um fato que vem com o humanismo na Renascença. Antes, caíam sobre o homem as glórias da beleza, a exemplo da arte grega, em que as formas masculinas dominavam o ambiente.

Ainda baseando neste autor, Schuh afirma que a beleza feminina como cultura vigora na modernidade, quando ela se torna um produto/imagem de massa, em um momento histórico que repercute até os dias atuais, com modelos de desfile de moda e estrelas de cinema. A autora analisa as imagens de Frida neste contexto, ao qual é contemporânea e afirma que a artista mexicana é uma mulher com bela figura “no rosto

e no trajar, [...] mas com um corpo deformado por cicatrizes.” (2006, p. 181). Segundo a autora, em busca de ser bela e sedutora, Frida ornamentava-se, usava saia tehuanas para disfarçar suas imperfeições, frutos de seus acidentes, e relaciona isso ao contemporâneo, afirmando que

os trajes, acessórios e modismos inspirados em Frida parecem ter um fim semelhante, a sedução. Agora não através do esconder os defeitos, mas de uma visualidade que remete ao calor do México, à passionalidade de Kahlo, à feminilidade das flores. Ou seja, um estilo semelhante para uma intenção semelhante: a sedutora troca.

Esta troca torna o culto ao corpo, tão evidenciado na contemporaneidade, não um ato narcisista, mas um fenômeno global em que os sujeitos são levados a cuidar da aparência por uma questão muito mais de aceitação social e pertencimento grupal, do que pela satisfação individual. Além disto, a busca de um corpo perfeito está ligada a questões estéticas da forma, que são de fundamental importância em uma sociedade movida pela imagem na qual percebemos que “Há uma erótica dos corpos, isto é, eles, na perspectiva de uma estética generalizada, são fatores de união, criam comunidade” (MAFFESOLI, 1995, p. 149). (SCHUH, 2006, p. 183)

Diante disso, concluímos que, na construção do belo, Frida torna-se uma referência de superação e enfrentamento do que está posto, ressignificando, criando e se reinventando para trabalhar sua beleza e sedução que, como vimos, é um atributo muito valorizado nas mulheres e, ainda que a artista mexicana seja uma referência de emancipação dos padrões, Frida não deixa de se preocupar com essas questões e desenvolve sua beleza e sedução a partir de novas perspectivas estéticas, de forma autêntica. Pois, a imagem da pintora

nunca foi um ícone de beleza, e chegava até mesmo a se retratar de forma bizarra. No entanto, as fotografias encontradas em suas biografias mostram uma jovem muito bonita, cujos enfeites e roupas escondem tanto a dilaceração do corpo doente quanto as dores da alma.

Essas características estão expressas na fotografia que compõe o meme a partir de seu penteado único e seus gestos que traduzem uma espontaneidade na sutileza da pose que revela certa sedução. A sedução, aqui, além de integrar a palavra “bela”, ressignifica o sentido de “recatada”. Quando posta em resposta à fotografia de Marcela Temer, fica nítida a construção de um novo *tema* à palavra “recatada” quando observamos oposição dos braços de ambas as mulheres. Enquanto Marcela os fecha em frente ao seu corpo levemente cruzados, até mesmo o sentido de “mãos atadas” pode ser atribuído à palavra “recatada”. Por outro lado, parodicamente e de forma carnalizada, há a foto de Frida

com os braços não só para cima, um em cada posição, sem ordem ou artificialidade, como também trazendo a ideia de movimento, que, em contraponto ao texto parodiado, remete à liberdade de expressar-se (ideia que é totalmente contrária ao que é recitado). Essa liberdade também é expressa na falta de roupa. Não podemos afirmar se ela está nua por completo, mas vemos a referência à nudez quando sua roupa não aparece na foto. O verbal e o visual neste meme, portanto, constroem uma paródia carnavalesca, que se caracterizavam pela lógica original das coisas ao avesso, que renovavam os signos que se estabilizavam pela ideologia oficial, conforme vimos em 2.4.

Schuh (2006) busca em Lipovetsky (2000) a análise da história do feminino e afirma que o feminino passa por três momentos em um contexto sociocultural, são essas fases as seguintes:

Numa análise da história do feminino, o autor volta aos primórdios das civilizações para encontrar o perfil da *primeira mulher*. Segundo ele, esta mulher era depreciada, vista como um mal necessário à procriação da espécie e a funções sem destaque social. Desvalorizada, a primeira mulher era vista como má e perigosa, recordando o mito bíblico em que é a mulher, Eva, quem faz o homem, Adão, pecar e ser expulso do Paraíso. Também as deusas da mitologia greco-romana são causadoras de intriga, de mal-entendidos e desavenças. Se lembrarmos de Cleópatra, veremos que, mesmo quando reverenciada, a mulher se impunha pela coação, despertando medo, inveja e até a discórdia entre os homens. Já a *segunda mulher* seria uma mulher criada, idealizada e idolatrada a partir do que o masculino espera dela, e desta forma, o feminino aparece subordinado ao masculino, e cujo papel social estaria muito mais ligado a casa e à tradição patriarcal.

Fatos históricos como a revolução sexual nos anos de 60 e 70, a proliferação dos movimentos feministas e até mesmo a própria sociedade industrial – que colocará a mulher no serviço da fábrica – aliados a todo um contexto cultural, irão, cada vez mais, libertar a mulher; culminando no que Lipovetsky (2000) chama de a *terceira mulher*. (SCHUH, 2006, p.177)

Vemos que essa *terceira mulher*, mesmo que liberta de limites e/ou formatos pré-definidos oficialmente, ainda se encontra presa a certos dogmas. Isso fica claro a partir de Saffioti (1987), quando ela afirma que, embora a legislação estabeleça igualdade, as estruturas de dominação não se transformam meramente por meio desta. Em meio a essas prisões às quais as mulheres ainda estão presas estão o ser bela, o comportamento muitas vezes julgado (e talvez por isso ser recitada seja ainda valorado como algo positivo), o trabalho doméstico ainda associado a elas etc.

Na construção (ou desconstrução) dessas normas sociais transmitidas discursivamente, que são apresentadas na reportagem, Frida Kahlo tem importante papel. Segundo Schuh (2006, p. 178),

ela sempre rompeu com as tradições impostas pela sociedade patriarcal e machista – como é a mexicana, e toda a latino-americana – no momento em que escolhia se vestir ora como homem e ora como mulher, e mais do que isto, como índia theuana. Desde muito jovem transitava entre grupos políticos revolucionários, era atrevida, ousada e impetuosa segundo suas biografias, e estas características não se encaixam em nada às descritas por Lipovetsky como pertencentes ao que ele chamou de perfil da segunda mulher.

A artista tornou-se ícone de movimentos feministas, tendo seu nome utilizado em coletivos e páginas virtuais, sendo uma forte representação da mulher em liberdade de escolha. Ela não só representa o rompimento com padrões sociais como representa a liberdade de escolha de estar ou não dentro do pré-estabelecido social e culturalmente. Schuh (2006, p. 179) explica o seguinte:

Temos aqui um paradoxo, se levado em conta que Frida vestia flores, babados e colares extremamente femininos, e outrora aparecia de gravata, ou ainda seduzindo outra mulher. Mas isto também pode ser pensado em relação a sua liberdade, uma liberdade tão grande que a permitia transitar entre os estilos, os gêneros e os modelos, sem perder a identidade e a autenticidade. Ou diríamos melhor: Frida Kahlo já se permitia a construção de uma identidade fragmentada, formada no trânsito entre os grupos que ela escolhia.

Não é a primeira vez que vemos essa *voz social* de liberdade de escolha nos memes aqui analisados. Tanto no verbal do meme da figura 7 (“do lar” e “de onde ela quiser”) como no meme da figura 6, que foi postado com a legenda que também afirma “de onde ela quiser”, como ainda neste meme com Frida Kahlo vemos essa liberdade de escolha sendo reivindicada. Vemos nesse discurso a *compreensão responsiva ativa*, pois, como vimos em 1.3, quem enuncia torna-se também um respondente, ao que se pressupõe e ao que o antecede, pois há um complexo diálogo entre enunciados já ditos e enunciados que estão por dizer. Vemos aqui uma resposta a discursos existentes ou possíveis réplicas que possam trazer ao enunciado o sentido de não poder ser bela ou não poder ser recatada ou não poder ser do lar. Ou seja, já traz a resposta de que a luta é pela liberdade de escolha em que se possa transitar entre diferentes âmbitos, sejam esses considerados masculinos ou femininos.

Por fim, vemos a quebra dos discurso que atribui à mulher o dever de ser do lar quando a expressão “do lar” vem junto com a foto de Frida, que, como vimos, diante de sua história de vida e da construção ideológica por meio de sua imagem, não só não se prendeu a este modelo – em sua época muito mais vigente e menos questionado – como arriscou-se em diferentes situações, tanto política, como acadêmica, artística, moda, boemia. E, adentrar estes espaços quebra não só com o ser “do lar” como também com o ser “recatada”.

**Figura 9:** Meme com Carolina Maria de Jesus



**Fonte:**

<https://www.facebook.com/673184746158497/photos/pcb.844495932360710/844495915694045/?type=3&theater>. Acesso em 07 Jul. 2019

Este meme foi veiculado pela mesma página que compartilhou o meme da figura 8. Este, da figura 9, tem a seguinte legenda: “Carolina Maria de Jesus #belarecatadaedolar #respostaaveja #vejamachista”. É composto pela foto de Carolina Maria de Jesus escrevendo, uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do Brasil, embora ainda desconhecida por muitos. A escritora foi moradora da favela do Canindé, em São Paulo, era cantora e registrava em cadernos o cotidiano da comunidade em que morava. Apesar de ser de Minas Gerais, mudou-se para São Paulo em um contexto de surgimento das primeiras favelas da capital paulista. Embora tenha concluído apenas os primeiros anos da educação básica, ela escrevia sobre relatos a respeito do dia a dia na favela. Estes registros deram origem ao livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicado em 1960, sua obra de maior sucesso. As obras da autora retratam, dentre outras questões, a vida de uma mulher negra da periferia, já que foi escrito por ela, uma mulher que ocupa exatamente essa posição social.

Trata-se de outra “persona” que causa por si só um efeito de sentido de quebra do oficial, e com a foto e a legenda vemos quebra de uma ideologia que subvaloriza a mulher: trata-se de uma escritora, mulher negra, pobre e de poucos estudos. Ela quebra a regra, já que é muito difícil que alguém na situação dela escreva um livro com 100 mil exemplares vendidos e traduções para outros idiomas, sem contar as demais obras.

Segundo Perpétua (2003), Carolina Maria de Jesus se destaca no meio favelado por meio de sua arte, sobrepondo-se à miséria que relata em sua obra citada acima. A autora afirma que a escritora de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*,

desconhecendo as normas linguísticas, recria o mundo da favela em sua plasticidade, cor, som e movimento. Mas uma escrita que também reflete sobre si mesma e sobre as complexas relações entre pobres e ricos, entre intelectuais e iletrados, enfim, entre mundos antagônicos e excludentes, e estabelece com seu leitor um forte laço. (PERPÉTUA, 2003, p. 81)

Machado (2006) também faz uma análise sobre as determinações sociais, históricas, linguísticas e geográficas que permeiam a escrita da autora e como ela e suas obras foram recebidas e aceitas, afirmando que

a autora violou os códigos que sustentavam a imobilidade, perenidade e reprodução da desigualdade social no país, criando, assim, outras significações imaginárias sociais.

Carolina sofreu os efeitos do rompimento com a continuidade. Não por acaso a chamaram de difícil, insubmissa, petulante, geniosa, atrevida, rebelde, transgressora, ousada, explosiva, agressiva, arrogante, desafiadora e, mais tarde, com seu sucesso em declínio, de fracassada, vítima e louca. Mas chamaram-na também de terna, alegre e corajosa.

A partir dessa característica de rompimento com a imobilidade social acima mencionada, a representação de Carolina Maria de Jesus coloca-se em embate com o enunciado da reportagem. Enquanto esse último perpetua uma ideologia que imobiliza a mulher, o enunciado da figura 9 traz a mobilidade e transgressão de uma ordem vigente com a representação da escritora. Neste caso vemos as *forças centrípetas e centrífugas* trabalhando nos dois *gêneros* discursivos. Vemos nesses objetos de comunicação a expressão das relações axiológicas presentes na comunicação social, como vimos em 1.1.

Podemos observar o embate entre essas forças a partir da análise da dimensão visual dos enunciados. Dando continuidade à análise a partir do que representam essas mulheres nos dois enunciados, vemos que, no meme, a mulher é negra e sua roupa não representa nenhum tipo de ostentação, sem adornos e simples contraria totalmente a roupa de Marcela Temer. A partir da história da autora e dessa representação, vemos os discursos sobre raça e classe em um embate ideológico no diálogo desses dois enunciados. Segundo Saffioti (1987, p. 52)

Na “ordem das bicadas” neste país, a mulher negra ocupa a última posição. Ela é duplamente discriminada: enquanto mulher e enquanto negra. De acordo com o modelo oficial, cabem-lhe, fundamentalmente, dois papéis: o de empregada doméstica e o de objeto sexual. Sugere-se ao leitor que preste atenção na publicidade de produtos de limpeza na televisão. Geralmente, o produto é recomendado à patroa branca por uma empregada negra. Nas novelas, nas peças de teatro, as empregadas domésticas são, quase sempre, representadas por atrizes negras.

Diante do exposto, quando o meme parodia o título da reportagem com essa mulher negra que foge a todos esses padrões em contraposição à mulher branca de classe privilegiada representada na fotografia da reportagem, há o avesso do que se tem como regra, em que a mulher não só negra como pobre torna-se artista de grande reconhecimento e respeito, enquanto a mulher branca e de classe alta aparece às sombras de um homem (seu marido Michel Temer).

A palavra “bela”, neste meme, não é representada pela branquitude, pelo sorriso simpático acompanhado de cabelos com penteados, maquiagens, adornos e roupas nobres, mas sim pela mulher negra, na seriedade de seu trabalho e na simplicidade de sua roupa e ausência de adornos. Pelo contrário, seus adornos são os livros e a máquina de escrever.

De forma semelhante ao meme com a fotografia de Marie Curie (figura 6), o recato e o “do lar”, na figura 9, são desconstruídos com o foco no trabalho dessas mulheres, pois ambas aparecem com seus instrumentos de trabalho em primeiro plano nas imagens. Isso evidencia o rompimento dessas mulheres com o discurso de que devem manter-se vinculadas aos estereótipos esperados das mulheres, principalmente nas épocas em que viveram. Sobre os estereótipos, Saffioti (1987, p. 39) afirma que

têm, realmente, a força do molde. Quem não entrar na fôrma corre o risco de ser marginalizado das relações consideradas “normais”. O conceito de “normal” é socialmente construído pelo costume. As inovações são temidas, porque nunca se sabe aonde levarão.

Quando esses memes travam lutas discursivas na atualidade, vemos a retomada da memória da luta de mulheres ao longo da história, luta esta não só por movimentos sociais, ou pelo feminismo, mas também em suas ações que transcendem certa ordem vigente. E o discurso que emerge do diálogo entre reportagem e meme é exatamente o do medo nas inovações que leva ao encaixe, ao costume e ao “normal” de um lado; e o de rompimento com este costume, o de inovações, o do risco de ser “anormal” de outro lado.

**Figura 10:** Meme com Nina Simone



**Fonte:**

<https://www.facebook.com/673184746158497/photos/pcb.844495932360710/844495842360719/?type=3&theater>. Acesso em 07 Jul. 2019.

Este meme, figura 10, também foi veiculado pela mesma página que compartilhou os memes das figuras 8 e 9. Aparece com a seguinte legenda: “Nina Simone #belarecatadaedolar #respostaaveja #vejamachista”. Cantora, compositora e pianista, a americana é um forte nome do Jazz. Nascida em 1933, na Carolina do Norte, Nina era também ativista pelos direitos civis dos negros nos EUA.

Nina Simone colocou sua força artística a serviço da denúncia do racismo e da luta pelos direitos civis. A canção *Mississippi Goodman* torna-se um marco no engajamento da pianista, compositora e cantora, pois expressa sua revolta e tristeza com o assassinato, em 1963, de quatro crianças negras - Denise McNair, 11 anos, Cynthia Wesley, Carole Robertson e Addie Mae Collins de 14 anos -, numa igreja de Birmingham, levado a cabo pela Ku Klux Klan, e assinala seu ingresso na luta pelos direitos civis liderada por negros como Malcolm X, Martin Luther King, entre outros. (JUNIOR; CARNEIRO, 2016, p. 174)

A artista começa a tocar piano quando criança, na igreja que frequentava, ainda sem estudos. Sua mãe era empregada doméstica e a mulher para quem trabalhava impressiona-se com o talento de Nina Simone e lhe paga aulas de piano. Inicia-se, então, sua formação em piano clássico. A cantora e compositora também teve auxílio de um fundo para financiar seus futuros estudos, com arrecadação de dinheiro dos habitantes locais e forma-se na escola de música Julliard, em Nova York. Sua vida foi marcada pelo racismo desde cedo, quando ia à casa da professora em uma área de brancos nos EUA segregacionista, quando se negou a tocar aos 12 anos quando seus pais foram retirados das primeiras cadeiras da plateia para dar lugar a um casal de brancos, quando foi reprovada no *Curtis Institute of Music* – que ela alega ter sido por racismo, embora não fora comprovado.<sup>14</sup> Esses obstáculos não foram suficientes para impedi-la de tornar-se uma grande artista. Segundo Queiroz (2017, p. 68),

Nina Simone é lançada à condição de estrela, virando “tópico de discussão em publicações que cruzavam divisões raciais, políticas e culturais” (FELDSTEIN, 2005: p. 6), como grandes veículos de comunicação (*Time*, *New York Times*), passando por revistas de entretenimento (*Variety*), raça (*Ebony*) e de crítica especializada em jazz (*Downbeat*). Sendo saudada como uma das mais proeminentes e importantes cantoras da década, seu estilo de tocar, misturando erudito e

---

<sup>14</sup> QUEIROZ, R. P. F. What Happened with “What Happened, Miss Simone?”? – Assistindo ao Documentário Pela Ótica do Feminismo Negro. *Cadernos de Estudos Sociais e Políticos*, vol. 7, nº 12, p. 66-70. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.academia.edu/37536192/Dossi%C3%AA - Interfaces entre Ra%C3%A7a G%C3%AAnero e Classe Social. Cadernos de Estudos Sociais e Pol%C3%ADticos v.7 n.12 2017>

popular, nunca conseguiu ser enquadrado de forma estanque, colocando-a em um lugar de difícil classificação entre o bebop cerebral de Charlie Parker e Dizzie Gillespie e o standard jazz de Louis Armstrong e Duke Ellington, pois sua música reunia a erudição do primeiro e a forma popular do segundo. (FELDSTEIN, 2005)

A partir desta posição alcançada, Nina Simone quebra barreiras que são impostas pela questão de gênero e raça em uma sociedade moldada pelo patriarcado e pela segregação racial. Segundo Ruth Feldstein (2005 *apud* QUEIROZ, 2017, p. 69), “o pioneirismo de Nina Simone transpassa as influências no campo da cultura e vai antecipar temáticas que vão nortear discussões dentro de movimentos políticos como o Black Power e o Feminismo Negro.”

Quando a figura desta mulher é colocada na paródia à reportagem da revista *Veja*, mais uma vez vemos a própria história da pessoa representada trazendo lutas e embates com a ideologia oficial de seus contextos sociais históricos e culturais. A própria personalidade pública dessas mulheres já carnavaliza toda a representação de uma mulher descrita como bela, recatada e “do lar”, pois apresenta exatamente o avesso dessa mulher renovando os signos que se enquadrariam na ideologia oficial.

A expressão de Nina Simone neste meme traz à tona a perspectiva do sério e do cômico a partir de sua expressão séria, com a “cara fechada”; a voz séria emerge da perspectiva de quem luta contra costumes e discursos que estabelecem poderes hierárquicos; a voz cômica é expressa quando essa expressão séria de Nina Simone transfigura-se em um olhar de incredulidade e/ou desprezo ao sorriso de Marcela Temer acompanhado do título “Bela, recatada e do ‘do lar’”. O enunciado, representando Nina Simone com este olhar, nesta situação concreta em que se realiza, constitui uma reprovação deste padrão de mulher da reportagem. Afinal de contas, a artista representa uma mulher, negra, desbravadora de um mundo a ela tido como inacessível, em tempos cujas ideologias racistas e patriarcais eram mais fortemente praticadas nos EUA, enquanto em tempos de maior emancipação da mulher e menor segregação racial ainda estabelecem-se padrões femininos baseados em preceitos já questionados exatamente por mulheres como Nina Simone.

**Figura 11:** Meme com fotografia feita por Pirkle Jones, em uma manifestação do partido dos Panteras Negras



Fonte: <https://www.hypeness.com.br/2016/04/minas-se-revoltam-e-mostram-como-sao-belas-recatadas-e-do-lar/>. Acesso em 07 Jul. 2019.

Esse meme foi encontrado em uma matéria no site *Hypeness*, cujo assunto era exatamente o movimento de resposta, nas redes sociais, à reportagem da revista *Veja*. Essa fotografia<sup>15</sup> foi feita por Pirkle Jones, em uma manifestação do partido dos Panteras Negras, em Oakland, nos EUA. Foi uma manifestação, em 1968, em apoio a Huey P. Newton, afro-americano revolucionário e ativista político, um dos fundadores do Partido dos Panteras Negras, uma organização de esquerda afro-americana em trabalho pelo direito de autodefesa para afro-americanos nos Estados Unidos.

Essa fotografia que remete à luta de mulheres negras coloca-se em embate com o modelo de mulher branca e de classe social elevada representado na reportagem. Esse confronto entre esses dois enunciados traz à tona a situação de escravidão que mulheres negras passaram. Segundo Davis (2016, p. 17), “o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel

<sup>15</sup> Pirkle Jones, “Black Panthers from Sacramento, Free Huey Rally, Bobby Hutton Memorial Park, Oakland, CA,” August 25, 1968. (Courtesy University of California, Santa Cruz). Disponível em: <https://gregcookland.com/wonderland/2019/03/27/black-panthers/>

como trabalhadoras”. A autora contrapõe essa realidade à das mulheres brancas que ocasionalmente são esposas, mães e donas de casa segundo a ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos. Dentre essa realidade, as mulheres negras eram praticamente anomalias, nas palavras de Davis (2016, p. 18). Além disso, a autora ainda afirma que a exaltação ideológica da maternidade – tão popular no século XIX – não se estendia às escravas, pois, enquanto propriedade, eram consideradas apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escravo, sendo, então, “reprodutoras”.

Ainda sobre as diferentes construções sociais entre mulheres brancas e negras diante da ideologia dominante que estabelece o papel da mulher como sendo “do lar”, sigamos com as palavras de Davis (2016, p. 24):

À medida que a ideologia da feminilidade – um subproduto da industrialização – se popularizou e se disseminou por meio das novas revistas femininas e dos romances, as mulheres brancas passaram a ser vistas como habitantes de uma esfera totalmente separada do mundo do trabalho produtivo. A clivagem entre economia domésticas e economia pública, provocada pelo capitalismo industrial, instituiu a inferioridade das mulheres com mais força do que nunca. Na propaganda vigente, “mulher” se tornou sinônimo de “mãe” e “dona de casa”, termos que carregavam a marca fatal da inferioridade. Mas entre as mulheres negras escravas, esse vocabulário não se fazia presente. Os arranjos econômicos da escravidão contradiziam os papéis sexuais hierárquicos incorporados na nova ideologia. Em consequência disso, as relações homem-mulher no interior da comunidade escrava não podiam corresponder aos padrões da ideologia dominante.

Devido a este cenário, as tarefas domésticas tinham importância na vida social de escravas e escravos e não diminuía as mulheres negras como acontecia com as mulheres brancas, ainda segundo Davis (2016).

Quando este meme, como um enunciado concreto, responde com uma fotografia de mulheres negras em luta a um modelo de mulher apresentado como sendo bela, recatada e do “do lar” é importante que busquemos as raízes dessa luta representada pela linguagem visual e vemos que essa luta está intimamente ligada principalmente com o âmbito do trabalho.

A luta das mulheres negras não para na abolição do sistema escravista, as consequências dessa atrocidade históricas em muitos países do mundo reverberam até os dias atuais, sendo necessária ainda a constante luta por manter o conquistado e ainda melhorar a situação em que se encontram. Vemos isso no próprio *corpus*, que ilustra o

embate discursivo, a luta social que ainda existe no âmbito da desigualdade de gêneros, raça e classe.

Na luta pelo direito ao voto, iniciada no começo do século XX, as mulheres negras (que compunham um quarto da força de trabalho na primeira década do século) “na condição de mulheres que sofriam com a combinação das restrições de sexo, raça e classe, elas tinham um poderoso argumento pelo direito ao voto” (DAVIS, 2016, p. 149). Porém, o movimento sufragista feminino não abriu as portas a essas mulheres, devido ao racismo.

Quando analisamos os embates ideológicos entre os enunciados analisados, vemos vozes sociais em embate diante da luta das mulheres brancas e da luta das mulheres negras. A construção deste meme remetendo à luta das mulheres negras vem não só parodiar o título da reportagem quebrando o padrão de mulher estabelecido, mas também dialoga com todo o movimento virtual que está parodiando a reportagem. Coloca-se também em diálogo com as representações de mulheres brancas em luta por suas liberdades. Como vimos nos memes das figuras 6, 7 e 8, a classe e raça das mulheres representadas são de privilégio, segundo suas próprias representações imagéticas. Este enunciado, portanto, amplia o diálogo entre discursos múltiplos presentes nas lutas sociais e integra a luta das mulheres sem esquecer a questão racial, muitas vezes esquecida pelo movimento de mulheres brancas, como ocorreu no movimento sufragista.

**Figura 12:** Meme com Lady Gaga



Fonte: <https://www.diariolasamericas.com/americas-latina/brasilenas-indignadas-reportaje-la-esposa-vicepresidente-temer-fotos-n3765746>. Acesso em 07 Jul. 2019.

Temos aqui o meme com a Lady Gaga (figura 8), cantora de grande reconhecimento no âmbito da música pop e caracterizada por sua extravagância principalmente no que se refere ao figurino. Nesta foto do meme, ele estava em um jogo de baseball (Nova York), ao qual ela foi apenas de calcinha e sutiã, e uma jaqueta preta que foi vestida quando sentiu frio. Quando os repórteres tiram a foto, ela faz o gesto mostrando o dedo do meio. A partir de uma sequência de fotos da cantora, o meme parodia o título da reportagem de forma carnalizada e trazendo o grotesco.

Guedes (2015) parte dos estudos de Bakhtin (2010a) sobre o grotesco na carnavalização e afirma que

O grotesco também tem destaque em sua função crítica, partindo de comportamentos e atitudes sociais que geram reações de estranhamento e quebram paradigmas da conduta normalizadora em situações do cotidiano, além de ser usado como um instrumento sedutor na busca pela atenção da população para um problema social.

O problema social em todo esse movimento virtual que responde a enunciados de revistas é a desigualdade entre homens e mulheres em uma sociedade patriarcal. Esse problema social aparece em discursos que ecoam nos enunciados analisados. Os memes respondem aos paradigmas de condutas normalizadoras expostas na reportagem e este, em específico, faz isso a partir do grotesco, não só fazendo um gesto considerado fora dos costumes de educação, mas também é um gesto que deixa clara a mensagem de desprezo e rebaixamento do discurso da reportagem, considerado machista, da perspectiva dos memes, e produzindo a posição da cultura e ideologia oficiais. Ou seja, vemos um comportamento não oficial da mulher, pois este ato insere-se em uma sociedade que naturaliza o gesto obsceno quando relacionado a um homem, porém ainda há uma parte que se choca quando feito por uma mulher.

Este ato grotesco ou, pelas palavras de Bakhtin (2010a, p. 25),

essas grosserias (nas suas múltiplas variantes) ou expressões, como “vai à ...” [como o caso de mostrar o dedo no meme], humilham o destinatário segundo o método grotesco, isto é, elas o enviam para o baixo corporal absoluto, para a região dos órgãos genitais e do parto, para o túmulo corporal (ou os infernos corporais) onde ele será destruído e de novo gerado. (BAKHTIN, 2010a, p. 25, comentário nosso)

Na sequência de fotos podemos identificar a resposta à reportagem por meio da visualidade. Enquanto Marcela Temer aparece de forma comportada, dentro da cultura e ideologia oficiais, Lady Gaga aparece indo além desse comportamento, não só com seus

atos e gestos fotografados como também por toda a polêmica de seu traje. Já comentamos a posição das mãos de Marcela em contraste à posição e movimento de Frida Kahlo. Neste meme, esse contraste encontra-se ainda maior, pois, em contraposição à representação com “mãos atadas”, primeiro Lady Gaga aparece bebendo cerveja, um hábito, por muito tempo pertencente ao universo masculino; depois ela mostra o dedo do meio, o que traz o grotesco e também o obsceno; em seguida ela está sorrindo e com as mãos em movimento, o que traz ideia de liberdade.

Com relação à roupa, também há uma quebra de paradigmas, visto que, na fotografia, vemos o sutiã dela, com seus ombros à mostra e com decote. Seu cabelo também não segue uma linha considerada vigente entre mulheres ao longo da história, pois o que é apresentado é um cabelo curto sem intenção de estar arrumado, de certa forma está um pouco bagunçado. Também não há adereços, como brincos e anéis, o que aparece na fotografia de Marcela Temer e que é um costume comum entre mulheres.

Não há discricção neste meme da figura 12, o que desconstrói todo o recato e discricção expressos na reportagem. Aqui, a mulher está com um batom vermelho, unhas vermelhas e cabelo descolorido com uma bandana, o que exprime certa autenticidade e carnaliza o padrão estabelecido na reportagem sobre ser bela, recatada e “do lar”.

O meme divide sua formação em três fotos que correspondem, respectivamente, ao ser bela enquanto toma cerveja; ao ser recatada enquanto faz um gesto que simboliza um xingamento, quebrando com qualquer discurso que coloque a mulher em um zona de delicadeza comportada; e por fim “do lar” está na parte da imagem que ela está sendo espontânea. Essa espontaneidade conversa com os discursos presentes nos outros memes, que remetem à decisão da mulher sobre ser o que deseja fazer, como o exemplo dos memes que substituem, na legenda da postagem ou no próprio meme, a expressão “do lar” por “de onde ela quiser”.

Neste caso vemos a relação dialógica entre os enunciados na realização concreta da comunicação, além da ideologia, intrínseca ao processo comunicativo vivo definindo o gênero nas situações, temas, significados e expressões que estabelecem a forma relativamente estável do gênero. Neste caso o meme. Como vimos em 1.3, a axiologia também é inerente ao enunciado concreto e, conforme já citamos, mas reiteramos aqui, segundo Bakhtin (2010, p. 297) “é impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva”. Sobre o que

vai adquirindo estabilidade nesses memes, além do verbo-visual e do humor, também vemos esse discurso de liberdade de escolha da mulher.

Outra questão desenvolvida em 1.3 sobre o gênero meme é sobre apresentarem humor e trabalharem com notícias de um âmbito político transpondo-as a um âmbito ficcional e humorístico, com personagens que são personalidades ou não. A seleção dos memes deste trabalho envolve personalidades do âmbito científico, artístico e de movimentos histórico sociais – mulheres no movimento negro e da luta para ingressar no mercado de trabalho. Outra característica desse gênero é que têm textos curtos e com componentes linguísticos, cognitivos, ideológicos e culturais que geram ruptura e humor.

**Figura 13:** Meme com Dercy Gonçalves



**Fonte:**

<https://www.facebook.com/ClodovilRealista/photos/a.467216736645333/1181607685206231/?type=3&theater>. Acesso em 07 Jul. 2019.

Esse meme foi encontrado na página de *facebook* chamada *Clodovil Realista*, com legenda da postagem: #belarecatadaedolar. A página tem a seguinte descrição: “Polêmico, autêntico, irreverente, ácido: a verdade doa a quem doer.”

Neste meme há a foto da Dercy Gonçalves, um ícone de irreverência devido a seus comportamentos que vão de encontro com os padrões vigentes na sociedade em que viveu e que mantém esses padrões ainda. Seus comportamentos questionam a ordem social

dominante ao longo de sua trajetória de vida. Como podemos ver no início de sua carreira como artista, ela escolhe seu nome artístico por medo de seu pai não permitir essa profissão, já que, na época, mulheres artistas eram associadas a comportamentos tidos como desmoralizantes, como a prática da prostituição. Já aos 89 anos de idade (1991), ela desfilou no carnaval com os seios à mostra. Além disso tem falas marcantes de suas entrevistas como "Sou uma mulher independente, nunca mais precisei de dinheiro de homem. Eu ganho, resolvo meus problemas, decido minha vida, não gosto de conselhos. Não sei se agrado. Se eu desagrado sendo assim, f\*\*\*-se."<sup>16</sup>

Neste meme a expressão “Bela, recatada e do lar” juntamente com a imagem desta pessoa de pernas abertas e deitada em cama de casal, constrói o sentido que quebra o discurso da reportagem, pois enquanto ela apresenta como “bela” uma mulher jovem – inclusive bem mais jovem que seu marido – neste meme há uma mulher velha e desassociada de qualquer figura masculina. Além disso podemos observar a desconstrução do comportamento esperado da mulher como sendo “recatada” ou seja, obediente às regras sociais, tanto na postura da foto (pernas abertas) como na própria vida da atriz. Com relação à expressão “do lar”, podemos remeter a cama ao lar, porém com sentido que não são relacionados aos trabalhos domésticos, considerados por uma determinada ideologia patriarcal como sendo inerentes à mulher.

Temos então uma ressignificação do que é ser “bela”, o que apresenta novas ideias do que é aceito pela sociedade para que uma mulher esteja dentro da beleza. A beleza é muito atribuída à juventude e quando a representação de bela encontra-se em uma mulher da terceira idade, rompe-se com esse discurso. Há uma ressignificação do que é ser “recatada” quando é mostrada a irreverência dessa mulher, na vida e na foto com as pernas abertas. Ademais, há também novos significados do que é “ser do lar”, pode significar atuação da mulher no lar, sem relacioná-la a serviços domésticos, mas sim como aproveitar os prazeres do seu lar.

Também podemos retomar, aqui, a sensualidade e a mulher, conforme já discutiremos na análise do meme da figura 8. Vimos sobre a construção da mulher como belo sexo e da sua relação com a sedução. Essas questões aparecem no meme da figura 13 de forma escrachada. A mulher aparece com maquiagem forte e bem marcada, com adornos e segura um objeto vermelho na mão, que parece uma flor desabrochada, e está

---

<sup>16</sup> Informações segundo o site <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,uma-decada-sem-dercy-goncalves-relembre-a-trajetoria-da-atriz,70002406712>

de pernas abertas deitada em uma cama. Há referência ao ato sexual, e sobre a relação do corpo e com o grotesco, segundo Bakhtin (2010a), essas grosserias enviam para o baixo corporal, para a região dos órgãos genitais. Há sentido ambivalente, regenerador, jocoso e alegre, como o grotesco da Idade Média e do Renascimento, “diretamente relacionado com a cultura popular e imbuído do seu caráter universal e público” (BAKHTIN, 2010a, p. 33). Segundo Guedes (2015, p. 69),

O grotesco é um estilo que data desde a Idade Média e se mantém até a contemporaneidade, podendo ser conceituado como uma categoria estética que tem sido usada em diversas produções culturais em todo o mundo. As intenções deste estilo variam desde provocar o riso de situações que poderiam chocar a moral e o bom senso de uma sociedade, a representar o ridículo ou revelar cenas repulsivas. Segundo Sodré & Paiva (2002, p.60) o grotesco pode ser “encarado como um outro estado de consciência, uma outra experiência de lucidez, que penetra a realidade das coisas, exibindo a sua convulsão, tirando-lhes o véu do encobrimento”.

Este véu do encobrimento é representado, na linguagem visual da reportagem, pelo lenço que cobre os braços de Marcela Temer. Por outro lado, sua retirada é representada grotescamente com as pernas abertas, trazendo a estética carnavalesca que destaca as partes baixas, os orifícios, no corpo grotesco, de forma exagerada e trazendo ousadia e liberdade. Ousadia e liberdade da mulher são discursos presentes em todos os memes aqui analisados e constituem a resposta paródica e carnalizada destes aos discursos de recato e pudor da reportagem.

**Figura 14:** Meme com Cássia Eller



**Fonte:** <https://www.hypeness.com.br/2016/04/minas-se-revoltam-e-mostram-como-sao-belas-recatadas-e-do-lar/>. Acesso em 7 Jul. 2019.

Esse meme foi encontrado em uma matéria no site *Hypeness*, cujo assunto era exatamente o movimento de resposta, nas redes sociais, à reportagem da revista *Veja*.

Trata-se de uma sequência de fotos da cantora Cássia Eller em shows fazendo gestos com a mão que apontam para a genitália feminina. Foi uma cantora de grande influência no rock nacional dos anos 90. Segundo o texto publicado na revista *Rolling Stones Brasil*, edição 63<sup>17</sup>.

O mundo ficou muito mais careta depois que Cássia Eller morreu.”. A frase da servidora pública Maria Eugênia Vieira Martins, que foi companheira da cantora durante 14 anos, pode soar exagerada, mas talvez não seja. Basta observar a influência de Cássia sobre artistas de vozes atuais, com timbres graves: de Paula Fernandes a Ana Carolina, nenhuma delas é tão ousada, criativa, libertária e tem tamanha potência vocal. Enquanto mostrava o seio, coçava os genitais e cuspiu no chão, Cássia Eller dava um toque bem pessoal a canções tão variadas quanto às

<sup>17</sup> Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/relembre-trajetoria-de-cassia-eller-que-faria-50-anos-nesta-segunda-10/>

gravadas por artistas como Edith Piaf, Chico Buarque, Nação Zumbi e Beatles. Porém, longe dos palcos, ela surpreendia pela timidez e pela dificuldade em lidar com o crescente assédio dos fãs. (BRYAN, 2012)

A artista representa várias quebras da cultura e ideologias oficiais do contexto histórico contemporâneo a ela e ainda há quebras atualmente, quando responde ao enunciado da reportagem. Seus trajes e estilo, tanto no corte de cabelo como na forma de se expressar, são vistos de uma perspectiva ideológica vigente como um perfil do sexo masculino. Além disso, trata-se de uma mulher homossexual, o que também vai de encontro com as normas da heterossexualidade, que é um padrão vigente.

Uma estabilidade discursiva presente nestes memes é também a construção dos enunciados verbo-visuais com mulheres que, além de transparecerem suas irreverências nas fotografias, representam isso em suas vidas pessoais e profissionais.

Este enunciado da figura 14, paródico e carnavalizado, apresenta também características trabalhadas por Bakhtin (2010a) quando o autor analisa Rabelais. Como já vimos nas figuras anteriores, a expressão grotesca refere-se às partes baixas do corpo e estava presente nas feiras e praças desconstruindo relações hierárquicas do mundo oficial. Na contemporaneidade, o espaço das redes sociais aproxima-se do espaço das feiras e praças públicas.

A visualidade deste meme traz à tona o discurso de grito por liberdade da mulher por meio de expressões grotescas com essa referência à genitália feminina. Segundo Guedes (2016, p. 72),

Na obra rabelaisiana, o tratamento dado à figura feminina aproxima-se da tradição cômica popular, a voz feminina provém das festas populares da praça pública, do carnaval, é uma voz que ri na face da autoridade. É na cultura popular cômica que a mulher tem seu papel reinterpretado como um ser puro, que traz a vida e a renovação, pois, rememorando as questões sobre o corpo grotesco, é através dos orifícios que nasce o novo e é através dos corpos femininos, que “efetua-se nos limites do corpo e do mundo ou do corpo antigo e do novo; em todos esses acontecimentos do drama corporal, o começo e o fim da vida são indissolivelmente imbricados.” (BAKHTIN, 1987, p. 277). Por fim, o corpo feminino carnavalizado trata-se, pois, de um corpo que assusta e ubiquamente insinua, excita e desconcerta.

A resignificação de ser bela, recatada e “do lar”, que ocorre na construção de sentido entre verbal e visual, dialoga com essa característica analisada por Bakhtin (2010a). A expressão de Cássia Eller neste meme estampa esse corpo feminino carnavalizado, desconcertando com as mãos na genitália, insinuando com sua expressão

fácil, sua boca como quem grita de forma audaciosa. Suas roupas em tom de preto, característica presente no figurino do rock, juntamente com a seriedade de sua expressão facial trazem um tom sério que se funde com o cômico carnavalizado. Como vimos em 2.4, há no gênero meme a proximidade com a atualidade inacabada, a variedade de vozes, a fusão do sério e do cômico, paródia dos gêneros elevados (como o jornalístico o qual o meme parodia), citações recriadas em paródia, com inserção de jargões vivos. (BAKHTIN, 2010a)

**Figura 15:** Meme com cena do filme *Ninfomaníaca*



**Fonte:** <http://www.osul.com.br/bela-recatada-e-do-lar-famosos-viram-memes-na-internet/bela5/>. Acesso em 07 Jul. 2019.

Na Figura 15 temos, na linguagem visual, uma cena do longa-metragem *Ninfomaníaca*, lançado em 2013, do diretor e roteirista dinamarquês Lars Von Trier. A narrativa acompanha os envolvimento sexuais da protagonista Joe (interpretada por Charlotte Gainsbourg). Ela é ninfomaníaca e foi resgatada da rua pelo personagem Seligman (interpretado por Stellan Skarsgård) e relata a ele suas histórias e acontecimentos de uma vida libidinosa, o que traz à tona o tabu existente na sociedade em torno da vida sexual da mulher. Mulher esta representada nesse filme por uma personagem cuja busca pelas sensações de prazer e gozo é incessante e às vezes desesperadora, como um vício, uma dependência. Além da personagem se mostrar distante de moralismos sociais, o próprio filme também quebra moralismos que se encontram em torno de questões sexuais, ao exibir diversas cenas de sexo explícito. Em 2014, uma sequência foi lançada reforçando os mesmos temas e a mesma abordagem.

Na linguagem verbal, o trecho “do lar” é substituído por “do Lars”, fazendo referência ao diretor e roteirista do mesmo filme exposto na imagem.

Esse meme utiliza o questionamento a valores morais expostos no filme *Ninfomaniaca* do diretor Lars Von Trier como um contraponto direto aos valores morais propagados pelo enunciado da revista *Veja*. Os enunciados verbal e visual utilizam o discurso da produção cinematográfica como crítica ao discurso da revista. O filme apresenta com naturalidade comportamentos completamente fora dos padrões propostos pela ideologia oficial. Assim, a voz social que se expressa no meme busca expor esse questionamento ideológico da obra do diretor como forma de “escracho” em oposição à voz séria do veículo de comunicação da mídia tradicional.

Mais uma vez há o sério e o cômico em um jogo discursivo carnavalizado em paródia a um discurso cheio de regras sobre a mulher. A mulher aparece nua com dois homens negros olhando para ela e apalpando seu corpo. A referência ao sexo é explícita e trata-se de um sexo a três, o que também foge do padrão de sexo ocorrer entre duas pessoas. Essa questão desconstrói o conceito de família unida, expresso na reportagem. Saffioti (1987) discorre sobre a família unida na castração do prazer, pois se dá em relações desiguais em que dependência financeira e emocional, culpa e chantagens tomam o lugar dos laços de amor, carinho e solidariedade. Segundo a autora (1987, p. 39),

Os subalternos podem proporcionar conforto e tempo livre aos superiores, mas não o verdadeiro prazer, que é sempre partilhado, dividido com alguém. E este alguém precisa, necessariamente, ser um igual. Entre os desiguais não pode haver senão a partilha do desprazer, das rivalidades, da amargura de viver. Assemelhando-se muito mais a um vespeiro do que a um ninho de amor, a família torna, com frequência, inviável o prazer. Tal como está constituída, com base na relação de dominação-subordinação, a família não reúne as condições fundamentais para educar as novas gerações para o desfrute do prazer.

Embora o prazer do qual Saffioti fala vá além do prazer sexual expresso no meme, vemos esses discursos virem à tona de forma carnavalizada, com a expressão explícita do ato sexual em puro desfrute de prazer e em contraponto a uma relação a dois na constituição de uma família como representada no enunciado da revista *Veja*.

Enquanto por um lado há a quebra de padrões hierarquizantes no que diz respeito à mulher e sua sexualidade, por outro lado emergem discursos hierarquizantes no que diz respeito à questão racial. Segundo Pinho (2004),

Ser negro é ser o corpo negro, que emergiu simbolicamente na história como o corpo para o outro, o branco dominante. Assim, o corpo negro masculino é fundamentalmente corpo-para-o-trabalho e corpo sexuado. Está, desse modo, decomposto ou fragmentado em partes: a pele; as marcas corporais da raça (cabelo, feições, odores); os músculos ou força física; o sexo, genitalizado dimorficamente como o pênis, símbolo falocrático do plus de sensualidade que o negro representaria e que, ironicamente, significa sua recondução ao reino dos fetiches animados pelo olhar branco.

Nessa construção do enunciado com uma mulher branca e dois homens negros em contexto claramente sexual, o discurso sobre essa objetificação do homem negro vem à tona. Mais uma vez vemos o que Bakhtin (2002) nos explica sobre o plurilinguismo que coloca o desenvolvimento da linguagem em constante movimento entre *forças centrípetas* e *forças centrífugas*. Enquanto essas últimas atuam em desconstrução de um recato da mulher, as primeiras atuam em direção a um discurso que mantém a hierarquia entre brancos e negros, hierarquia esta fruto da escravidão e há tempos questionada pela luta social.

A mulher no meme não parece estar muito confortável com a situação, com os punhos fechados demonstrando certa rigidez, um olhar de desconfiada para o homem que lhe acaricia por trás enquanto o outro a olha. Embora este meme se diferencie dos outros enunciados paródicos quanto à representação de mulheres em luta pela conquista de seus espaços, neste meme a força feminina não deixa de aparecer quando vemos os punhos desta mulher. Porém, é nítido que o que vem desconstruir os padrões de bela, recatada e “do lar” é o contexto sexual.

O enunciado responde, portanto, à reportagem, de forma carnalizada e paródica, trazendo a desconstrução, por meio da expressão sexual, do que poderia repreender uma mulher colocando-a como recatada. Além disso, é interessante vermos como os confrontos ideológicos estão presentes por meio tanto das *forças centrífugas* como das *forças centrípetas*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente o que nos chamou atenção para a realização deste trabalho foi o diálogo entre as diferentes mídias (revistas e redes sociais) com maior heterogeneidade de posições políticas e também maior possibilidade de debate, além do contexto de discursos sobre a mulher nas redes sociais.

A dissertação foi desenvolvida em meio aos acontecimentos políticos e às enunciações concretizadas pelas mídias naquele momento. A partir disso e sem um distanciamento temporal parecia que os posicionamentos ideológicos ocorriam de forma polarizada em que as revistas eram conservadoras de um lado e as redes sociais eram transgressoras por outro lado. Porém, no decorrer das análises e com o distanciamento temporal, vimos que o embate ideológico por meio do diálogo entre os enunciados do *corpus* realiza-se de forma complexa e estratificada. Nesta arena discursiva em que forças ideológicas confrontam-se, vimos como ocorre a atuação de forças centrípetas e centrífugas em ambas as mídias, além de compreender, em 2.1, como o cenário é fluido e instável quando se trata do julgamento da população sobre determinado veículo de comunicação ser direitista ou esquerdista, conservador ou progressista.

Analisando os conflitos de valores sobre a mulher na inter-relação dos discursos da mídia impressa de grande circulação, como a revista *Veja e IstoÉ*, e das redes sociais, vimos que o *corpus* demonstrou a complexidade do discurso, que avança em alguns aspectos, porém continua atravancado em outros aspectos, o novo está atravessado pelo velho em um constante processo dialógico.

É importante pontuar, conforme foi considerado, em 2.1, na análise da capa e meme da revista *IstoÉ*, que havia um forte discurso que padronizava a mídia mais tradicional, como essas revistas aqui analisadas, como tendo posicionamentos ideológicos conservadores e de direita. Porém, no decorrer da pesquisa e com o distanciamento temporal, vimos que o quadro político modifica-se e há discursos que designam essa mesma mídia como sendo comunista ou esquerdista. Analisamos o diálogo entre capa da revista *IstoÉ* e enunciado paródico, que responde a essa capa, veiculado nas redes sociais. Ficou nítido, nessa análise, o discurso que atribui à revista valor direitista e conservador, além da clara divergência política entre os enunciados. Embora o foco na resposta tenha sido o de questionar o enunciado como sendo machista, foi possível levantar os conflitos ideológicos sobre a mulher e sobre o então momento político brasileiro. Vimos que, embora a paródia tenha seu caráter de desconstrução do oficial, o enunciado paródico

quebra com oficialidades e hierarquias no que diz respeito à mulher, porém, no âmbito político, as forças atuantes são as centrípetas, que vão ao encontro do governo vigente na época.

Esse movimento discursivo enriquece nossa pesquisa e nos leva ao percurso de compreender o embate ideológico, os conflitos de valores sobre a mulher e como as forças centrípetas e centrífugas atuam nos três gêneros trabalhados (capa, reportagem e meme), nas duas mídias analisadas, seja com posicionamentos políticos, seja com posicionamentos sobre a mulher. Neste evento discursivo que recortamos para desenvolver este trabalho, colocamos em prática a perspectiva de Bakhtin e Volochinov (2014, p. 47) da linguagem em que os signos ideológicos confrontam índices de valor contraditórios, sendo esses signos a arena onde se desenvolve o conflito ideológico.

Para melhor compreensão desse conflito, caminhamos pelas categorias do Círculo de Bakhtin, *ideologia, diálogo, tema, significação, voz social, enunciado concreto* (sobre este usamos os estudos de Beth Brait para compreender a *verbovisualidade*), *gêneros do discurso, paródia e carnavalização*. Diante disso, não só compreendemos como se deram os conflitos ideológicos sobre a mulher como compreendemos o funcionamento linguístico em meio a esse movimento discursivo. Vimos como a ressignificação do tema ocorre na constituição concreta verbo-visual do enunciado, em que imagem e verbal constroem juntos o sentido do enunciado. E vimos que é em meio a essa arquitetura do enunciado que emergem as vozes sociais, os discursos que formam uma cadeia enunciativa ao longo da história, os posicionamentos axiológicos que se concretizam na escolha do gênero do discurso e se revelam na paródia e na carnavalização. Tanto o posicionamento teórico do Círculo de Bakhtin como essas categorias citadas foram trabalhadas na Seção 2, em que dissertamos sobre as obras do Círculo (BAKHTIN, 2000, 2002, 2010a, 2010b, 2010c; MEDVIÉDEV, 2012; VOLOCHÍNOV, 2017, 2013), em que esses conceitos são apresentados, e obras de alguns estudiosos dessa teoria linguística bakhtiniana como: Beth Brait (2007, 2011, 2016, 2017) em seus estudos sobre a verbovisualidade; Cereja (2007); Faraco (2009); Geraldi (2012); Ponzio (2016). Além disso, também trouxemos os estudos de Lara (2018) para melhor compreendermos o gênero meme, e os estudos de Melo (2017) para trabalhar com vozes sociais.

Para, então, compreender a construção social da mulher em meio aos discursos sobre seu comportamento e sobre sua atuação social, dissertamos, na Seção 2, sobre como se dão as relações hierárquicas entre mulheres e homens diante de uma estrutura desigual e analisamos os confrontos ideológicos sobre a mulher nos enunciados coletados. Para

isso começamos com Beauvoir (2016) e Saffioti (1987) para compreender a formação da mulher e as mazelas sociais que lhe afrontam. Mais do que isso, vimos que as relações sociais são desiguais para além da questão de gênero, envolvendo classe e raça, o que corrobora a estratificação social que reflete nos conflitos de valores discursivos, os quais também refratam a realidade social.

Em 2.2, analisamos a reportagem da revista *Veja*, em que é apresentada Marcela Temer, que se tornaria primeira-dama no caso do impeachment de Dilma Roussef. Vimos que duas mulheres foram representadas de formas diferentes em diferentes veículos de comunicação e ambas as representações discursivas geraram polêmicas e respostas que foram veiculadas nas redes sociais. Em meio a esse movimento discursivo, vemos uma mulher em um espaço público, de grande poder – a presidência da República; e vemos uma mulher representada a partir de sua atuação no espaço privado – o lar. Neste momento e partir das análises realizadas em 2.3 (sobre os memes que respondem à reportagem com a *hashtag* #belarecatadaedolar), observamos o quanto os conflitos de valores sobre a mulher, sua dificuldade ou facilidade de independência e emancipação estão relacionadas com sua participação em espaços públicos e privados. Nesse contexto entendemos que nosso trabalho contribui para uma discussão sobre a mulher e sua posição social. A análise dos memes nos conduz a essa compreensão quando a quebra com o padrão de mulher atuante no espaço privado ocorre exatamente por meio da representação de mulheres que conquistaram o espaço público com seus trabalhos, mulheres que deixaram seus nomes e suas ações fixados na história da humanidade, ultrapassando a barreira do espaço privado, o qual, por muito tempo, foi o único permitido à mulher. E, quando um enunciado como o da reportagem intitulada “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’” emerge, um movimento virtual responde de forma carnavalizada e paródica buscando romper com esses discursos retrógrados sobre a mulher e nos conduz a discursos de emancipação da mulher, não só em atuar no espaço público como também ser livre para escolher sua beleza, seu comportamento e seu trabalho. Embora esses discursos descentralizantes estejam fortemente presentes nos memes, vimos, como foi pontuado particularmente em cada meme, algumas centralizações, algumas forças centrípetas que dialogam com o oficial, principalmente no âmbito da construção da beleza feminina e na questão racial. Vimos que os padrões de beleza feminina são reforçados em alguns memes por meio da composição visual. E também vimos forças discursivas que corroboram a hierarquia racial, como quando o padrão de beleza é representado majoritariamente por mulheres brancas e quando o meme da figura 15 (Meme com cena

do filme *Ninfomaníaca*) objetifica o homem negro. Portanto, o conflito ideológico não deve ser pensado de forma polarizada, apresentando complexidades que devem ser estudadas, pois vemos que o discurso de resistência é, em partes, constituído por discursos oficiais.

Por fim, entendemos o movimento discursivo que ocorre de forma responsiva ativa ao longo da história e forma uma cadeia enunciativa em que confrontos de valores são expressos por meio de enunciados concretos, que utilizam-se da complexidade que é linguagem para estabelecer o diálogo. Neste caso, vimos que esse diálogo foi estabelecido por meio da carnavalização e da paródia, antes estudadas por Bakhtin no contexto da cultura popular na Idade Média e do Renascimento, e agora estudadas por nós no contexto midiático em que embates discursivos e construções e desconstruções de hierarquias sociais ocorrem na internet, em redes sociais, entre diferentes mídias. Assim, o trabalho contribui também para refletir essas categorias no gênero meme.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Questões de literatura e estética: A teoria do romance**. 2002

\_\_\_\_\_. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 7ª Edição. São Paulo: Hucitec, 2010a.

\_\_\_\_\_. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

\_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paul Bezerra. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2010c.

BAKHTIN/VOLOCHÍNOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. 16ª Edição. São Paulo: Hucitec, 2014.

BARROS, M. **Matéria de poesia**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BLOGDOJOSÉTOMAZ. 'Grande mídia corrupta' abandona a honestidade para tentar vender polêmicas. Disponível em <<http://rota2014.blogspot.com/2019/07/grande-midia-corrupta-abandona.html>> Acesso em 09 de jul. 2019.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. Polifonia arquitetada pela citação visual e verbo-visual. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n.5, p. 183-196, 1º semestre 2011

\_\_\_\_\_. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v 8, n 2, p. 43-66, Jul./Dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v8n2/04.pdf>> Acesso em: 12 set. 2016.

\_\_\_\_\_. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. **Bakhtiniana**, São Paulo, v 1, n 1, p. 142-160, 1º sem. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3004/1935> Acesso em: 31 jul. 2017.

BRYAN, G. Relembra a trajetória de Cássia Eller, que faria 50 anos nesta segunda, 10. **Rolling Stone Brasil**, 10 de dezembro de 2012. Disponível em <<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/relembra-trajetoria-de-cassia-eller-que-faria-50-anos-nesta-segunda-10/>> Acesso em 28 de jun. 2019.

CEREJA, W. Significação e tema. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2016

DIÁRIO LAS AMÉRICAS. Brasileñas indignadas por reportaje sobre la esposa de vicepresidente Temer. Disponível em <<https://www.diariolasamericas.com/america-latina/brasilenas-indignadas-reportaje-la-esposa-vicepresidente-temer-fotos-n3765746>> Acesso em 08 de jul. 2019.

DICIONÁRIO MICHAELIS. Editora Melhoramentos Ltda. 2018. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/recatado/>> Acesso em 04 de nov. 2018.

\_\_\_\_\_. Editora Melhoramentos Ltda. 2018. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/vision%C3%A1rio/>> Acesso em 04 de nov. de 2018.

FACEBOOK. Think Olga. Disponível em <<https://www.facebook.com/thinkolga/photos/a.289412727860922.1073741826.289405207861674/764431693692354/?type=3&theater>>. Acesso em 29 de dez. de 2017.

\_\_\_\_\_. Ciência Hoje. Disponível em <<https://www.facebook.com/cienciahoje/photos/a.218116531551468/1278605505502560/?type=3&theater>>. Acesso em 04 de nov. de 2018.

\_\_\_\_\_. Clodovil Realista. Disponível em <<https://www.facebook.com/ClodovilRealista/photos/a.467216736645333/1181607685206231/?type=3&theater>> Acesso em 04 de nov. de 2018.

\_\_\_\_\_. Memória feminista. Disponível em <<https://www.facebook.com/673184746158497/photos/pcb.844495932360710/844495842360719/?type=3&theater>> Acesso em 04 de nov. de 2018.

\_\_\_\_\_. Memória feminista. Disponível em <<https://www.facebook.com/673184746158497/photos/pcb.844495932360710/844495802360723/?type=3&theater>> Acesso em 04 de nov. de 2018.

\_\_\_\_\_. Memória feminista. Disponível em <<https://www.facebook.com/673184746158497/photos/pcb.844495932360710/844495915694045/?type=3&theater>> Acesso em 04 de nov. 2018.

\_\_\_\_\_. Mulheres contra o golpe. Disponível em <<https://www.facebook.com/mulherescontraogolpesp/photos/rpp.549782125223545/551202491748175/?type=3&theater.%20Acesso%20em%2007%20Jul.%202019.>>> Acesso em 08 de jul. 2019.

\_\_\_\_\_. Sou de exatas. Disponível em <<https://www.facebook.com/soudeexatas/photos/a.1630103523893195/1739119736324906/?type=3&theater>> Acesso em 04 de nov. de 2018.

\_\_\_\_\_. Caneta desesquerdizadora. Disponível em <<https://www.facebook.com/desesquerdizada/photos/a.260350511015560/502989316751677/?type=3&theater>> Acesso em 09 de jul. 2019.

FARACO, C. **Linguagem e diálogo**: As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERRARA, J. A. GARRAFA. Escrita e reinvenção de si: caminhos para uma prática discursiva feminista. **Garrafa**, Vol. 17, n. 47, p. 166 – 191, Jan./Mar. 2019.1.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos in: Grupo de Estudos de Gêneros Discursivos. **Palavras e Contrapalavras**: Enfrenando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos : Pedro & João Editores, 2012, p. 19-39.

GIMENEZ, L. P. **A mulher contemporânea e o feminino**: um estudo com mulheres inseridas no mercado de trabalho. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo – SP, 2018.

GOOGLE SEARCH IMAGENS. Disponível em <http://static.globalnoticias.pt/storage/TSF/2016/big/ng6551431.jpg> . Acesso em 31 jul.2017.

GRILLO. S. Marxismo e filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. In: VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2017.

GUEDES, I. L. **Marcha das vadias como resposta carnavalizada do feminismo: uma análise bakhtiniana de uma campanha fotográfica**. Data da defesa: 27 de março de 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza – CE, 2015.

HYPENESS. Minas se revoltam e mostram como são ‘belas, recatadas e do lar’. Disponível em < <http://www.hypeness.com.br/2016/04/minas-se-revoltam-e-mostram-como-sao-belas-recatadas-e-do-lar/>> Acesso em 03 fev. 2017.

LARA, M. T. A. **A presença de memes em práticas de ensino/aprendizagem de língua portuguesa**: relações entre humor e ensino de língua materna em cursinhos pré-vestibulares. Data de defesa: 24 de janeiro de 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara-SP, 2018.

LINHARES, J. Marcela Temer: Bela, recatada e do lar. **Veja.com**, 18 de abril de 2016. Disponível em < <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> > Acesso em 29 de dez. de 2017.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2007

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: Introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Ekaterina Vólkova e Sheila Grillo. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MELO, J. R. B. **Vozes sociais em construção**: dialogismo, bivocalidade polêmica e autoria no diálogo entre *Diário do hospício*, *O cemitério dos vivos*, de Lima Barreto,

outros enunciados e outras vozes sociais. Data da defesa: 24 de abril de 2017. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara-SP, 2017.

NIGRIS, M. É. De. Manifestações culturais televisivas: o riso presente na minissérie O quinto dos Infernos. **Bakhtiniana**, São Paulo, v 1, n 4, p. 119-128, 2º sem. 2010. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/viewFile/4304/2908>> Acesso em: 12 set. 2016.

NUNES, B. R.; RAMOS, V. S.; GUERRA, M. O. Bela, recatada e do lar: o estereótipo da mulher perfeita. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0497-1.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2019.

ONU MULHERES BRASIL. Entidade das nações unidas para a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres. **Nota pública sobre a situação política do Brasil**, 24 de março de 2016. Disponível em <http://www.onumulheres.org.br/noticias/nota-publica-sobre-a-situacao-politica-do-brasil/>>. Acesso em 02 jan. 2017.

O SUL. Bela 5. Disponível em < <http://www.osul.com.br/bela-recatada-e-do-lar-famosos-viram-memes-na-internet/bela5/>> Acesso em 08 de jul. de 2019.

PERPÉtua, E. D. Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, n. 22, p. 63-83, 2003

PIADAS NERDS. Bela, recatada e do lab. Disponível em < <http://piadasnerds.etc.br/bela-recatada-e-do-lab/>> Acesso em 03 fev. de 2017.

PINHO, O. Qual é a identidade do homem negro? **Democracia viva**. n 22, p. 64-69. Jun. Jul. 2004.

PONZIO, A. **No círculo com Mikhail Bakhtin**. Tradução de Valdemir Miotello, Hélio M. Pajeú, Carlos A. Turati e Daniela M. Mondardo. São Carlos: Pedro&João Editores, 2016.

QUEIROZ, R. P. F. What Happened with “What Happened, Miss Simone?”? – Assistindo ao Documentário Pela Ótica do Feminismo Negro. Dossiê - Interfaces entre Raça, Gênero e Classe Social. **Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**, Rio de Janeiro, v 7, n 12, p. 66-70. 2017.

REVISTA ISTOÉ. Editora três. Edição 2417. 06 de abril de 2016.

REVISTA ÉPOCA. Editora Globo. Edição 632. 26 de junho de 2010.

ROSENFELD, D. **O que é democracia**. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987

SCHUH, I. C. **A prospecção pós-moderna da comunicação visual no imaginário de Frida Kahlo**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, 2006.

VIANNA, H. L. Tinta e sangue: o diário de F Tinta e sangue: o diário de Frida Kahlo e os ‘quadros’ de Clarice Lispector. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 11 (1), p. 71-87, jan. Jun. 2003.

VOLOCHÍNOV. V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2017.

\_\_\_\_\_. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização e tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

WE CAN DO IT!. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=We\\_Can\\_Do\\_It!&oldid=54455409](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=We_Can_Do_It!&oldid=54455409)>.

Acesso em: 8 mar. 2019.

WITZEL, D.G. “Discurso, histórica e corpo feminino em antigos anúncios publicitários.” Alfa. São Paulo, 58 (3), p. 525 – 539. 2014. Disponível em

<<file:///C:/Users/maril/Downloads/DISCURSO-HIST%C3%93RIA-E-CORPO-FEMININO-EM-ANTIGOS-AN%C3%94NCIOS-PUBLICIT%C3%81RIOS.pdf>>

Acesso em 02 jan. 2017.